

FEV
200
PRETO

A TRAVESSIA DO POPULAR NA CONTRA-DANÇA DA EDUCAÇÃO

José Pereira Peixoto Filho

A TRAVESSIA DO POPULAR NA CONTRA-DANÇA DA EDUCAÇÃO

O Movimento de Educação de Base: Análise da Experiência
do Estado de Goiás

José Pereira Peixoto Filho

Dissertação submetida como requisito parcial para
a obtenção do grau de Mestre em Educação

Orientador: Osmar Fávoro

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
RIO DE JANEIRO

1985

Para

Cacã, companheira que com seu amor
e incentivo, comigo estive nos sor
risos e nas lágrimas de reescrever
esta travessia.

Para

Esperança e Maria Clara, o renascer

Agradecimentos

A todos aqueles que durante os anos de existência do MEB/Goiás, realizaram naquele Estado o trabalho político-educativo, cuja riqueza possibilitou a produção desta dissertação. Agradeço-os assim de maneira geral, para não incorrer no risco do esquecimento de todas as contribuições, embora faço-o de maneira destacada à Equipe Central composta por: Maria Helena de Souza, Darcy Chaves, Maria Alice Martins, Maria Aparecida Siqueira, Irene Machado Garibaldi, Emília Gomes dos Santos, Maria Izabel Ramos Jubê, Gaudência Portela Rezende, Darcy Costa, Elizabeth Hermano, Nazira Fátima Elias, Neli de Souza Dantas, Eurípedes Cunha Dias, Alda Maria Borges, Pêrola Campos, Francisco Luís Portela, Santana Alexandre Azevedo, Wellington Cortes, Waldenora Carvalho, Neder Badauy, Odilon de Souza, João Chicó da Silva, Sebastião Alexandre de Azevedo, Benjamin Lopes Pereira e Izídio Ferreira dos Santos.

A Maria Alice Martins, Carlos Brandão, Elizabeth Hermano e Nazira Fátima Elias, pelo incentivo a mim dado através de discussões, críticas e sugestões e também colocando a disposição todo o material por eles guardados. Pelo carinho com o qual me receberam em suas casas, onde várias vezes e durante vários dias realizei parte das entrevistas.

A Alda Maria Borges Cunha, Darcy Costa, Nazira Fátima Elias, Irene Machado Garibaldi, Emília Gomes dos Santos, Maria Izabel Jubê, Gaudência Portela Rezende, Odilon de Souza, Wellington Cortes e Ney Rocha Cunha, os quais num encontro cheio de emoções e sentimentos se dispuseram a ser entrevistados, para que se pudesse resgatar este pedaço de nossa História. Não tenho dúvida de quanto foi difícil realizar estas entrevistas; difícil para vocês e difícil para mim. Acredito eu, que muito nos ajudou o carinho de Dona Nena, a ela os meus agradecimentos pelos biscoitos de queijo.

Aos Monitores, alunos e líderes locais, sem os quais seria impossível a concretização do MEB/Goiás. Em especial a Aristeu, Dona Antonia, Dona Maria Joana, Arnaldo Porto, Oseavū Josê, Josê Moreira, Dona Neuza de Souza Lima.

A Vera Jacoud e a Marina Bandeira pelas valiosas entrevistas e con
tribuições sobre as origens e formulação do Movimento de Educação de Base.

A Osmar Fávoro pela orientação e pelas discussões através das quais
contribuiu para a produção desta dissertação.

A Maria da Graça Floriano pela doação de todo o seu arquivo e mate
rial do MEB.

Ao IESAE pela oportunidade de estudos e de reflexão durante o perío
do em que realizei os cursos. A CAPES pela bolsa de estudos durante os
cursos e ao CNPq que financiou a recuperação da documentação e a organiza
ção dos arquivos do MEB e parte da pesquisa.

Em especial a Maria do Carmo de Lacerda Peixoto pelo carinho com o
qual a mim me incentivou durante as minhas idas e vindas para realizar es
te trabalho. Pelas críticas e pela leitura rigorosa da primeira redação de
le. A ela, a Esperança e a Maria Clara, nossas filhas, ele pertence.

Cuando tanto se sufre sin sueño y por la sangre
se escucha que transita solamente la rabia,
que en los tuétanos tiembla despabilado el odio
y en las médulas onde continua la venganza,
las palabras entonces no sirven: son palabras.

Manifiestos, artículos, comentarios, discursos,
humaredas perdidas, neblinas estampadas,
que dolor de papeles que ha de barrer el viento,
que tristeza de tinta que ha de barrer el agua!

Ahora sufro lo pobre, lo mezquino, lo triste,
lo desgraciado y muerto que tiene una garganta
cuando desde el abismo de su idioma quisiera
gritar lo que puede por imposible, y calla,

Siento esta noche herida de muerte las palabras

(Rafael Alberti)

Resumo

No final da década de 50, durante o Governo Juscelino Kubitschek, uma série de gestões foram feitas entre o Estado brasileiro e a hierarquia da Igreja Católica, no sentido de buscar soluções para os problemas das populações pobres do País. No bojo destas questões, confluíram interesses e novas alianças foram estabelecidas entre estes dois poderes, para que fossem realizadas ações junto às referidas populações.

Entre as diversas propostas de trabalhos junto às camadas populares, uma delas, o Movimento de Educação de Base - MEB, concretizada através de um convênio entre a Presidência da República e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, em março de 1961, no Governo Jânio Quadros, assume especial importância nos períodos seguintes, surgindo como uma alternativa para a educação das camadas populares no meio rural. Este Movimento realizou um amplo espectro de trabalhos de educação popular, no campo da alfabetização e das mobilizações sociais dos setores camponeses, nas áreas de sua atuação.

Os profissionais aos quais coube levar adiante estes trabalhos foram, na maioria dos sistemas do MEB, fundamentalmente, militantes e ex-militantes da Juventude Universitária Católica, quadros da Ação Popular e pessoas, que mesmo não sendo militantes de nenhum destes setores da esquerda brasileira, a eles aliaram-se, objetivando realizar um projeto de educação que contribuisse para as mobilizações sociais e conseqüentemente, para as transformações das estruturas vigentes do País, ao lado de também realizar um dos objetivos fundamentais do MEB, que era a alfabetização das grandes massas camponesas e urbanas.

Este estudo privilegiou o sistema do MEB/Goiás, por compreender que este, não só realizou em profundidade a proposta do MEB, como também trouxe para a educação brasileira, através de seus trabalhos concretos, contribuições que nos permitem avançar nas questões da Educação Popular em geral e, em específico, no que se refere à alfabetização de adultos.

R E S U M E

À la fin des années cinquante, au cours du Gouvernement Juscelino Kubitschek, des tractations ont été développées entre l'État Brésilien et l'Eglise, dans le but de s'attaquer aux problèmes des populations pauvres du Pays. Au cours de ces négociations, des intérêts se sont composés et de nouvelles alliances se sont établies entre ces deux pouvoirs en vue du développement d'une action concertée auprès de ces populations.

Parmi les différents projets d'action existant, le MEB - Mouvement d'Education de Base -, fruit d'un accord signé en 1961 entre la Présidence de la République, occupée à l'époque par Janio Quadros, et la Conférence Nationale des Evêques du Brésil - CNBB, apparaît comme une alternative d'éducation pour les couches populaires des campagnes. Ce Mouvement s'est revêtu d'importance grandissante à travers la réalisation d'un large éventail d'activités d'éducation populaire, d'alphabétisation et de mobilisation sociale des paysans dans les régions concernées.

Les professionnels attachés au développement de ces actions d'éducation étaient des militants ou ex-militants de la Jeunesse Universitaire Catholique et de l'organisation Action Populaire, ainsi que des individus qui s'étaient alliés à la gauche brésilienne en vue de réaliser un projet d'éducation capable de mener, outre l'alphabétisation de grandes masses urbaines et rurales, les mobilisations sociales nécessaires à la transformation structurelle du Pays.

Cette étude fait l'analyse particulière du MEB de l'état de Goiás, dans l'idée selon laquelle ce mouvement y a réalisé en profondeur son projet, apportant à l'éducation brésilienne, à travers ses travaux concrets, des contributions qui ont permis de faire avancer les questions de l'Education Populaire en général, et de l'alphabétisation d'adultes, en particulier.

S U M Á R I O

	Pág.
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I — A ORIGEM	20
1.1 Possibilidade de Surgimento	27
1.2 A Colaboração: A Igreja assume o seu papel	36
1.3 O Governo Jânio Quadros e a Concretização do MEB	39
1.4 A Igreja assume o Seu Projeto de Educação de Base	43
CAPÍTULO II — A CHEGADA	53
2.1 O MEB em Goiás	54
2.2 O Primeiro Treinamento da Equipe	56
2.3 As Primeiras Escolas	59
2.4 O Período de Expansão	62
CAPÍTULO III — A MUDANÇA	72
3.1 O 2º Treinamento	73
3.2 A Nova Perspectiva	78
3.3 A Supervisão	88
3.4 O Encontro	89
3.5 A Animação Popular	92
3.6 A Comunidade se Reúne	124
3.7 O Programa "Nossô Mutirão"	136
Conclusões	149

	Pág.
CAPÍTULO IV — O I CONGRESSO DE MONITORES	151
4.1 O Encontro de Trabalhadores e Estudantes	156
4.2 A Realização do I Congresso de Monitores	159
Conclusões	171
CAPÍTULO V — A Crise de 1964 e o Novo Processo de Alfabetização	173
5.1 A Avaliação do ano de 1963	173
5.2 O Governo Mauro Borges	176
5.3 O exercício de criação dentro da repressão	183
5.4 O desafio da Alfabetização	189
CONCLUSÕES	211
BIBLIOGRAFIA	219
Anexo I	224
Anexo II	227
Anexo III	244

Introdução

A reflexão e o debate que ocorrem na atual conjuntura do País sobre "as questões populares": religiosidade popular, teatro popular, educação popular, medicina popular etc., trazem de novo à tona uma problemática já levantada em nosso passado recente por alguns movimentos educativos ligados às camadas populares brasileiras: Centros Populares de Cultura (CPC); Movimento de Educação de Base (MEB); Movimento de Cultura Popular (MCP) e Campanha "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler",¹ que tiveram forte expressão no início da década de 60.

A conjuntura econômica que marca o período de formulação e existência da maioria destes movimentos caracteriza-se pelo desenvolvimentismo. Esta faz com que surjam necessidades de uma maior participação de toda a sociedade civil, seja no nível da produção, sejam em nível das decisões. Por outro lado, dentro do jogo político marcadamente populista, e caracterizado por uma crise de hegemonia, onde a permanência dos grupos oligárquicos de nenhum modo se reduz somente à preservação de suas conexões; ela se associa também às novas formas que assumem as suas relações sociais e políticas.² Resultado de um Es

¹ Goes, Moacir. *De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, (1961-1964): Uma Escola Democrática*, Rio, Ed. Civilização Brasileira, 1980, 209p. il.

² Weffort, Francisco. *O Populismo na Política Brasileira*, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1978, p.119.

tado em crise, crise que acirra no Governo João Goulart e Estado que necessita para sua renovação e mudança, alianças complexas entre grupos e setores de classes diferentes, cujas práticas de alguma maneira estavam ligadas a padrões de conduta política e social e postos em vigência pela velha burguesia oligárquica. Segundo Francisco Weffort, a peculiaridade do populismo frente a outros tipos de movimentos populares, é que em nenhum dos seus grupos componentes aparece a título de representante dos interesses gerais das classes a que pertencem. Esta peculiaridade está em que ele é constituído através de alianças apenas tácitas entre grupos de classes sociais diferentes e subordinado aos limites impostos pelo *status quo*. Entretanto, é importante assinalar, pelo particular significado que assume dentro do processo produtivo, nestas alianças, a presença das classes populares, que embora também subordinada dentro do mesmo jogo político, constituem-se num fator poderoso e peculiar de pressão e de busca de democratização do Estado. Historicamente, em todos os movimentos as pressões derivadas das lutas por salários, melhores condições de trabalho etc., nunca estiveram dissociadas das lutas por direitos políticos e sociais mais amplos.

Nesse sentido o populismo desenvolvimentista prometia um futuro melhor uma vez que o progresso da nação se estenderia a todos com abundância de oportunidade e a geração de riquezas: empregos, melhores salários, mercadorias, estradas, escolas etc.

As grandes metas do desenvolvimento. E ainda reforçava os aspectos de liberdade e representatividade da democracia liberal. Isso tinha um significado muito específico para uma população que guardava a memória suficientemente fresca de uma fase de restrições políticas.³

Mas, uma questão fundamental que se coloca no período populista para o problema das alianças, é a dos líderes e dos partidos cujo reconhecimento da legitimidade da dominação é dado nas circunstâncias concretas em que as classes populares se formam de maneira não diferenciada de ascensão, o que as leva a identificar no *status quo* aqueles que se solidarizam e promovem as condições de ascensão. As razões para esta identificação devem ser buscadas dentro das condições estruturais e históricas que são também as condições de crise do Estado, das instituições políticas e nas quais as relações entre os grupos dominantes, encontram-se também em crise de hegemonia, o que faz com que a identificação se dê com líderes e partidos políticos de algum modo associados previamente ao *status quo* mas, que possam ser percebidos como identificados com os interesses populares de maior participação social e política.

Esta conjuntura levou também a uma recolocação de problemas na área da Educação e Cultura, nos seus pontos considerados mais críticos e tidos como entraves ao desenvolvimento do

³ Bezerra, Aída. "As Atividades em Educação Popular", Suplemento 17 - CEI nº 22, Rio de Janeiro, Tempo e Presença Editora Ltda., 1977.

País, tais como: analfabetismo, formação de mão-de-obra especializada, formação de recursos humanos de nível médio e superior. Assim é, que a partir da discussão sobre o analfabetismo, são levantados questionamentos em torno da participação da grande maioria da população brasileira. Em consequência disto, alguns educadores brasileiros, vão colocar a participação política dentro da problemática de Educação e Cultura, na busca de soluções para as grandes questões nacionais. Cabe destacar aqui a importância histórica de Paulo Freire, que com seus trabalhos teóricos e a elaboração de uma metodologia para a alfabetização das grandes massas e da educação popular, vai influenciar profundamente não só os trabalhos deste período, como toda a educação brasileira e mesmo fora do País nas décadas posteriores.

Dentro das questões levantadas anteriormente, não se pode deixar de considerar a discussão teórica no campo da direção moral e intelectual da sociedade civil. Esta, na maioria das vezes tende a levar-nos a aceitar que as ideologias das classes dominantes e dos grupos que detêm o poder atuam de formas tão poderosas e as difundem de maneira tal que passam a exprimir todas as orientações importantes desses grupos e classes, alienando ou substituindo as ideologias dos grupos e das classes populares. Entretanto, se estas afirmações podem ser válidas para a educação escolar (e pesquisas existem que defendem e tentam comprovar que a educação é apenas um processo de reprodução das relações sociais dominantes, portanto também das

ideologias dominantes) o mesmo não se pode dizer, pelo menos com tanta certeza, dos chamados *processos informais* de educação.

A Educação é um processo que passa por uma prática que é também política, portanto integrante de todo o processo histórico da sociedade. Historicamente, a escola é um dos instrumentos utilizados pelas classes dominantes como forma de transmissão de seu saber e na formação de seus intelectuais orgânicos, ao mesmo tempo em que nela se desenvolve uma prática político-ideológica que se encaminha para a formação de uma consciência que é fundamentalmente para a dominação e para a reprodução dos seus valores.

Considerando as experiências de educação de adultos desenvolvidas no Brasil, principalmente as relativas ao início da década de 60, torna-se necessário levar em conta toda a riqueza que as envolveu: a recuperação e o incentivo que trouxeram à cultura popular, em todos os seus aspectos; a rapidez com que os camponeses e proletários se conscientizaram e criticaram as mistificações ideológicas em que se encontravam envolvidos; certos matizes e elementos criativos das ideologias dominadas que passaram a exprimir em formas inesperadas; e sua capacidade organizativa para a solução de problemas próprios. E, nesse sentido, novos modos de educar e formar foram criados e experimentados.

Por outro lado, a questão da *conscientização* é colocada mais explicitamente no início da década de 60, através das forças de esquerda que atuaram na época. O papel desempenhado, em especial, pela Ação Popular (AP), nas formulações teóricas e nas discussões desta questão é de fundamental importância para o período. Neste sentido, os seus teóricos produziram os textos básicos através dos quais deixam claras suas concepções sobre o *processo de conscientização* e suas visões do Homem, da Cultura e da História, bem como da Revolução Brasileira.⁴ Estas visões vão tornar-se as demarcações teóricas para a formulação dos movimentos de educação e cultura popular do período.

O objeto do estudo

Para os idealizadores e formuladores das propostas dos movimentos de educação e cultura popular que surgiram no início dos anos 60, quase sempre intelectuais representantes das classes médias, parecia claro que a condução de todo o processo de transformação e de mudança social e política que se esperava, fosse operada também em nível da ideologia. Nesse sentido a Educação como um processo que é também ideológico, será de fundamental importância e pode trazer contribuições específicas

⁴ Souza, Herbert José de. et alii. *Cristianismo Hoje*. Rio de Janeiro, Ed. Universitária, 1962. (Caderno de hoje, 1).

Vaz, Henrique de Lima. *Consciência Histórica, Cultura e Ideologia*. Transcrição de notas de aulas, s.d.

Id. *ibid.* *Uma Reflexão sobre a ação e a ideologia*. Transcrição de exposição oral no Encontro de fundação da AP, Belo Horizonte, junho 1962.

Id. *ibid.* *Consciência e realidade nacional. Síntese Política, Econômica e Social*. Rio de Janeiro (14): 92-105, abr./jun. 1962.

para as transformações e mudanças sociais. Assim, a Educação é uma prática social e como tal deve ser vista como mediadora das demais práticas sociais. Se a vemos como um processo que busca, através da reflexão consciente sobre a realidade, a elaboração de soluções para os problemas que o homem enfrenta, quer seja no seu cotidiano (e aí ela assume também uma função prática imediata), quer seja enquanto momentos e espaços onde se permite pensar projetos mais amplos, contribuindo assim para a reflexão da realidade social.⁵

Entretanto, algumas questões de fundo devem ser melhor esclarecidas. Tais questões referem-se não só às propostas, como também às práticas educativas desenvolvidas pelos referidos movimentos, estando elas diretamente ligadas às orientações por eles imprimidas durante o desenrolar de suas atividades junto às camadas populares, rurais e urbanas.

Entre os movimentos que atuaram no campo da educação e Cultura Popular, o Movimento de Educação de Base (MEB) representa uma das experiências mais significativas já realizadas no País, dada a sua originalidade enquanto proposta de educação de base, a sua capacidade de mobilização e de atuação em grande parte do território nacional (Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Leste). As indagações sobre a prática por ele desenvolvida deverão ser

⁵ Peixoto Filho, José Pereira. Educação de Adultos: Uma questão de métodos? *Tecnologia Educacional*. Rio de Janeiro (40), maio/jun. 1981.

entendidas dentro do contexto das relações entre a Igreja e o Estado, entre a Igreja e a Sociedade Civil e mais ainda, a conjuntura específica do populismo, na qual foi possível não só o surgimento como o desenvolvimento de sua fase mais produtiva e mais rica.

No período ao qual se refere este estudo, 1961 a 1966, o MEB desenvolveu um espectro bastante amplo de atividades, comumente chamado de educação de base, tais como: alfabetização, conscientização, mudanças de atitudes, instrumentação das comunidades, inicialmente centrada nas escolas radiofônicas e posteriormente desenvolvidas como atividades de animação popular.

Retomando a problemática, levantada anteriormente, da direção intelectual e moral da sociedade civil, para entendermos melhor as atividades do MEB, é importante lembrar que perdura a questão bastante polêmica da direção dos processos políticos. Torna-se relevante neste particular o problema da hegemonia e conseqüentemente as dificuldades que se estabelecem para a sua conquista, seja da hegemonia *intra* classes, seja da hegemonia *entre* classes. Esta questão do ponto de vista de um trabalho educativo, portanto do ponto de vista da Pedagogia, coloca dilemas bastantes sérios quando se trata de trabalhos *com o povo*. Na prática de educação popular desenvolvida pelo MEB entre 1961 e 1966, os chamados agentes de educação popular (técnicos, professores, monitores, animadores etc.), buscaram caracterizar os componentes ideológicos das classes populares e organizar em

suas elaborações, com graus variáveis de manipulação, as ideologias dominadas em suas múltiplas formas de manifestação, empregando técnicas, métodos e recursos, muitas vezes simples e artesanais, mas bastante criativos quanto à comunicação com o povo.

Estes instrumentos e meios, na maioria das vezes, se utilizaram da própria história e da experiência comum das pessoas envolvidas, tais como os recursos da tradição oral de transmissão de conhecimentos, envolvidos e baseados nas relações afetivas e interpessoais que as próprias comunidades possuem e criam para suas formas de sobrevivência no dia-a-dia, através do trabalho, da religião, do lazer etc., permitindo uma maior divulgação das ideologias dominadas para setores mais amplos da sociedade, ganhando, portanto em amplitude e conquistando aliados.

A investigação à qual me propuz procurou recuperar e analisar os efeitos reais deste trabalho, nos seus níveis pedagógicos e metodológicos, assim como a sua efetiva contribuição para a formação de uma consciência que aponte para uma hegemonia das classes ou grupos populares.

Entretanto, é necessário salientar que dentro das relações com o Estado, no que se refere ao grau de dependência ou de autonomia das experiências de educação popular, a prática mostrou que quando as mesmas tenderam a crescer — e se se leva em conta o tamanho da área geográfica, o volume de recursos necessá

rios, a administração exigida, e o objetivo de querer alcançar grandes massas — as dependências com o Estado tiveram que ser estreitadas atrelando-se às suas políticas, seja para garanti-lo como fonte de recursos ou mesmo objetivando poder exercer algum efeito de pressão na elaboração de políticas e participar da tomada de decisões estratégicas dirigidas ao setor educacional.

O Estado no Brasil historicamente se tem marcado por um extremado centralismo, que tenta dizer e impor — através de seus múltiplos canais — quais devem ser os interesses da Nação, do qual os grupos e frações de classes acostumaram-se tradicionalmente a pedir tudo e a esperar respostas para quase todos os seus problemas. Este centralismo levou o Estado no início dos anos 60 a operar um controle político-financeiro evidente, tanto nos casos em que ele mesmo foi a origem das experiências, quanto nos casos em que as instituições e/ou grupos da sociedade civil as criaram e depois se colocaram sob sua tutela.

As nossas questões se colocam em nível de que, mesmo e apesar destas características, a dinâmica da sociedade civil brasileira neste período, em muitos casos, permitiu que aflorassem circunstâncias favoráveis ao desenvolvimento de experiências com relativa autonomia e mesmo setores tidos como apáticos ou mesmo inexpressivos, populações do campo, como já exemplificamos, que contando com o apoio de lideranças firmes, conscientes e sustentadas pelas instituições mobilizadoras, passaram a se articular em busca das soluções de seus problemas.

Entretanto, apesar das tentativas de análises teóricas já realizada sobre estes movimentos, carecem os mesmos de estudos mais aprofundados e mais detalhados sobre as suas práticas educativas, no que de particular conseguiram desenvolver, seja em nível pedagógico, técnico e metodológico, seja no nível da elaboração teórica com que cada um deles contribuiu para o processo educativo do País.

Vários estudos tem sido realizados sobre os movimentos de Educação e Cultura Popular no Brasil durante os anos 60. Estes estudos procuram em geral analisar criticamente as perspectivas político-pedagógicas dos referidos movimentos. Destacaremos, aqueles que ao nosso ver representam as contribuições mais significativas para as suas compreensões. Sobre Educação Popular, no início dos anos 70, foi produzido por Carlos Rodrigues Brandão e editado na Argentina pela Siglo XXI sob a responsabilidade de Júlio Barreiro, em 1974, o estudo teórico *Educación Popular y Proceso de Concientización*; em 1973, Vanilda Paiva publicou sua tese de mestrado defendida na PUC-RJ em 1972, *Educação Popular Educação de Adultos, contribuição à história da Educação Brasileira*, Ed. Loyola; e em 1980, Paulo Freire e o Nacional Desenvolvimentista, Editora Civilização Brasileira S/A em 1974. Celso de Rui Beisegel publica sua tese de doutorado, *Estado e Educação Popular*; em 1977/78, Aida Bezerra publica nos cadernos I e II do Centro Ecumênico de Informação (CEI), *As Atividades em Educação Popular*; e Silvia Maria Manfredi, *Política e Educação Popular*, tese de mestrado defendida na USP; em 1979,

Lúcio Kreutz defende tese de mestrado no IESAE/FGV sobre *Os movimentos de educação popular no Brasil, de 1961-64*; em 1982, Celso de Rui Beisegel, *Política e Educação Popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. Sobre o CPC e MCP destaca-se: em 1975, o relatório de pesquisa de Manoel Tosta Berlinck, *Um Projeto para a cultura brasileira nos anos 60: análise sociológica do Centro Popular de Cultura da UNE*; em 1978, Marilena Chauí e Maria Sylvia Frans, *Ideologia e Mobilização Popular*; Marilena Chauí, *Notas sobre a Cultura Popular*, em 1980 *Arte em Revista* e em 1983, *Considerações sobre alguns 'Cadernos do Povo' e o 'Manifesto do CPC em Desempenho Competente e outras falas*. Finalmente o estudo-depoimento de Moacyr de Goês, em 1980: *De Pé no Chão Também se Aprende a Ler (1961-1964)*.

Especificamente sobre o Movimento de Educação de Base, é ele citado, juntamente com outros movimentos, em estudos anteriormente citados. Há no entanto o estudo pioneiro de Emanuel de Kadt, *Catholic radicals in Brazil*, tese de doutorado defendida na Real Univ. de Londres e publicada em 1970 pelo Oxford Univ. Press. Entretanto, mais recentemente quatro teses de doutorado e mestrado foram apresentadas e defendidas sobre o MEB. Em 1982, Terezinha de Lisieux Quesado, tese de mestrado na UFMG, *Viver e Lutar: uma contribuição para o entendimento da ideologia subjacente à alfabetização de adultos do MEB*; Maria da Conceição Brenha Raposo, tese de mestrado no IESAE/FGV, *Movimento de Educação de Base: discurso e prática, 1961/1967*; Luis Eduardo Waldemar Wanderley, tese de doutorado na USP, *Educar para Trans*

formar - Educação Popular - Igreja Católica - Política do Movimento de Educação de Base (MEB) - 1961-1965; em 1984, Osmar Fãvero, tese de doutorado na PUC/SP, Uma Pedagogia da Participação Popular - Análise da Prática Pedagógica do MEB - Movimento de Educação de Base, 1961-1966.

Esta dissertação refere-se aos trabalhos desenvolvidos pelo Movimento de Educação de Base, junto às camadas populares rurais e urbanas do Estado de Goiás durante o período de 1961 a 1966. Esta escolha deu-se:

1º) por considerar que estes trabalhos encontram-se entre os mais ricos no seu conteúdo e na sua prática pedagógica, os quais permitiram a elaboração de formas criativas para o processo de aprendizagem, bem como de interferências e influências concretas nas mobilizações sociais;

2º) pelo meu interesse pessoal e profissional no campo da Educação Popular e, fundamentalmente, no que se refere à alfabetização. A meu ver, o MEB-GO dentro dos outros Sistemas do Movimento de Educação de Base, foi aquele que mais avançou, teórica e metodologicamente, nesta parte;

3º) finalmente, quero deixar claro que esta escolha tem, sem dúvida alguma, razões afetivas profundas. O MEB é parte integrante de minha vida. A escolha e o trabalho foram feitos com os olhos e, as emoções de quem também esteve presente na construção desta história, sonhou junto com todos aqueles que por

ela lutaram e o fizeram com amor, com prazer, com competência, muito suor, mas também com muitas lágrimas, por não poder ver, ainda, os frutos que viriam num *veranico de janeiro*, seriam gostosos como pequi que é forte, alimenta e espalha seu cheiro pelos chapadões e serrados, mata a dentro.

Com tudo isto, entretanto, busco neste trabalho, analisar historicamente o MEB-Goiás, suas elaborações e suas práticas político-pedagógicas, com a reflexão teórica, com os recursos que o conhecimento científico nos fornece e com o distanciamento histórico possível.

Hipótese de Trabalho

1. A Igreja, através de seus membros, leigos e religiosos, assume o papel de educadora, procurando com formas tanto tradicionais quanto modernizadoras, antecipar-se aos grandes movimentos de massa, elaborando seu próprio projeto para a sociedade.
2. A prática educativa do Movimento de Educação de Base - MEB, embora vinculada à Igreja, foi desenvolvida através de quadros profissionais que não necessariamente estavam em consonância com as orientações advindas da hierarquia superior da mesma. Por isso permitiu pela sua própria dinâmica a criação e a elaboração de categorias e desenvolvimento de *praxis* para uma educação libertadora.

Quadro Conceitual e Metodológico

O objeto de estudo referiu-se fundamentalmente a uma experiência concreta com demarcações temporal e espacial. Nesse sentido, para recuperá-la em toda a sua dinâmica, utilizei a análise histórica como metodologia, para que pudesse compreendê-la, não só de maneira global, como também nas suas articulações com toda a estrutura social.

Os conceitos básicos e gerais com os quais trabalhei buscaram apreender a ideologia como estrutura, tanto no plano abstrato - sistema articulado de idéias - quanto no plano concreto - atualização dessas idéias e sua institucionalização. A categoria fundamental é a *hegemonia*, como especificação das relações de direção e de domínio *intra* classes e grupos sociais e *entre* classes e grupos sociais.

Os caminhos percorridos

Para a produção deste trabalho percorri fundamentalmente os seguintes caminhos:

1) Fundamentação teórica do problema, para a elaboração e construção das hipóteses e categorias de análise.

2) Levantamento e estudo da bibliografia relativa tanto à questão da Educação Popular, quanto ao entendimento da conjuntura do período desenvolvimentista, do populismo e das relações

Igreja/Estado, bem como da Ação Popular (AP) e da Ação Católica, em especial da Juventude Universitária Católica (JUC). Este levantamento e estudo não se restringiu apenas à bibliografia editada e publicada; no que se refere a AP e JUC, na maioria das vezes foi utilizado material original mimeografado e manuscritos não publicados.

3) Levantamento e recuperação do material produzido em nível das coordenações nacional e estadual. No caso específico do MEB foi possível recuperar originais de aulas, programas radiofônicos, peças de teatro, documentos teóricos, etc. através da colaboração de Carlos Rodrigues Brandão, Maria Alice Martins, Darcy Costa, Elizabeth Hermano, Alda Maria Borges e Maria da Graça Floriano que nos cederam documentos originais, manuscritos, relatórios, "scripts" de aulas e programas, material fotográfico, correspondência dos monitores e gravações originais feitas nas comunidades por eles guardadas durante anos.

4) Recuperação da dinâmica do MEB, através da história oral. Para isto, foram realizadas entrevistas coletivas e individuais com ex-componentes das equipes nacional e estadual. Foram entrevistadas as seguintes pessoas:

a - Em Campinas (São Paulo).

Carlos Rodrigues Brandão - Equipe Técnica Nacional

Osmar Fávoro - Coordenador da Equipe Técnica Nacional

Maria Alice Martins - Coordenadora da Equipe Central

do MEB/Goiás

Nazira Fátima Elias - Equipe Central do MEB/Goiás

Nazira Vargas - Coordenadora da Equipe Estadual do Rio
Grande do Norte

Elizabeth Hermano - Equipe Central do MEB/Goiás - Ins-
tituto de Cultura Popular e Centro
Popular de Cultura. UEE/GO

b - Em Goiânia (Goiás)

Carlos Rodrigues Brandão - Equipe Técnica Nacional

Maria Alice Martins - Equipe Central do MEB/Goiás-Coor-
denadora

Darcy Costa - Equipe Central do MEB/GO

Gaudência Portela Rezende - Equipe Central do MEB/GO

Alda Maria Borges - Equipe Central do MEB/GO

Nazira Fátima Elias - Equipe Central do MEB/GO

Maria Izabel Ramos José - Equipe Central do MEB/GO

Wellington Cortes - Equipe Central do MEB/GO

Centro Popular de Cultura UEE/GO

Nei Rocha Cunha - Centro Popular de Cultura UEE/GO e
Instituto de Cultura Popular

Odilon de Souza - Equipe Central do MEB/GO

Emília Gomes dos Santos - Equipe Central do MEB/GO

Irene Machado Garibaldi - Equipe Central do MEB/GO

c - Em São Paulo (São Paulo)

Elizabeth Hermano - Equipe Central do MEB/GO

Instituto de Cultura Popular

Centro Popular de Cultura

d - No Rio de Janeiro (Rio de Janeiro)

Marina Bandeira - Secretária-Geral do MEB

Vera Jacoud - Coordenadora da Equipe Técnica Nacional

Estas entrevistas/falas, são utilizadas neste trabalho de duas maneiras diferenciadas. Quando estão escritas em letra "script" eu as utilizo como depoimentos que esclarecem minhas afirmações e interpretações. Quando não estão escritas assim, assumo como interpretações e análises os conteúdos das mesmas. Nesse sentido os entrevistados são considerados co-autores deste trabalho. Entretanto, a responsabilidade dele é somente minha, eximindo-se de todas as incorreções e interpretações existentes, as pessoas entrevistadas, cujas falas eu deliberadamente inclui nele.

O plano deste trabalho de dissertação está estruturado da seguinte forma: no 1º capítulo busco entender as possibilidades de surgimento do Movimento de Educação de Base em nível nacional, dentro da perspectiva do desenvolvimento, através do confronto dos discursos dos representantes da Igreja e do Estado Brasileiro, desvendando os interesses de cada um destes dois poderes, no que se refere às camadas populares. Em específico aqueles referentes à Educação e em particular as alianças concretas que vão determinar as direções para a formulação e concretização de projetos no Campo da Educação Popular. No 2º capítulo trato do Movimento de Educação de Base no período que se refere desde a sua fundação, em 1961, até o que antecede ao

II treinamento da Equipe Central, após o Encontro Nacional de Coordenadores do MEB, realizado em Recife no final de 1962. No 3º capítulo é mostrado em detalhes a prática pedagógica desenvolvida pelo MEB/Goiás, durante o período de 1963 a 1966, quando se dá o encerramento de suas atividades. No 4º capítulo é dedicado especial atenção à realização do I Congresso de Monitores realizado em Goiânia em dezembro de 1963. Neste capítulo trata das relações e alianças do MEB/Goiás com a Ação Católica e a Ação Popular, bem como das alianças, confrontos e disputas pela hegemonia na condução e direção dos movimentos sociais e do processo de transformação. O 5º capítulo é dedicado à crise vivida pelo Movimento de Educação de Base em Goiás, após o golpe militar de abril de 1964, sua reestruturação, sobrevivência após este golpe e a elaboração do *Novo Processo de Alfabetização*. A parte final deste trabalho é dedicada às conclusões.

CAPITULO I

A ORIGEM

... non tutti i professori sono come quella singnora. Non siati razziste anche voi.

Anche se non sono d'acordo su tuto quello che dite, so la che nostra scuola non va. So lo una scuola perfetta puõ permettersi di rifiutare la gente nuova e le culture di verse. E la scuola perfetta non existe. Non lo ã nè la nostra nè la vostra...

(Lettera a una Professora - Scuola di Barbiana)

Para

Dom Fernando Gomes dos Santos

Pe. Josê Pereira de Maria

A concretização do Movimento de Educação de Base dá-se através do Decreto 50.370, de 21 de março de 1961, "como resultado dos entendimentos então mantidos com o Governo Federal, o Exmo. Sr. Presidente da República, prestigiando iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil"⁽¹⁾. Entretanto, para entendermos o real significado de sua prática pedagógica e o desenvolvimento dos seus trabalhos, é necessário voltarmos ainda mais no nosso passado recente, para que possamos encontrar as raízes e as origens do Movimento, bem como os caminhos percorridos que possibilitaram a sua existência dentro da conjuntura brasileira do início dos anos 60. No momento da concretização do MEB, a confluência de interesses entre a Igreja e o Estado Brasileiro é, sem dúvida, também a conjugação de esforços no sentido de encaminhar um projeto, que ao nosso ver representa a materialização das negociações entre estes dois poderes. Entretanto, esta materialização só foi possível graças às raízes plantadas no governo Juscelino Kubitschek. E nesse sentido, a formulação deste projeto é marcada, fundamentalmente por parte dos setores hierárquicos da Igreja, pela ideologia do desenvolvimentismo. É acreditando na importância de suas colaborações para a resolução dos problemas que o subdesenvolvimento acarreta para o povo, que os bispos brasileiros realizam uma série de atividades, na busca de implantar em conjunto com o Estado, um movimento que venha permitir a efetivação de seus objetivos. Neste capítulo procuraremos mostrar como se deu esta confluência de interesses, entre a Igreja e o Estado Brasileiro, através dos discursos dos re-

(1) -MEB - 5 anos -RJ.-1965 - mimeo

Possibilidade de surgimento

O governo de Juscelino Kubitschek é marcado fundamental - mente pela ideologia do desenvolvimentismo, onde as buscas pa - ra sair do *estágio* de subdesenvolvimento, vai buscar na ade - quação do sistema educacional uma das contrapartidas para a consecução de seus propósitos. O governo JK, no entanto, ao sugerir modificações na educação, não chega a levantar ques - tões sobre sua vinculação aos requisitos da produtividade. A educação, dentro das perspectivas governamentais, de um modo geral, é assumida como necessária para o desenvolvimento; Jus - celino Kubitschek em sua Mensagem ao Congresso Nacional em 1959, é claro: "ampliar o sistema educacional do País para co - locá-lo a serviço do desenvolvimento".⁽²⁾ A vinculação da edu - cação com o desenvolvimento, colocando-a a seu serviço, foi uma das metas à qual se propuseram governantes e educadores deste período, embora esta não esteja entre os requisitos pa - ra a produtividade. Entretanto, "não se perde, porém, a es - treita interdependência que os une, isto é, não se presume que a educação seja condição *prévia* para o desenvolvimento, nem vice-versa, mas se percebe que um depende do outro".⁽³⁾ A visão do desenvolvimentismo, bastante globalizante, assume que "em nossos dias, a educação, a ciência, e as atividades pro - dutoras constituem três faces do mesmo problema que só em con

(2) Kubitschek, Juscelino - Mensagem ao Congresso Nacional, Im -
pressa Nacional, RJ, 1959.

(3) Cardoso, M.L - Ideologia do Desenvolvimento-Brasil:JK-JQ
Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

junto pode ser resolvido. Por assim entender, é que o governo vem dando passos decisivos a fim de que, *simultaneamente* com a industrialização do País, se acelere o seu desenvolvimento cultural e científico" (4).

Nesse sentido a questão da produtividade é bastante globalizante e vai até à formulação da questão educacional.

Miriam Limoeiro, analisando o governo JK, afirma que "a luta pelo desenvolvimento é uma luta contra o tempo, sendo as sim, o tempo é muito caro e *esperar* é um termo que não agrada aos desenvolvimentistas. Principalmente por isso, as transformações educacionais são vistas como simultâneas às transformações industriais. Uma coloca as necessidades, a outra vai se modificando para poder atendê-las. Trata-se, em ambos os ca - sos, de reivindicações muito concretas e não de aplicações de formas ideais". (5)

Segundo a mesma autora, "mais uma vez estamos diante de uma atitude altamente pragmática da ideologia".

Este pragmatismo vai marcar as intenções de mudança que deverá sofrer a escola em todos os seus níveis, para que possam ser capacitados para servir ao desenvolvimento. Estas mu-danças evidentemente deverão levar em consideração o tipo de clientela a ser atendida em cada um dos níveis de escolaridade.

(4) -Kubitschek, Juscelino - Mensagem ao Congresso Nacional, Imprensa Nacional, RJ, 1959

(5) -Cardoso, M.L. Op. cit.

A articulação do sistema educacional com o desenvolvimento deverá se processar a partir da escola elementar, onde o cidadão de aptidões comuns deverá ser preparado para que atinja a produtividade requerida pela moderna sociedade industrial. Aos elementos mais aptos serão reservados os outros níveis de ensino, "para que possa servir aos interesses superiores de nossa cultura" (6). O que vai definir o acesso ao grau de escolaridade será sobretudo o talento. A escola deverá preparar cada um de acordo com o seu talento; quem só tem aptidões comuns, cursa a escola elementar; quem tem um pouco mais, a secundária e quem tem mais ainda, a superior. Assim sendo, todos serão capazes de desempenhar as tarefas que lhes exigirá o desenvolvimento.

Entretanto, é para a qualificação técnica que se devem voltar as atenções dos educadores neste período; será ela que irá perspassar todos os níveis de escolaridade. Na busca de técnicas modernas é que concentrarão os esforços de formação de recursos humanos, papel que a escola deverá desempenhar dentro do desenvolvimento: "um País afere-se hoje, pelo número de técnicos e cientistas de que possa dispor..." (7). Ingressando o País decisivamente no ciclo industrial, serão necessários, em todas as especialidades, técnicos bem preparados para que venham suprir as necessidades do processo produtivo. E é principalmente este processo de industrialização que vai criar uma demanda de especialistas, formando também um mercado de trabalho potencial. Com isto será preciso dispor de uma oferta que responda adequadamente a esta demanda, solucio-

(6) Kubitschek, Juscelino - Mensagem ao Congresso Nacional, Imprensa Nacional, RJ, 1959.

(7) Kubitschek, Juscelino - Idem, idem, 1958.

nando, ao mesmo tempo, por um lado, o problema de elevação da qualidade técnica do nosso trabalho, impulsionando assim o desenvolvimento; por outro lado, "resolve-se - pelo menos parcialmente - uma questão social geradora de tensões graves, como o desemprego efetivo da mão-de-obra, numa sociedade em que o crescimento da população atinge níveis altíssimos e em que a oferta de empregos, embora se alargue muito com o processo de desenvolvimento, está crescentemente a exigir alguma qualificação para o preenchimento dos cargos". (8)

Assim é que vão ser encaminhadas as resoluções dos problemas acima através da adaptação do ensino às necessidades do trabalho, ao mesmo tempo em que se atende a uma questão relevante para o desenvolvimento.

Neste quadro, delinea-se claramente a colocação da perspectiva da educação para o trabalho, onde a existência de um mercado de trabalho, moldado pela industrialização, passa a ser ponto básico de referência para a formação daqueles que passam pela escola, atendendo às exigências da economia em expansão, predominantemente voltadas para a especialização e a técnica.

Por outro lado, pontos fundamentais dentro da educação brasileira sequer são questionados pelo desenvolvimentismo, tais como a evasão, a repetência, ou mesmo que a grande maioria de crianças brasileiras continua fora da escola. Dentro do quadro ideológico do desenvolvimentismo, estes são apenas dados, e é assim que são tratados.

(8) Cardoso, M.L. Op. cit.

A preocupação com o ensino técnico e científico faz com que se elaborem críticas à educação academicista no ensino médio que não prepara os jovens para a "vida prática" após "concluírem o secundário". As intenções são voltadas para pôr a baixo este tipo de ensino buscando incentivar o ensino técnico-profissional necessário à expansão industrial.

Mas, não é somente com a escola que estão preocupados os desenvolvimentistas. O processo de desenvolvimento irá necessitar também de mão-de-obra operária, e esta não será possível de ser preparada através da escola comumente denominada de formal. É preciso que se busquem formas e maneiras que permitam às camadas populares participar também do processo de desenvolvimento, dando a sua contribuição tecnicamente eficaz. Para elas serão reservadas formas de escolarização que não estão incluídas no sistema de ensino.

É neste contexto que surge lugar para a educação de base. A grande quantidade de analfabetos existentes no País, sempre foi considerada uma "vergonha nacional"; era preciso acabar com ela.

Conforme já afirmamos, a preocupação do desenvolvimentismo é globalizante e refere-se a todas as áreas do País. Assim, é com este intuito que se realizou em 1956, em Campina Grande, Paraíba, o "Primeiro Encontro dos Bispos do Nordeste", o qual contou com a presença do Presidente Juscelino. Deste encontro resultaram várias medidas práticas do Governo em conjunto com a Igreja, tendo como objetivo "o desenvolvimento do Nordeste e o bem-estar dos seus heróicos habitantes"⁽⁹⁾. Poste

(9) - Kubitschek, Juscelino - Discurso de Encerramento II Encontro dos Bispos do Nordeste, Natal, R. N., maio 1959. Imprensa Nacional, RJ

riormente foram criados Conselhos de Coordenação e Execução sob a presidência dos Bispos Diocesanos, Dom Eliseu Mendes e Dom Otávio Aguiar, onde "trabalham técnicos de mais de uma dezena de Serviços diversos, na melhor harmonia, e imbuídos de um entusiasmo fora do comum. Embora tenha sido atribuída ao Departamento Nacional de Produção Vegetal a coordenação do projeto, todas as equipes cooperaram em igualdade de condições, havendo ausência absoluta do espírito de competição". (10)

O II Encontro dos Bispos do Nordeste, realizado em maio de 1959, na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, vem reafirmar os objetivos do I Encontro, bem como a cooperação existente entre a Igreja e Governo na busca de soluções para o desenvolvimento do Nordeste. Esta busca, bastante abrangente, atinge todas as áreas, com preocupação específica com o homem do campo e sua preparação para assumir o papel que lhe cabe no processo de desenvolvimento por que passa o País. A agricultura e a colonização são metas fundamentais e importantes, por um lado para a fixação e sobrevivência dos nordestinos, por outro, se bem exploradas e assistidas tecnicamente poderão abastecer os mercados dos grandes centros do Nordeste. Dom Eugênio Sales, então Bispo Auxiliar de Natal, desempenha papel fundamental nesta área, como destaca o Presidente:

"No que tange a agricultura, não se pode silenciar a descoberta dos vales úmidos do Rio Grande do Norte, com a esplêndida cooperação de Dom Eugênio Sales, Bispo Auxiliar de Natal. Ali esta sendo feito magnífico trabalho de colonização com

(10) - Idem, idem.

base na produção de gêneros hortigranjeiros. Como empreendimento de vanguarda, há que assinalar o núcleo de Pium, onde, em igualdade de condições e com a mesma tenacidade, trabalham famílias japonesas e nacionais, o que vem provar que o colono brasileiro, devidamente assistido, técnica e financeiramente, produz tanto quanto o melhor de outros países. Somente este núcleo está em condições de abastecer o mercado de Natal e grande parte do Recife. Há, no mesmo vale, cerca de 30.000 hectares de terras ricas e permanentemente úmidas, que, se bem exploradas, inclusive com a cultura do arroz, poderão modificar o mercado de alimentos no Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco". (11.)

O papel da Igreja Católica, em especial dos Bispos do Nordeste, é sem dúvida importante e fundamental para o desenvolvimento neste momento em que passa o País. As propostas concretas originadas de suas orientações vão consubstanciar-se na "Operação Nordeste", assumida e executada pelo Governo Kubitschek. Sem dúvida, a aliança entre a Igreja Católica e Governo, neste momento, está bem consolidada na defesa da chamada "índole cristã" do povo brasileiro, a qual se integra dentro da defesa e da identificação com a "civilização e com a democracia ocidental cristã."

Em sua dimensão ideológica, o desenvolvimento, na expressão juscelinista, coloca esta "índole" como fundamento último, do qual provêm as escolhas de ordem ideológica mais amplas. O parâmetro da compatibilidade entre os sistemas ideológicos deve ser dado pela marca do Cristianismo, de onde se deverá conceber a ordem, sendo que esta deve ser primordial -

(11) - Kubitschek, Juscelino - Discurso Encerramento II Encontro dos Bispos do Nordeste, Natal, maio 1959. Imprensa Nacional RJ.

mente cristã. "A solução dos problemas nacionais terá de ser encontrada dentro de uma organização político-jurídica adequada à nossa índole cristã, bastante eficiente para não se deter ante as dificuldades inerentes ao nosso subdesenvolvimento econômico e financeiro" (12).

O combate ao subdesenvolvimento encontra na perspectiva ideológico-política, tanto quanto na perspectiva ideológico-religiosa, suas razões mais relevantes. "Da primeira, como preservação da liberdade e da democracia que se vêem ameaçadas pela existência generalizada da miséria; da segunda, pela necessidade de valorização do homem". (13) Juscelino, em seus discursos, não poderia ser mais claro, enfatizando: "Somos e desejamos continuar uma nação cristã... Ser uma nação cristã nos dias que correm é considerar a injustiça social o que ela é realmente, um grande pecado contra o Cristo. Não é cristã a Nação indiferente à miséria, ao subdesenvolvimento com todo o seu cortejo de horrores". (14) "Nossa política de índole essencialmente cristã recebe do homem o seu impulso e vê no homem a sua finalidade". (15) E Miriam Limoeiro vai concluir: "O estado de pobreza não permite ao homem a sua afirmação integral, os princípios de justiça social não resistem diante da miséria continuada. É preciso vencer o subdesenvolvimento para resguardar o humanismo". (16)

Sem fazer nenhum discernimento entre grupos ou classes so

(12) - Kubitschek, Juscelino - Discursos, Imprensa Nacional, RJ, 1958

(13) - Cardoso, M.L., op.cit.

(14) - Kubitschek, Juscelino - Discurso, Imprensa Nacional, RJ, 1960

(15) - Kubitschek, Juscelino - Discursos, Idem, idem, 1958

(16) - Cardoso, M.L. - op.cit.

ciais com diferenciação de aspirações, interesses e projetos, a ideologia do desenvolvimento parte ela própria de uma constatação de desigualdades entre nações ou regiões ricas e pobres, adiantadas e atrasadas. No discurso juscelinista, todos devem dar a sua parcela de contribuição para o desenvolvimento, "não lograria a Nação duradouros resultados em sua luta pelo progresso e em seu empenho pela paz social, se todas as classes não estivessem compenetradas de que o desenvolvimento aproveita a toda a coletividade, e não apenas a uma parte dela. Certos de que ele suscitaria uma vida melhor, mais fecunda e mais rica de estímulos, o *trabalhador rural*, o *operário das fábricas*, o *artesão*, o *profissional liberal*, o *homem de empresa*, o *servidor público*, todos enfim, contribuirão com novo alento para esta obra nacional de tamanha amplitude e complexidade. Afortunadamente, programa de desenvolvimento global, nos termos em que o propusemos à Nação, constitui, hoje, não apenas um plano de governo, mas expressão da vontade irreprimível de todo o povo brasileiro". (17)

O desenvolvimento se apresenta como um *projeto social* da *coletividade*. A desigualdade social não faz parte do esquema teórico que o formula. Neste sentido o governo sistematiza e atualiza a "vontade coletiva" considerada como "irreprimível". A união ideológica em torno do *projeto social* é condição para a sua execução e para o seu sucesso e é dessa união que poderão surgir a mobilização e as ações concretas, e práticas para a sua realização.

É nesse apelo a *união*, peça fundamental na montagem ideo-

(17) - Kubitschek, Juscelino - Mensagem ao Congresso Nacional, Imprensa Nacional, RJ, 1958 (os grifos são nossos).

lógica do desenvolvimento, que vamos encontrar o papel da Igreja Católica. O Presidente é claro: "Não quero, entretanto, deixar de ressaltar o papel dos santos homens da Igreja Católica na luta insistente e indormida pelo soerguimento do Nordeste, desde os primeiros instantes do meu governo até à execução da Operação Nordeste. Esta iniciativa do Governo Federal é devida, força é proclamar, à inspiração caridosa da Igreja e ao desejo enérgico de salvar da miséria tantos valerosos patrícios nossos, manifestado pelos Pastores espirituais do Nordeste, desde o primeiro encontro de Campina Grande. De há muito vinha o Governo procurando intensificar as realizações tendentes a minorar o sofrimento dos habitantes das zonas assoladas pela seca e a promover o desenvolvimento econômico de área tão extensa e importante do nosso território. A concentração de esforços até então esparsos, o cuidadoso exame global da conjuntura nordestina e o plano de ação consubstanciado na Operação Nordeste representam, no entanto, fase nova e decisiva na batalha de recuperação do Nordeste, em que não mais nos limitaremos a paliativos assistenciais, mas tentaremos eliminar as próprias causas do subdesenvolvimento nesta parte do país. Para o advento dessa nossa era, a ação de Vossas Excelências Reverendíssimas e o nobre apoio prático espontâneamente oferecido ao Governo deram grande impulso e imprimiram rumo certo à Operação Nordeste... Não nos podíamos deter em considerações de contabilidade, quando um drama terrível se agravava e crescia dia a dia aos nossos olhos e quando as mais atrozes e perigosas diferenças de fortuna se vinham acentuando entre regiões da pátria, que é uma só, indivisível e solidária". (18)

(18) - Kubitschek, Juscelino - Discurso de Encerramento do II Encontro dos Bispos do Nordeste em Natal, R.G.N., maio 1959 (os gri

Mas para que a união social se efetive, é necessário, além da idéia de um certo nível de igualdade social, a aceitação da necessidade do desenvolvimento por aquelas forças responsáveis pela sua promoção, ou que possam intervir decisivamente nela. O desenvolvimento é apresentado, então como condição de sobrevivência nacional: "o atraso em que nos encontrávamos em comparação com as nações industrializadas aumentava de tal maneira que, ou nos decidíamos a fazer um esforço total e imediato, ou nos condenaríamos a um estacionamento que poderia ser definitivo e extremamente perigoso". (19)

Voltando à questão do papel da Igreja como força responsável e importante pela promoção do desenvolvimento, naquele momento decisivo para o processo que se desencadeava em nosso País, os Bispos do Nordeste, no II Encontro de Bispos do Nordeste (Natal em maio de 1959), esclarecem suas posições oferecendo ao Governo as suas colaborações na luta contra o subdesenvolvimento.

1 - Afirmamos que todos nós, Bispos da Santa Igreja, temos bem presente a missão que Deus nos confiou, de ordem sobrenatural e de destinação eterna; mas tendo de agir não junto aos puros espíritos, mas a criaturas humanas, de corpo e alma, e lembrados da repercussão, sobre a alma, de tudo o que atinge o corpo, também afirmamos o direito e dever de interessar-nos pela situação temporal do povo, sobretudo em área subdesenvolvida como o Nordeste.

De nossa parte esse interesse traduz amor ao rebanho que nos foi entregue pela Providência e salvaguarda da paz social, comprometida pelo grave desnivelamento econômico entre nossa região e a região centro-sul.

2 - Afirmamos nosso júbilo ao ver surgir a Operação Nordeste, aplicação, dentro de nossas fronteiras dos princípios que animam a Operação Pan-Americana, cuja Bandeira o Brasil, em hora feliz, desfraldou.

3 - Afirmamos a necessidade de ver o planejamento econômico elaborado para o Nordeste, completado por aspectos

(19) - Kubitschek, Juscelino. Discursos, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1958.

humanos e por implicações sociais, a bem do próprio planejamento econômico, para que não se torne inumano e irre-
irreal.

4- Afirmamos dentro desse pensamento, baseado nas Conclusões dos Grupos de Estudos do Encontro, que o desenvolvimento econômico do Nordeste:

- a) só atingirá sua eficácia plena se se apoiar no esforço consciente e voluntário das forças atuantes de toda a comunidade, para o que se torna urgente a preparação, em todos os níveis, de líderes especializados em modernas técnicas de organização comunitária, tais como a promoção do cooperativismo, do serviço de extensão rural e de outros processos de educação de base;
- b) supõe que a agricultura regional mereça tratamento igualitário, sob todos os aspectos, ao que se vier a dar ao desenvolvimento industrial;
- c) exige medidas não só relativas a um melhor nível alimentar, mas também providências que visem à saúde pública, tendo-se em vista que as populações nordestinas são em geral subnutridas, e consequentemente vulneráveis no seu estado sanitário, razão pela qual devem ser promovidos locais referentes a problemas sanitários e de assistência à maternidade e infância, para que se possa contar com gente sadia para os empreendimentos no Nordeste;
- d) terá necessidade de elaboração imediata de um plano de trabalho que permita assegurar aos imigrantes nordestinos uma assistência humana condigna, sobretudo aparelhando os postos de migração e modificando a orientação das hospedarias para que venham a cumprir adequadamente suas finalidades, uma vez que são ainda precárias as condições de assistência, em particular quanto ao problema de transporte e colocação.

5 - Afirmamos a esperança de ver o problema de reforma agrária no Nordeste equacionar-se oportunamente com salvaguarda, dentre outros, dos seguintes princípios:

- a) apoio técnico e financeiro do Poder Público a particulares desejosos de dar um destino social mais adequado às próprias terras, através de planos que importem na gradativa promoção de famílias rurais, abrindo assim acesso à propriedade das glebas;
- b) exemplo do Poder Público de adoção de planos racionais relativos a terras de sua propriedade, mediante formas de colonização de tipo novo, em que atuem Grupos de Trabalho de que participem Órgãos como o M.A., o INIC, o DNOCS, o BNB, o SSR e a ANCAR e que o objetivo também seja o gradativo acesso à propriedade por parte das famílias selecionadas;
- c) maior estabilidade do trabalhador rural à terra que cultive, mediante o estímulo à adoção de contratos legais de arrendamento e de parceria agrícola, em bases de justiça social;

- d) em casos especiais, e tendo em vista ampliar e diversificar o parque de produção de gêneros alimentícios para o abastecimento da população nordestina ou visando a outros fins de interesse social, aquisição, pelo Poder Público, mediante preços justos, de terras da zona úmida ou valorizadas por obras dos Poderes Públicos, quando improdutivas ou utilizadas com exclusiva finalidade especulativa;
- e) cuidado extremo em evitar açodamentos demagógicos, paixão partidária, personalismos, de vez que se trata de matéria delicada e facilmente explosiva cujo tratamento legal, partindo dos estudos da Comissão Nacional de Política Agrária, deve ser confiado a grupo inter-partidário especialmente constituído para esse fim.
- 6 - Afirmamos o desejo de ver o planejamento regional a longo termo completado por atendimentos locais imediatos, inadiáveis, por corresponderem a justos e profundos anseios do povo e por facilitarem a aceitação do Nordeste como um todo.
- 7 - Afirmamos o anseio de assistir, por ocasião do próximo ano eleitoral, à demonstração de maturidade cívica por parte de todos os Partidos políticos, dos quais esperamos a colaboração da Operação Nordeste fora e acima das lutas partidárias.
- 8 - Afirmamos a angustiada esperança de ver para sempre banido do Nordeste, máxima em horas de calamidade meteorológica, a desonestidade de aproveitadores da miséria e da fome, pecado que brada aos céus.
- 9 - Afirmamos a nossa confiança em que o Governo Federal poupe e libere, no momento necessário, as verbas dos órgãos públicos destinadas ao Nordeste, evitando assim a descontinuidade dos serviços programados.
- 10 - Afirmamos que não seria possível conseguir maior rendimento e rapidez na atuação do Ministério da Agricultura no Nordeste sem dar a esse órgão uma estrutura atualizada, maior soma de recursos e flexibilidade na sua aplicação, bem assim condições de ampliação de seus quadros técnicos e valorização desses profissionais.
- 11 - Afirmamos o propósito de oferecer ao Governo a desinteressada colaboração da Igreja, na Região, através de todas e de cada uma de suas circunscrições Eclesiásticas, à implantação gradual e progressiva da Operação Nordeste, demonstrando mais uma vez a presença da Igreja na solução dos grandes problemas humanos". (20)

O interesse dos Bispos pela "situação temporal do povo" e

(20) - II Encontro de Bispos do Nordeste. Declaração, Imprensa Nacional, Natal, 26 de maio de 1959.

as preocupações com as situações concretas em que vivem as populações das áreas subdesenvolvidas do País vem ao encontro às preocupações do Governo quanto ao desenvolvimento. Entretanto, não é só aí que encontramos conjugação de esforços. As dificuldades econômicas estão mergulhadas em dificuldades políticas, cujos resultados seriam imprevisíveis, caso uma ação decisiva não fosse empreendida.

A nação talvez não pudesse resistir intacta se o estado de subdesenvolvimento fosse mantido por mais tempo. Seria um risco não calculado diante da miséria à qual se encontrava submetida a população e o que era mais sério, a politização crescente das massas. - "Os povos se politizam de maneira crescente; as massas humanas reclamam dia a dia uma vida melhor, um tratamento mais justo, não bastando acenar-lhes com receitas de ortodoxia econômica nem sempre compatíveis com a realidade viva de cada país". (21)

A urgência daqueles que não podem, ou não querem mais esperar, traduz-se em pressão. Os processos de desenvolvimento, não estão isentos da pressão das massas e, nisto eles se diferenciam dos processos passados. Daí o "cuidado extremo em evitar açodamentos demagógicos..." quando se tratar de matérias tão delicadas e explosivas e a exigências de medidas concretas para as condições de vida das populações das regiões classificadas como subdesenvolvidas, onde, evidentemente estas poderiam realizar-se com maior facilidade.

Mas a política desenvolvimentista, de uma forma globali -

(21)-Kubitschek, Juscelino - Discursos, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1959.

zante, vai buscar também no campo moral, os argumentos capazes de sustentá-la. Segundo Miriam Limoeiro, "eles parecem ser, no plano explícito da ideologia, os mais fundamentais. Em geral, eles aparecem no discurso de uma forma positiva, através da afirmação dos princípios cristãos, e de uma forma negativa, através destes mesmos princípios como anticomunismo, cujo significado aparece como idêntico a antimaterialismo". (22)

Coerente com a afirmação anterior vemos a importância que era dada à cooperação recebida da Igreja pelo Governo, na implementação de seus planos para o Nordeste, a qual é reconhecida explicitamente pelo Presidente Juscelino: "Aí estão, à vista de todos, os resultados palpáveis que evidenciam o alto e nobre sentido da colaboração que o clero vem prestando ao Governo. Os Bispos completaram o planejamento da Operação Nordeste, imprimindo-lhe uma nota humana e cristã, com planos de educação de base levados a efeito por Escolas Radifônicas, das quais é pioneira e modelo a desta cidade... Propuseram várias outras medidas, às quais darei endosso integral, na certeza de que aumentarão a eficiência da Operação Nordeste..." (23)

A Colaboração: a Igreja assume o seu papel

A Igreja historicamente tem desempenhado papel importante na condução dos processos políticos do País. Naquele momento, a ela cabe como instituição da sociedade civil, a função funda-

(22) - Cardoso, M.L. - Op. cit.

(23) - Kubitschek, Juscelino - Discurso de Encerramento. II Encontro de Bispos do Nordeste, Natal, maio 1959. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

mental de orientar e mesmo conduzir alguns projetos junto às camadas populares. Esta função é necessária para que se concretize o desenvolvimento e é parte integrante das alianças que se dão dentro do jogo democrático vivenciado pelo País no governo Juscelino Kubitschek. Mas, se reconhece que o desenvolvimento não será possível se ele não atingir também as camadas populares, e, principalmente aquelas das regiões consideradas mais subdesenvolvidas. Se, por um lado, o desenvolvimento preconizado precisa da contribuição destas camadas, por outro as forças que o conduzem estão atentas para que as condições de miserabilidade em que se encontram as populações destas regiões, não sejam a fonte de onde se originarão as tensões cujos riscos este desenvolvimento e, principalmente, a democracia ocidental e cristã não querem e não podem correr.

A concretização desta aliança entre a Igreja e o Governo vai se dar 20 dias após o encerramento do II Encontro de Bispos do Nordeste, em reunião presidida pelo Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, Victor Nunes Leal, no Palácio do Catete, onde encontravam-se altos dignitários da Igreja Católica e dirigentes de órgãos administrativos, com o fim de apreciar as recomendações do II Encontro, como podemos ver no texto abaixo:

Os trabalhos de consolidação dos textos aprovados e a elaboração de instrumentos legais que assegurassem a participação pública nos empreendimentos recomendados desenvolveram-se com rapidez e, em 7 de julho de 1959, no Palácio das Laranjeiras, na presença de altas autoridades civis e eclesiásticas. O Presidente Juscelino Kubitschek assinou os 30 decretos em que se consubstanciam as providências legais decorrentes das

novas sugestões dos prelados nordestinos. Após assinar os trinta decretos, o Chefe do Governo dirigindo-se aos presentes, congratulou-se com todos os Bispos e Arcebispos do Nordeste pelo esforço demonstrado visando a redenção desta vasta região do território nacional. Exaltou, em seguida, o papel da Igreja "que caminha sempre de encontro às necessidades do povo, objetivando seu bem estar econômico e social". (24)

E, Dom Helder Câmara, no mesmo momento, ressaltando as providências do Governo Federal, adotadas com a colaboração dos Bispos, realça a importância dos decretos assinados por Juscelino Kubitschek e afirma: "Cumpriu V.Excia., Sr. Presidente, a palavra empenhada no tocante ao Encontro dos Bispos do Nordeste, emprestando-lhes, assim, absoluta colaboração." (25)

Estes trinta decretos assinados pelo Presidente, fundamentalmente, estão voltados para o desenvolvimento sócio-econômico das regiões do Nordeste incluindo o Nordeste de Minas Gerais.

Derivando todos eles das recomendações e sugestões do II Encontro, consubstanciaram e viabilizaram ao mesmo tempo projetos e anseios de trabalhos a serem realizados pela Igreja junto às camadas populares destas regiões.

Sete destes decretos são especificamente voltados para a concretização de programas de Educação de Base e Promoção O

(24) II Encontro de Bispos do Nordeste, 1959, p. 5

(25) Idem, idem, p. 6

perária, cujas sugestões foram apresentadas pela CNBTs à Presidência da República, nos termos seguintes:

- 1 - Estabelecimento de medidas de financiamento de um Programa de Educação de Base através de Escolas Radiofônicas para o Nordeste.
- 2 - Programa de Educação de Base através de Escolas Radiofônicas em Sergipe.
- 3 - Programa de Educação de Base no Norte do Estado de Alagoas através de Escolas Radiofônicas, missão rural e centro de treinamento.
- 4 - Programa Piloto de desenvolvimento de Artesanato - Rio Grande do Norte.
- 5 - Curso de Líderes Rurais em Cooperativismo da Missão Inter-Municipal Rural Arquidiocesana, no Maranhão.
- 6 - Escola de Pesca em Maceió. (26)

Assim, preparadas as bases, e continuadas as experiências, será possível, no Governo de Jânio Quadros, a viabilização das negociações entre a Igreja e o Governo para que se concretizem, em nível mais amplo do território nacional, as experiências de Educação Popular, realizadas pela Igreja Católica as quais se consubstanciaram no Movimento de Educação de Base (MEB).

O Governo Jânio Quadros e a concretização do MEB

A educação, dentro do pensamento janista, é vista como elemento-chave para o fortalecimento nacional. A preocupação com a formação do povo e da mão-de-obra, assume enorme destaque, sem dúvida, vinculado às necessidades de economia, à promoção da eficiência e ao aumento da produtividade.

(26) II Encontro de Bispos do Nordeste. p. 28

Por outro lado, Jânio tratando a educação como parte integrante do processo cultural mais amplo, tentou impedir o tecnicismo excessivo do processo educacional, incluindo como elementos de elevação cultural - preocupação fundamental em sua política educacional - o rádio, o cinema, o teatro, o museu. Um outro aspecto importante de sua política é não permitir que se elimine completamente os assuntos ditos humanísticos da educação formal.

A preocupação com a elevação cultural da população brasileira se expressa especialmente através do esforço pela ampliação do atendimento das necessidades educacionais, e pela melhoria do nível de ensino. Jânio tentou montar uma política educacional de modo a superar o problema: "é indispensável que os benefícios da cultura cheguem a todas as camadas sociais, e deixem de ser regalia das classes economicamente bem dotadas".⁽²⁷⁾

Estabelecer urgentemente um sistema educacional, que atenda a todos os níveis sociais, com igualdade de oportunidades, é o seu objetivo, admitindo apenas as limitações oriundas das capacidades e das aptidões. É o talento como critério básico para o ingresso e permanência no sistema escolar. Entretanto, este objetivo não chegou a ser traduzido em medidas concretas no curto espaço do governo de Jânio.

A diretriz mais claramente delineada na problemática educacional como obra administrativa, na formulação janista, é a busca da eficácia, "importar enriquecer a substância de escola".⁽²⁸⁾ Expandir a rede escolar será importante, mas isto só

(27) Quadros, Jânio - Mensagem ao Congresso Nacional, Imprensa Nacional, Brasília, 1961, p. 61

(28) Ibidem, p. 58

não basta, é preciso também que não se percam de vista os padrões, a qualidade. Cabendo à educação uma função das mais relevantes no quadro nacional, particularmente quanto à formação do povo, a rentabilidade da tarefa educacional é, sem dúvida, o que interessa.

O tratamento dado por Jânio Quadros à educação é o tratamento de um educador e "com sua problematização, Jânio abandona a superficialidade do debate do relacionamento entre educação e desenvolvimento, já porque o centro da sua reflexão não é mais o desenvolvimento. Ele vai ao fundo da questão educacional, considerando-a como elemento básico da reestruturação da sociedade, ou mesmo da constituição dela em termos de sociedade funcional. Tanto é assim que leva a sua preocupação até à elaboração de uma política cultural, dentro da qual possa ganhar significado o planejamento educacional. Não dá a este qualquer tratamento de sentido utilitarista, nem imediatista. Cuida da educação como um educador que não olha "apenas um grupo seletivo, mas que se volta como governante para todo um povo". (29)

É como governante preocupado com a elevação cultural e com a incorporação de bases sociais mais amplas que Jânio elabora sua proposta educacional, pensando na "redenção do País pela Educação". (30) Nesse sentido, a proposta abrange todos os níveis de escolarização, do elementar ao superior. Mas é no ensino elementar que vamos encontrar a missão específica da

(29) Cardoso, M.L - op. cit. pág. 276 (o grifo é nosso).

(30) Quadros, Jânio - Mensagem. p.57

"redenção". O setor público do ensino primário deverá se empenhar para o aumento das facilidades do aperfeiçoamento pedagógico, didático e administrativo. O analfabetismo será enfrentado e combatido, este será o grande e fundamental passo para a elevação cultural da população, é preciso que a grande massa de analfabetos se integre no universo da leitura. Assim é que, já em sua Mensagem ao Congresso Nacional, deixa claro: "um movimento nacional... com o fim de combater de forma inapelável o analfabetismo". (31)

Partindo de uma crítica ao período anterior, embora reconhecesse que o País estava se desenvolvendo, ele condenava a forma como este se processava, considerando-o como parcial e desequilibrado. Pretendia uma perspectiva global e estabelecer um equilíbrio com a unidade nacional: - "Unanimemente, compreendem as populações que as minhas diretrizes de governo anunciam o fim da iniquidade de um Brasil que se enriquece ao lado de um Brasil que empobrece cada vez mais". (32) É preciso despertar e liberar as forças latentes de todo o Brasil. Portanto, é também preciso que a educação atinja o País como um todo e, por isso, é preciso um movimento de âmbito nacional.

As experiências das Escolas Radiofônicas que vinham sendo realizadas por setores da Igreja no Nordeste foram fundamentais para a criação do Movimento de Educação de Base.

A aplicação de um sistema educativo através de emissões

(31) Quadros, Jânio - Mensagem p. 58

(32) Quadros, Jânio - Compromissos com a Vitória in O Cruzeiro 8.10.1960

radiofônicas, iniciado pelas Arquidioceses de Natal e Aracaju, mostrou-se "adequado para a atuação nas áreas subdesenvolvidas, onde a escassez de comunicações, de recursos naturais e, principalmente, de recursos humanos, mantém a maioria da população em nível cultural, econômico e social incompatível com a dignidade humana". (33)

antecipando-se à proposta governamental, a Igreja, através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, também interessada na questão das populações das regiões subdesenvolvidas, quer seja pelas situações concretas de miserabilidade em que elas se encontram - "... também afirmamos nosso direito e dever de interessar-nos pela situação temporal do povo", (34) quer seja pela preocupação com os caminhos que possam percorrer estas populações na busca de soluções concretas para suas condições - "De nossa parte esse interesse traduz amor ao rebanho que nos foi entregue pela Providência e *salvaguarda da paz social*, com prometida pelo grave desnivelamento econômico entre a nossa região e a região centro-sul". (35)

A Igreja assume seu Projeto de Educação de Base

A Igreja, não só sempre esteve preocupada com a educação no País, como desempenhou papel fundamental em todos os setores desta atividade ao longo de nossa História. Se por um lado ela é, sem dúvida, a educadora por excelência das nossas elites dominantes desde os tempos do Brasil Colônia, mesmo nesta época, ela não se descuidou das atividades educativas

(33) MEB em 5 anos, p. 5

(34) II Encontro de Bispos do Nordeste - Op. cit. p.17

(35) Idem (os grifos são nossos).

voltadas para os setores dominados, no caso específico do período colonial, para os índios. É oportuno lembrar que foram os jesuítas, que chegando em 1549, os encarregados de cristianizar os indígenas ao mesmo tempo que deveriam fazer com que fossem transmitidos e difundidos entre estes os valores e padrões de civilização ocidental cristã. (36) Em nível de intenção, a Coroa Portuguesa já deixara claro, através dos *Regimentos* de 1548, a necessidade "de que os indígenas adultos pacificados e convertidos deveriam ser aldeados nas imediações dos núcleos de povoação portuguesa - defendendo-se dos ataques de tribos hostis - para que pudessem ser ensinados e doutrinados nas cousas da nossa santa f^e". (37)

As referências históricas, sobre o papel da Igreja na Educação no Brasil, feitas nos parágrafos anteriores, têm um único e exclusivo objetivo de mostrar que não é nova a sua preocupação com a educação de adultos, nem são novas as suas colaborações e alianças com o Estado para a consecução deste intento.

Não pretendemos neste trabalho descer aos detalhes histórico-analíticos destas alianças, participações e do desenvolvimento de atividades anteriores ao período por nós estudado. Entretanto, é nosso objetivo mostrar que se não são novas as intenções, nem as preocupações, são qualitativamente diferentes as alianças que são feitas no final dos anos 50. Neste pe

(36) As referências a este período encontram-se em Luis Alves de Mattos. *Primórdios da Educação no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. Aurora, 1958.

(37) Paiva, Vanilda-Educação Popular e Educação de Adultos.SP, Edições Loyola, Rio de Janeiro, 1972.

ríodo, papel importante e fundamental é reservado ao movimento de leigos católicos, que vai não só interferir decisivamente no jogo político e portanto nas alianças, mas é como no dizer de Rute Monteiro Rios⁽³⁸⁾, "a quem coube tocar o bonde".

A quem coube "tocar este bonde", foram os setores intelectuais da Ação Católica, fundamentalmente os militantes e ex-militantes da Juventude Universitária Católica, aliados aos setores progressistas da hierarquia. É claro que esta nova aliança não se fez com tranquilidade, sem divergências profundas e sem antagonismos, dado as perspectivas dentro das quais cada um destes grupos se situou na busca de soluções para as situações de injustiça e de exploração da grande maioria da população brasileira. Se por um lado os setores progressistas da hierarquia "conseguiam, com o exercício de sua hegemonia, o apoio da Igreja para um programa de reformas em colaboração com os setores mais progressistas das classes dominantes, com o objetivo de propor soluções para algumas injustiças sociais consideradas graves... os grupos de vanguarda da ACB, ao contrário, se engajaram uma perspectiva completamente diversa. Propugnam em favor de transformações radicais da estrutura social, que deveriam realizar-se com ascensão das massas ao controle do poder político, para suprimir causas estruturais das injustiças: a ACB, através dos setores mais avançados, faria uma escolha revolucionária".⁽³⁹⁾

(38) Rute Maria Monteiro Machado Rios foi militante da JUC e membro das Equipe do MEB em Pernambuco e da Equipe Técnica Nacional.

(39) Souza Lima, Luis Gonzaga -Evolução Política dos Católicos e da Igreja no Brasil, Hipóteses para uma interpretação, Petrópolis, Vozes, 1979.

A JUC, já no Conselho Nacional de Belo Horizonte, realizado em 1959, define mais claramente suas perspectivas de ação dentro da realidade brasileira, perguntando: "que significado tem pelo desenvolvimento, que a consciência cristã entrevê como constitutiva do ideal histórico prescrito na sociedade brasileira?" (40). Respondendo que "esse significado só pode ser o da constituição da economia harmônica, suficientemente autônoma, não submetida ao livre jogo das trocas internacionais..." vai encontrar as soluções: na superação do capitalismo através 1º) da valorização do trabalho humano, que segundo a análise da JUC está reduzido no nível das coisas, a simples mercadoria. 2º) na substituição da propriedade privada, que vê como exigência do bem comum.

Quanto as classes populares, vai propugnar pela abolição da condição proletária, "enquanto esta signifique a expoliação de grandes massas brasileiras, cujo trabalho produz as riquezas nacionais, dos benefícios dessa produção..." (41)

Enquanto a hierarquia está interessada em salvaguardar a paz social, a qual ela vê comprometida pelo "grau de desenvolvimento econômico" entre o Nordeste e o Centro-sul, a JUC deixa explícito que a diretiva da superação do subdesenvolvimento não pode ter outro caminho senão o da superação do capitalismo. E, no plano ideológico, a educação vai ser uma de suas diretrizes políticas mínimas de atuação. A "educação do povo visando despertar sua consciência política, nos aspectos fun-

(40) JUC-Da Necessidade de Um Ideal Histórico, Boletim Nacional nº 2, Belo Horizonte, Jul.1959. p.

(41) Idem, Idem. p.

damentais de seus direitos e dos problemas fundamentais da vida nacional". (42)

Entretanto, a preocupação da JUC com a educação não derivava do Conselho de Belo Horizonte. Nele vemos explicitada uma maior clareza quanto a importância desta prática social, para as transformações sociais preconizadas. Vera Jacoud (43), em emocionante depoimento a nós prestado, situa a origem desta preocupação já no início dos anos 50, quando os militantes da Ação Católica Brasileira já a possuía de maneira ainda difusa. Poderiam ser resumidas estas preocupações, dos militantes progressistas, de uma forma genérica da seguinte maneira:

"Insatisfação com trabalho"emprego";

Intenção de trabalhar com a Igreja (leigos);

- uma Igreja mais atuante
- uma Igreja diferente da "sacristia" da época
- uma Igreja presente/atualizada;

Conceituação *nítida* do papel da educação quanto:

- respeito à pessoa
- métodos ativos
- aprendizagem na troca
- revisão contínua;

Uma idéia *difusa* da participação política não partidária;

(42) JUC-Da Necessidade de um Ideal Histórico, Boletim Nacional nº 2, Belo Horizonte, jul.1959.

(43) Vera Jacoud foi uma das fundadoras do MEB, tendo sido de sua Coordenadora Nacional.

Uma visão genérica da situação brasileira e das necessidades de "mudança":

- impotência dos pequenos grupos

(44)

- importância da JOC/JAC e sua fraqueza".

A perspectiva de satisfazer a estas preocupações com a participação social dos militantes da Ação Católica vai se concretizar através de propostas de realização de trabalhos de educação de adultos. Aparecendo inicialmente como um "trabalho apaixonante", motivado principalmente por leituras e por relatos de experiências de outros países.

Se, por um lado, as influências teóricas que a Ação Católica Brasileira recebia, através de suas similares na Europa e de leituras de autores europeus (Mounier, Congart, Maritain, Pe. Lebreton etc.), foram importantes para a redefinição do seu papel social diante da realidade brasileira, os relatos de experiências realizadas em países da América Latina e da África foram fundamentais na concretização dos ideais que a levaram a se engajar no Movimento de Educação de Base. E nesse sentido "ele oferece aos militantes da Ação Católica uma pista para levar um projeto histórico para o Brasil". (45)

Por outro lado, a Igreja já vinha realizando experiências em educação pelo rádio através da Rede Nacional de Emissoras Católicas (RENEC), que era constituída pelas estações de rádio-transmissão pertencentes às dioceses. Estes programas

(44) Jacoud, Vera - Telenovela "20 ANOS DEPOIS" (na verdade 23 e 25 anos), 1980, manuscrito

(45) Bandeira, Marina, Secretária Geral do MEB, em entrevista ao autor em 26.01.81.

foram criados a partir da experiência colombiana de Sutatenza.

Segundo depoimentos, o interesse da Igreja pelo rádio acentuou-se com a possibilidade de ela vir a ampliar a sua Rede de Emissoras Católicas, que representavam um grande potencial de seu uso para programas educativos/evangelizadores, gerando uma multiplicidade destes mesmos programas orientados para a educação de adultos, o que de fato já vinha sendo feito através de programas governamentais.

Entretanto, na própria constituição desta rede está a origem do conflito entre programas de Evangelização x Educação para as aspirações. Estes conflitos situaram-se entre aqueles que pensavam ser o papel da Igreja apenas evangelizar e aqueles que, diante do alto índice de analfabetismo existente no País, encontraram a possibilidade de um engajamento concreto, para que pudessem realizar um trabalho socialmente importante.

Em 1958, foi realizada por elementos da RENEK uma viagem ao sistemas de Escolas Radiofônicas de Natal que permitiu a estes conhecer por dentro a experiência ali realizada, pelos monitores e supervisores. Esta visita foi de fundamental importância na formação daqueles que viriam mais tarde compor a primeira Equipe Técnica Nacional do Movimento de Educação de Base. Segundo um destes componentes "o banho salutar recebido dos monitores e alunos foi inesquecível e teve papel definitivo em sua formação".

Assim é que nas confluências de interesses entre a Igreja e o Estado, nas convergências e divergências de interesses den

tro da hierarquia; interesses e posições entre a hierarquia e o laicato, fundamentalmente, daquela com a JUC, foram assentadas as bases, reforçadas as alianças e a Igreja avança seu Projeto de Educação de Base.

E a MEB vai representar sem dúvida nenhuma, a primeira dimensão profissional, em nível nacional, da Ação Católica, trazendo para a educação brasileira uma contribuição única e original na área de educação de adultos.

Em 1961, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e laborou um plano de estruturação de um movimento educativo, baseado nas experiências vitoriosas de Natal e Aracaju. Como resultado dos entendimentos então mantidos com o Governo Federal, o Exmo. Sr. Presidente da República prestigiou a iniciativa da CNBB através do Decreto 50.370, de 21 de março de 1961.

Por esse decreto, ficava estabelecido que o Governo Federal, mediante convênios que seriam firmados com o Ministério da Educação e Cultura e outros órgãos da administração federal, forneceria os recursos para a aplicação do programa que a CNBB realizaria através do Movimento de Educação de Base, utilizando a rede de emissoras católicas. (46)

As sementes plantadas no Governo Kubitschek vão dar seus frutos e Jânio, ainda em Londres durante viagem após a vitória eleitoral, mantém a palavra empenhada durante a campanha eleitoral com os Bispos, em liberar fundos para a criação e implantação do movimento que iria alfabetizar a grande massa de analfabetos do País.

No período por mim estudado, 1961 a 1966, foram realizados 35 treinamentos de formação, ampliação, reestruturação das

(46) MEB - Op. cit. p. 5

equipes e de estudo formativo destas, nele foram treinados 871 profissionais para atuarem nas diversas funções e atividades que compunham os diversos *sistemas* do MEB. Estes treinamentos realizados nos estados das regiões Norte, Nordeste, Leste (Minas Gerais) e Centro-oeste. É importante salientar que já se encontravam em funcionamento as escolas radiofônicas de Aracaju, sendo a formação da sua equipe anterior a este período.

O primeiro deles, como podemos ver no quadro ⁽⁴⁷⁾ seguinte foi realizado em Goiânia, em março 1961, do qual participaram 15 treinados, tendo sido selecionados 5 profissionais que vieram compor a primeira equipe do MEB em Goiás. O nosso estudo, vai deter-se particularmente nos trabalhos desenvolvidos por este *sistema*, buscando entender as práticas pedagógicas desenvolvidas por ele, dentro do jogo exercido pelas forças políticas que atuarem na época.

(47) Fávero, Osmar - Uma Pedagogia da Participação Popular - Análise da Prática Pedagógica do MEB-Movimento de Educação de Base, 1961-1966 - Tese de Doutorado, PUC - São Paulo, 1984.

TREINAMENTOS DE EQUIPES LOCAIS

1961-1966

PERÍODO E LOCAL	ESTADO RECÍPIO	EQUIPES LOCAIS	OBJETIVOS	NOME TREINADOR
Março	Goiás	Goiânia	Formação equipe	19
Jul.17 a 22	Pernambuco	Cajazeiras, Itacuruba, Nazaré da Mata, Orobó, Petrolina, Recife	Formação equipes	26
Outubro	Ceará	Crato, Fortaleza, Limoeiro do Norte, Sobral	Formação equipes	31
Dezembro	Piauí	Teresina (e 2 do Maranhão)	Formação equipes	21
Fev. 5 a 15	Pernambuco	Afogados de Ingazeira, Caruaru, Itacuruba, Nazaré da Mata, Petrolina, Recife	Formação equipes	36
23.4 a 5.5	Bahia	Amargosa, Barra, Caetité, Feira de Santana, Ilhéus, Rui Barbosa, Salvador, Senhor do Bonfim, Vitória da Conquista	Formação equipes	31
Jul.13 a 22	Alagoas	Maceió e Penedo	Formação equipes	26
Jul.26 a 30	Minas Gerais	Governador Valadares	Formação equipes	8
Set.17 a 28	Centro-Oeste	Cuiabá, Corumbá, Campo Grande e Conceição do Araguaia	Formação equipes	34
Mar.3 a 16	Centro-Oeste	Cuiabá, Campo Grande, Conceição do Araguaia e Goiânia	Ampliação e reforço equipes	20
23.3 a 3.4	Pernambuco	Afogados de Ingazeira, Caruaru, Garanhuns, Itacuruba, Nazaré da Mata, Pesqueira, Recife, Palmares e Petrolina	Consolidação equipes	32
Abr.17 a 20	Minas Gerais	Belo Horizonte	Início coordenação estadual	5
Mai.1 a 12	R.G. Norte	Caicó, Mossoró e Natal	Formação equipes e coordenação estadual	24
Mai.16 a 26	Ceará	Crato, Fortaleza, Limoeiro do Norte e Sobral	Formação novos elementos	14
Jun.1 a 12	Pernambuco	Todas as 9 equipes do Estado mais Cajazeiras (Pb) e Juazeiro (Ba)	Formação novos elementos	39
Jul.7 a 19	Minas Gerais	Belo Horizonte, Caratinga, Divinópolis, Governador Valadares, Juiz de Fora, Luz, Marliéria, Montes Claros, Monte Santo, Oliveira, Teófilo Otoni, Três Corações, Viçosa	Formação equipes e coordenação estadual	55
26.1 a 3.10	Sergipe	Estância e Propriá	Formação equipes	7
Out.13 a 21	Minas Gerais	Arassuaí, Belo Horizonte, Caratinga, Marliéria, Montes Claros e Viçosa	Formação equipes e coordenação estadual	13
Dez.9 a 22	Amazônia	Belém, Bragança, Santarém, Coari, Manaus, Tefé, Porto Velho	Formação equipes e coordenação estadual	49
Março	Pernambuco	Afogados de Ingazeira, Cajazeiras (Pb), Caruaru, Garanhuns, Juazeiro (Ba), Pesqueira, Recife, Palmares, Petrolina	Formação novos elementos	34
Mar.5 a 15	Ceará	Crato, Fortaleza, Limoeiro do Norte, Sobral	Formação novos elementos	29
(7)	Centro-Oeste	Cuiabá, Guajará-Mirim e Porto Velho	Formação novos elementos	25
28.9 a 12.10	Bahia	Todas 10 equipes do Estado	Formação novos elementos	39
Fev.1 a 6	Pernambuco	Caruaru e Pesqueira (Agreste)	Reestruturação equipes	18
Fev.8 a 13	Pernambuco (Sertão)	Afogados de Ingazeira, Cajazeiras (Pb), Floresta, Petrolina e Juazeiro (Ba)	Reestruturação equipes	39
Fev.18 a 24	Pernambuco	Afogados de Ingazeira, Cajazeiras (Pb), Caruaru, Floresta, Garanhuns, Juazeiro (Ba), Pesqueira, Petrolina, Recife	Treinamento de Treinadores	13
Mai.7 a 15	Ceará	Crato, Fortaleza, Limoeiro do Norte, Sobral	Reestruturação equipes	5
Mai.8 a 15	Pernambuco	Afogados de Ingazeira, Caruaru, Cajazeiras (Pb), Garanhuns, Floresta, Juazeiro (Ba), Nazaré da Mata, Pesqueira, Petrolina, Recife	Animação popular	27
Mai.10 a 18	Sergipe	Aracaju, Estância, Propriá	Reestruturação equipes	11
Jul.16 a 25	Minas Gerais	Arassuaí, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Luz, Marliéria, Montes Claros, Monte Santo, Oliveira, Pará de Minas, Teófilo Otoni	Animação popular e produção programas	30
Out.19 a 27	Ceará	Crato, Fortaleza, Limoeiro do Norte e Sobral	Animação Popular	22
Dez.7 a 18	Maranhão	São Luís, Viana (mais 2 de Alagoas)	Avaliação e planejamento	11
25.2 a 6.3	Pará	Bragança do Pará	Reestruturação equipe	23
Mar.4 a 12	R.G. Norte	Caicó, Mossoró e Natal	Reestruturação equipes	28
16.4 a 8.12	Bahia	Todas 10 equipes do Estado	Reestruturação equipes	31
TOTAL DE TREINAMENTOS: 35			TOTAL TREINANDOS:	871

: MEB. Relatórios anuais no período, agendas e relatórios de treinamentos
 : Não foi contado o 19 treinamento de Aracaju, realizado em 1960

CAPÍTULO II

A Chegada

"Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda e num ponto muito mais embaixo, bem diverso do que em primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?"

(Guimarães Rosa)

Para Aparecida Siqueira e Regina Lobo

2.1 O MEB em Goiás

"A primeira notícia que eu tive do MEB, que naquele tempo não se chamava MEB mas escola radiofônica, quer dizer, era como a gente ouviu falar pela primeira vez, nem sabia, ou talvez ainda não existisse como MEB.

Tinha as escolas radiofônicas de Aracaju. E a primeira notícia que a gente soube foi de uma menina, Maria Helena de Souza, uma menina lã da Faculdade de Filosofia, que chegou para mim e disse: 'Dom Fernando está recrutando gente para formar uma equipe para trabalhar na escola radiofônica, ele vai mandar buscar um pessoal que já trabalha com isso há algum tempo'. A notícia que a gente tinha era das escolas radiofônicas, eu acho que era de Aracaju; se não me engano, foi a primeira...."

A fala anterior, de Maria Alice Martins, coordenadora do sistema de Goiás, nos permite voltar um pouco no tempo, e tentar reconstituir os caminhos percorridos por toda equipe de companheiros que "fez" o MEB-GO. A experiência ali desenvolvida, pelo seu conteúdo e pela sua prática apontou direções e possibilidades para se pensar uma educação que permitisse vislumbrar as formas participativas das camadas e grupos populares.

Segundo Maria Alice, a primeira reunião com Dom Fernando Gomes dos Santos, Arcebispo de Goiânia foi assim: "Primeiro ele contou das escolas radiofônicas lã da Colômbia, ai ele contou a história, contou que em Aracaju já havia a primeira experiên

cia do Brasil e ele queria muito fazer na Arquidiocese de Goiã na uma experiência desse tipo. Contou o que na cabeça dele na aquele tempo era a escola radiofônica, que era uma maneira de fazer com que o povo da zona rural participasse da cultura universal, do acervo universal da cultura que o povo nunca tinha acesso. Então ele disse que haveria aula de tudo; eu ainda me lembro muito bem dele dizendo isso: 'Vocês já imaginaram: Beethoven, quem é na zona rural que já ouviu falar e, no entanto, isto é uma coisa que o mundo inteiro tem direito a ter acesso...' Vo cê já imaginou lá no fundo do sertão, o sertanezinho, lá no ranchinho dele, e de repente a gente explicar para ele quem foi Beethoven e ele ouvir a Nona Sinfonia...'. A gente se entusiasmo, achou aquilo muito bonito e aí a Maria Helena de Souza foi mandada a Aracaju. Foi lá, ficou uns dias, viu tudo aquilo, se informou e tal, trouxe o material e foi marcado o primeiro treinamento..."

O Movimento de Educação de Base nasce em Goiás com uma proposta pedagógica na qual a Educação é vista como processo de aculturação; isto é, era preciso que aqueles que sabiam, ou melhor, eram educados, detinham a cultura, doassem aos que não sabiam, aos "incultos", os conhecimentos, a "cultura universal". A preocupação inicial - pelo menos em parte - de seu fundador era que o movimento transmitisse os conhecimentos produzidos ou elaborados em nível acadêmico, para aqueles cujo acesso isto era impossível.

Assim é que, desde o seu primeiro instante, o MEB esteve preocupado com a transmissão dos conhecimentos produzidos ou elaborados em nível da academia, "... e aí ele explicou também toda a outra parte que haveria; lições de saúde, sobre o trabalho, quer dizer, seria uma coisa assim completa, desde o Beethoven até como comer..." (Maria Alice)

2.2 *O Primeiro Treinamento da Equipe*

O treinamento de equipes sempre foi uma preocupação do MEB enquanto movimento de amplitude nacional. Esse treinamento, parte intrínseca de sua pedagogia, procurava, por um lado, fornecer elementos teóricos para reflexão das pessoas já envolvidas no trabalho, bem como transmitir técnicas; por outro, era oportunidade para a seleção de pessoal para compor as equipes locais.

Para o primeiro treinamento de Goiãs, a escolha inicial das pessoas deu-se de uma maneira bastante individual. Não existiu, segundo depoimentos, nenhum critério "mais objetivo". De onde pode-se concluir que a escolha foi baseada em conhecimentos pessoais da futura coordenadora, Maria Helena de Souza. "Eu sei que aí o pessoal foi recrutado dos mais diversos lugares. Eu era da Faculdade de Filosofia, tinha terminado a Faculdade de Filosofia e naquele tempo lecionava ou já trabalhava lá na 7ª CR., nem me lembro. Isa era da Faculdade de Filosofia; Aparecida, da Faculdade de Direito; Darcy Chagas, da Filosofia, também; Gaudência e Irene da Farmácia". (Maria Alice)

Esse treinamento foi realizado no mês de fevereiro de 1961 sob coordenação do Psicólogo Célio Garcia, especialista em Dinâmica de Relações Humanas (DRH). É importante salientar que, nesta época, o MEB ainda não se encontrava organizado, não havia se constituído como organismo nacional, portanto não existia ainda como tal. O órgão responsável pelas escolas radiofônicas era a RENEK (Rede Nacional de Emissoras Católicas) — "Eu sei que, nesse treinamento, a gente nunca ouviu falar em MEB, essa palavra nem existia" (Maria Alice)

O treinamento durou três dias nos quais foram as pessoas treinadas com base em técnicas de organização de grupos e receberam informações mais detalhadas sobre as escolas radiofônicas. Dele participaram várias pessoas das quais foram selecionadas, após o treinamento, as sete componentes da primeira equipe. "... e aí a gente fez uma festa onde se criava o MEB, porque naquele tempo, lá em Goiânia não se chamava MEB, se chamava SETERGO - Sistema Educacional Teleradiofônico de Goiás. E, Dom Fernando fez questão desse *tele* aí porque estava começando a televisão em Goiás. Então ele disse que assim que fosse possível as aulas seriam dadas por intermédio da televisão" (Ma^{ria} Alice). Nesse período, várias experiências de rádio-educação estavam sendo realizadas no País, sob a coordenação de SIRENA em colaboração com a CNEA e convênios com as dioceses. Havia as experiências de Crato, Bragança do Parã do Parã, Pato Bran^{co}, Leopoldina, Aracaju, Natal etc., daí a importância dada a este instrumento.

Entretanto, neste período, a visão que se tinha dos trabalhos a serem realizados, era de que seriam trabalhos regionalizados, funcionando como sistemas radiofônicos (ou radioeducativos) independentes em cada Diocese. Os intercâmbios seriam mantidos através de viagens, para que se conhecesse o material e a experiência de outros lugares, mas resguardava-se a autonomia de cada *sistema* e de cada equipe, embora houvesse mesmo, até participação de elementos de outros *sistemas*, para haver troca de experiências. Só com a criação do MEB foi possível englobar todos os *sistemas* já existentes.

Por outro lado, vejamos como viam esta questão os elementos do Nacional: "... eu acho que o MEB existia, pelo menos na cabeça, existia desde esse tempo. Talvez não com o nome, como estrutura não; isso foi imediatamente antes. Eu me lembro que no começo de 1961 fui convidado para entrar na RENEK, com vistas ao trabalho do MEB. Custou um pouco para engrenar, até sair os convênios e o dinheiro. Pode-se afirmar com segurança que: 1º) o MEB era um projeto da RENEK e 2º) alguns bispos queriam fazer as coisas diocesanas com uma coordenação nacional; mas nas bases não, concentrava-se somente uma visão diocesana... Isso é uma coisa importante que está no fundo de todas as tensões durante o período todo: nacional versus diocesano, tensão que aliás já vinha da JUC, da Ação Católica. Quer dizer, a idéia do MEB já existia nessa época, como um projeto da RENEK. Mas a coordenação era muito fraca; não se tinha dinheiro, havia só um pouco de cobertura e era muito mais forte a linha diocesana..." (Osmar Fávoro)

2.3 As Primeiras Escolas

O Decreto Presidencial que fundava o MEB, previa a instalação e ampliação imediata de milhares de escolas radiofônicas nas áreas subdesenvolvidas do Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Leste do país. Então era urgente e necessário que se iniciasse sua implementação. O Decreto 50.370 de 21.03.61, que apoiava o

"Artigo 2º - O MEB executará um plano quinquenal 1961/1965 durante o qual instalará 15.000 (quinze mil) escolas radiofônicas em 1961, e, nos anos subseqüentes, tomará providências necessárias para que a expansão da rede escolar seja sempre maior do que a anterior."

"Isso foi todo o ano de 61, feita a inauguração solene do MEB, foi uma cerimônia muito solene de criação das escolas radiofônicas e que foi num salão lá não me lembro onde. Foram rádios, jornais e figuras importantes, autoridades. Dom Fernando fez um discurso, criando a escola radiofônica. Apresentou a equipe, teve coquetel. Um negócio solene! Aí, feito isso, a gente começou a trabalhar..." (Maria Alice)

Entretanto, durante o ano de 1961, a atuação do MEB-GO reduziu-se a apenas 15 escolas radiofônicas, nas cidades de Inhumas, Itauçu, São Geraldo e Trindade, todas situadas nas proximidades de Goiânia.

Na fase inicial do trabalho, a equipe empenhou-se em recrutar e organizar aqueles que seriam os futuros monitores das

escolas. O primeiro grupo de monitores foi escolhido através dos párocos: "Nós íamos e os párocos indicavam, nós conversávamos com as pessoas..." (Maria Alice). De uma maneira geral, eram indicadas as professoras primárias rurais. O critério fundamental para esta indicação e, posteriormente a escolha como monitor, era de que fossem pessoas queridas pela comunidade, que também exercessem alguma liderança dentro dela e que estivessem dispostas a dar um trabalho voluntário. "E geralmente nós falávamos com as pessoas e elas aceitavam com uma boa vontade muito grande, nunca se recusavam, muito raro haver uma recusa" (Maria Alice).

Os treinamentos de monitores realizados neste período, até o final do ano de 1962, preocupavam-se muito mais em prepará-los para serem alfabetizadores. Daí reduzirém-se ao ensino de técnicas, palestras e discussões de conhecimentos gerais. O conteúdo limitava-se a transmitir "noções rudimentares de português, aritmética e conhecimentos gerais, dentro da mística: a família das EE.RR., unida, procurando através do trabalho realizado com amor, conseguir a elevação das condições dos mais humildes para, todos juntos, transformarem a situação".⁴

Inicialmente esses treinamentos serviram como um instrumento para se instalar as escolas. Tanto isso é verdade que

⁴ MEB/Goiás. Uma experiência de Educação de Base, *Relatório-Documento*, p. 31, Goiânia, janeiro, 1967. datilografado.

eles começavam falando a respeito da nobreza do MEB. Não se ti nha ainda uma concepção clara da alfabetização enquanto instrumento de conscientização e de libertação.

Preparados a equipe e os monitores, instaladas as escolas, estas começaram a funcionar. "Durante o ano de 61 todo, fica mos mais ou menos assim com poucas escolas. Havia aulas, todo dia linguagem e cálculo. Era: segunda, educação sanitária; ter ça, agricultura; quarta, educação doméstica; quinta, educação cívica e sexta, religião. Eram as 5 matérias e aos sãbados não tinha programa. Me lembro até dos responsáveis: Irene, educação sanitária; Emília, agricultura; Aparecida, educação cívica, Isa, economia doméstica e eu, religião. E a Gaudência era a administradora, encarregada de finanças; a Maria Helena, a coordenadora geral e hos cinco, as professoras, cada uma de uma ma téria. Aparecida, além de linguagem e cálculo, fazia a aula de educação cívica; mais tarde, ela usou para introduzir novos elementos. O primeiro bode que deu foi com uma aula de educação cívica da Aparecida" (Maria Alice).

Não nos foi possível recuperar o "script" desta aula. En tretanto, segundo depoimentos dos outros elementos da equipe do MEB-Goiás, ela é, pelo seu conteúdo, uma demarcação importante nos caminhos pelos quais se desenrolaram os trabalhos. Ao vincular a educação cívica aos direitos fundamentais do Ho mem, dentro da visão do processo de transformação social que se tinha naquele período, pretendia-se realizar um trabalho de

conscientização destes direitos, tornando explícita a situação de dominação das classes populares. Esta visão veio, evidentemente entrar em conflito com aquelas defendidas pela Igreja, da qual o MEB é parte. Somou-se a isto o fato de que o Estado de Goiás era fundamentalmente um Estado agropecuário, em sua maior parte constituído por latifúndios. Ora, uma das reformas de base fundamentais, caminho pelo qual se preconizava as mudanças estruturais no País, era a reforma agrária. Embora as EE.RR. tenham sido implantadas tanto em regiões de pequenas como de grandes propriedades de terras, o seu trabalho atingia indistintamente os camponeses que vendiam sua força de trabalho nestas regiões. Por outro lado, é importante lembrar que as emissões radiofônicas eram ouvidas em toda a extensão atingida pela Rádio Difusora de Goiânia, e isto evidentemente não agradou aos proprietários da terra que, através de ameaças contra os camponeses e contra os membros da equipe do MEB, tentaram impedir que as escolas continuassem em suas propriedades. Viam claramente nelas um perigo de organização e sublevação dos camponeses em suas fazendas, colocando em risco o trabalho destes, que era necessário para a continuidade da dominação.

2.4 O Período de Expansão

Embora o Decreto Presidencial que criou o MEB tenha sido assinado em 21 de março de 1961, a parte substancial dos recursos financeiros só foi liberada de fato no final do ano. Assim

é que, durante este ano, os trabalhos ficaram reduzidos a apenas 15 escolas, como foi dito. Entretanto, com a liberação dos recursos financeiros, surgiram condições concretas para a expansão dos trabalhos. A instalação de novas escolas tornava-se urgente, "... Dom Távora botou na cabeça que tinha que ser rápido, que era uma campanha....., que se tinha de instalar 15.000 escolas. Houve uma reunião da CNBB, quase que se rateou: quantas escolas você pode fazer? Posso fazer 100, 200 e tantas. Era uma loucura,... Tudo tinha que ser feito a toque de caixa no começo de 62, quase tudo nesse esquema" (Osmar Fávoro).

Em Goiás o processo não foi diferente: "Eu me lembro que foi uma loucura ... nós éramos seis. Nos dividimos em 3 equipes, de duas cada uma, me lembro que eu fiquei com Emília ... mas era assim de duas em duas, e a gente se mandava, fazendo treinamento de monitores por aqueles municípios. Eu me lembro que eu fui p'ra Morrinhos, Caldas Novas, Narzagão, Corumbáiba, Catalão, e ... como é que se chamavam todos os aqueles "paísesinhos" em volta de Catalão?" (Maria Alice), "Goiandira". (Nazi-ra)

... "Eu sei que a gente saía, e chegava a ficar um mês fora de casa. Olha, em Morrinhos estava tendo um encontro de professores primários, a gente aproveitou, entrou lá e falou sobre a escola. O pessoal aderiu, fizemos um treinamento de umas 50 pessoas de toda aquela região. Ficamos hospedadas no colégio das freiras. Foi no mês de fevereiro, eu me lembro que a

Emília chorou muito, um dia ela teve uma crise de choro, não aguentava mais fazer treinamento naquelas corrutelas. Mas, foi uma loucura, demarcamos a Diocese em 3 regiões e fomos duas para cada região e treinamos aquele mundo de gente e instalamos escolas. Aí voltamos, ficamos um mês lá e quando voltamos, tinha cento e setenta e duas escolas instaladas. E aí a supervisão? Nós fomos muito "caxias" e éramos só 6. Chegávamos a passar seis fins-de-semana fora de casa, rodávamos aquilo tudo."
(Maria Alice)

O ano de 1962 representou para o MEB-GO o ano da sua expansão em termos numéricos, em termos de radicação de escolas. Entretanto, este rápido crescimento veio demonstrar que a questão da alfabetização não se situava apenas na instalação de escolas e no treinamento de monitores. Tratava-se fundamentalmente de um trabalho mais profundo que demandava supervisão e assistência direta a estas escolas e aos monitores. Era necessário uma integração maior e mais consistente entre a Equipe Central, os monitores, os alunos e a comunidade. Por outro lado, a Equipe Central não tinha condições, dado o seu reduzido tamanho, e nem clareza sobre o processo desencadeado. A questão das escolas radiofônicas estava ainda bastante centralizada no fato de ensinar a ler e escrever àqueles que não sabiam. Daí a postura, assumida não só pela Direção do MEB/Nacional e por sua Equipe Técnica, como também pela Equipe Central de Goiânia.

Entretanto, no final do ano de 1962, no I Encontro de Coordenadores realizado no Recife, o Movimento se redefine: "considerando as dimensões totais do homem e utilizando todos os processos autênticos de conscientização, contribuir de modo decisivo para o desenvolvimento integral do povo brasileiro, uma perspectiva de autopromoção que leve a uma transformação de mentalidades e estruturas. Essas transformações se nos afigura necessária e urgente no momento atual."⁵

Essa redefinição vai interferir diretamente na condução dos trabalhos do MEB-GO. Segundo Maria Alice, "até dezembro de 62 o MEB foi uma coisa e desse encontro em diante o MEB mudou 180°."

Por outro lado, a crise vivida pelo movimento neste período, coincide com a formação do *grupão* que se transformou no movimento político *Ação Popular*, cujos fundadores e militantes eram em sua maioria originários da Ação Católica, fundamentalmente de Juventude Universitária Católica (JUC). É neste período também que vemos crescer os Centros Populares de Cultura (CPCs), promovidos através das entidades estudantis - União Nacional dos Estudantes (UNE) e Uniões Estaduais dos Estudantes (UEES), assim como outros movimentos de cultura e educação popular em todo o Brasil. Os militantes da JUC desempenharam pa

⁵ MEB - 1º Encontro de Coordenadores, *Conclusões/1*, Rio de Janeiro, s/d, Objetivos Gerais.

pel fundamental na organização destes centros e movimentos e encontravam-se bastante envolvidos com eles, ao contrário do que esperavam os bispos. O desejo destes era de que os mili tantes da JUC entrassem para o MEB e ai desenvolvessem a sua militância cristã redefinida como engajada na realidade brasi leira.

A questão da alfabetização é recolocada, neste momento, em termos mais amplos, dentro de uma visão que abrange os as pectos políticos e culturais. É a *cultura* que está colocada em questão por todos aqueles que estão envolvidos no processo de transformação do País, conforme a visão que se tinha nesta épo ca. Paulo Freire realiza no Nordeste sua experiência de alfa betização elabora e sistematiza uma metodologia que vai influen ciar de maneira decisiva os trabalhos em educação popular pos teriormente realizados no País.

Neste contexto, o MEB redefine também em seus *objetivos particulares*:⁶

"Para atingir seus objetivos gerais, o MEB se propõe a fazer um trabalho de Educação de Base que consiste em:

- 1º) Alfabetização e iniciação em conhecimentos que se traduzam no comportamento prático de cada homem e da comunidade, no que se refere:*

⁶ MEB. Id. *ibid.*

- à saúde e à alimentação (higiene)
- ao modo de viver (habitação, família, comunidade)
- às relações com os semelhantes (associativismo)
- ao trabalho (informação profissional)
- ao crescimento espiritual.

2º) Conscientização do povo, levando a:

- descobrir o valor próprio de cada homem,
- despertar para os seus próprios problemas e provocar uma mudança de situação,
- buscar soluções, caminhando por seus próprios pés,
- assumir responsabilidades no soerguimento de suas comunidades.

3º) Animação de grupos de representação, promoção e presção.

4º) Valorização da cultura popular, pesquisando, aproveitando e divulgando as riquezas culturais próprias do povo."

E ao se redefinir, diz o que passa e entende por educação de base:

Considerando as dimensões totais do homem, entende-se como Educação de Base o "processo de autoconscientização das massas", para uma valorização plena do homem e uma consciência crítica da realidade. Esta educação deverá partir das necessidades e dos meios populares de libertação, integrados em uma "autêntica cultura popular" que leve a uma ação transformadora. Concomitantemente, propiciar todos os elementos necessários para capacitar cada homem a participar do desenvolvimento integral de suas comunidades e de todo o povo brasileiro.⁷

⁷ MEB. Id. *ibid*.

Partindo desta definição e de uma reflexão crítica com relação ao desenvolvimento do MEB nesta data, procuraram os coordenadores, de uma forma abrangente atingir todo o conteúdo do seu trabalho, bem como propuseram um novo planejamento. Quanto aos aspectos relativos ao trabalho de cultura popular, as críticas feitas durante o encontro foram:

- "a) As aulas das EERR não têm levado em consideração a cultura popular.
- b) Temos projetado uma cultura de massa, em vez de levar em conta os valores próprios do povo."⁸

Propondo os meios (arte popular, folclore, entrosamento com estudiosos da cultura popular, pesquisa, exposições, caravanas etc.) e técnicas (rádio, teatro, novelas etc.), o planejamento deveria ser:

- "1) A cultura popular deve estar presente em todos os trabalhos do MEB.
- 2) Procurar entrosamento ativo com outros movimentos que desenvolvam atividades de cultura popular, desde que não sejam comprometidos os objetivos do MEB.
- 3) No trabalho de conscientização da comunidade e especialmente dos líderes, procurar a colaboração também de elementos representativos da cultura popular que, espontaneamente, poderão levar ao povo através de sua própria arte, elementos de conscientização."⁹

⁸ Id. ibid.

⁹ Id. ibid.

A questão da *conscientização* das populações atingidas pelo MEB, através de programas de educação de base, é criticada a partir da falta de unidade do trabalho das escolas *radiofônicas*. As cartilhas usadas são consideradas obsoletas; critica-se a falta de preparo do pessoal para a elaboração das aulas, a falta de globalização da aprendizagem; o uso somente das *escolas radiofônicas* é considerado insuficiente.

Diante disto, é que serão planejadas as atividades *posteriores* tendo as seguintes orientações:

- "1) Ter uma cartilha que alfabetize ao mesmo tempo que leve uma conscientização.
- 2) Preparar adequadamente pessoal para atingir os *objetivos* do MEB.
- 3) Além de EERR, o MEB deve contar com outros meios de ação como:
 - caravanas
 - comitês de ação popular
 - conselhos de comunidade
 - clubes
 - artesanatos
 - cooperativas
- 4) Sempre que possível promover com entidades *várias*, *planejamento* conjunto, coordenação de atividades de ajuda *mútua*.
- 5) Levar em conta a necessidade de articulação com outras forças atuantes que tenham linha de valores coerentes com os objetivos do MEB.

- 6) *Estudar a possibilidade de fazer cartazes tendo por base a cartilha que vier a ser utilizada.*"¹⁰

Além desses aspectos, propunha também o I Encontro de Coordenadores que o MEB deveria "*suscitar, a partir de cada escola radiofônica, o desenvolvimento de responsabilidade comunitária, levando em conta a autopromoção do homem na comunidade e des*pertando-o para sua inserção no contexto local, regional, nacional e internacional.""¹¹

Mas é criticando os aspectos formativos e de capacitação das equipes que o I Encontro de Coordenadores vai produzir os seus efeitos mais fortes:

- "- *Tem sido muito usado o diretivismo ou semidiretivismo.*
- *Não houve, até agora, preocupação de conscientizar os treinandos.*
- *Há muito mais cuidados com a parte técnica do que com o conteúdo e a conscientização.*
- *Os treinamentos foram bastante válidos, considerando-se um passo inicial para os trabalhos.*
- *Não tem sido feitos estágios complementares aos treinos, de forma sistemática.*
- *Os objetivos não têm sido totalmente alcançados.*
- *Nos treinamentos há falta de maior quantidade de material escrito para consulta posterior.*"¹²

¹⁰ MEB. Op. cit.

¹¹ Id. *ibid.*

¹² Id. *ibid.*

Portanto, a seleção e a capacitação das equipes estaduais e locais, para suas funções específicas, deveriam visar:

- 1º) *Partir de conhecimento aprofundado da realidade social local, para uma visão global da realidade brasileira e internacional.*
- 2º) *Situar o MEB como instrumento para a modificação dessa realidade.*
- 3º) *Formar mentalidade crítica descondicionando conceitos ultrapassados.*
- 4º) *Desenvolver a iniciativa pessoal.*
- 5º) *Informar sobre o MEB; métodos e situação.*
- 6º) *Considerar e informar sobre os fundamentos dos processos educativos e sua correlação com as atividades do MEB.*
- 7º) *Abrir perspectivas para:*
 - *organização de comunidade,*
 - *sindicalismo,*
 - *cultura popular.*

E nessa perspectiva que vão ser recrutados e treinados os novos elementos da Equipe Central de Goiânia, em março de 1963. O processo de escolha e seleção destes novos membros vai obedecer a critérios que fundamentalmente se diferenciam do treinamento anterior, realizado em 1961.

CAPÍTULO III

A MUDANÇA

*Nuestras horas son minutos
cuando esperamos saber,
y siglos cuando sabemos
lo que se puede aprender ...*

*... Todo pasa y todo queda,
pero lo nuestro es pasar,
pasar haciendo caminos,
caminos sobre la mar ...*

(Antonio Machado)

Para

Maria Alice
Carlos Brandão
Gaudência
Waldenora
Irene e
Filhinha

3.1 O 2º treinamento

Após as reflexões e críticas, referidas no capítulo anterior, foram recrutados os profissionais que deveriam ser treinados e selecionados durante o 2º treinamento do MEB realizado em Goiás. É importante salientar que a seleção se dava durante o próprio treinamento, com a participação dos treinadores e da equipe central. Este treinamento foi tecnicamente preparado e realizado com os recursos da Dinâmica de Grupo. Entretanto, já neste momento, algumas críticas eram feitas, tanto ao conteúdo, quanto à metodologia empregada: "Dinâmica de Grupo não pode ser Psicoterapia de Grupo; não temos o direito de desenvolver um processo sem condições de tratamento e acompanhamento, ... o que interessa não é o *processo psicológico* que se passa, mas a dinâmica propriamente dita em função de um objetivo" (Vera Jacoud). O planejamento e execução deste treinamento foi recuperado e recomposto através de depoimentos dos treinadores, dos treinandos e do texto manuscrito inédito de Vera Jacoud, intitulado Telenovela 20 anos depois (na verdade 23 a 25).

Deste treinamento participaram 27 pessoas, várias delas militantes da Juventude Universitária Católica e da Ação Popular que já vinham participando de outras experiências e trabalhos na área da Cultura Popular. Foram selecionados apenas 7. Os critérios para a seleção privilegiaram fundamentalmente a competência técnica e intelectual e a formação ideológica aliada à uma

prática política. Assim é que entre os selecionados, duas pessoas eram militantes da Juventude Universitária Católica e, contraditoriamente ao esperado — o MEB deveria ser um lugar de engajamento para os jucistas e ex-jucistas — é exatamente quanto a contratação desses dois elementos — Alda Maria Borges e Eurípedes Dias — que vai ocorrer sua reação, por parte do Arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos. A dificuldade não foi outra senão o motivo deles serem membros da JUC. Dom Fernando não aceitou inicialmente que fossem escolhidos. Entretanto, após discussões entre a Equipe Nacional, a Equipe Central e Dom Fernando, foi possível efetivar as contratações.

A recomposição da Equipe desencadeou um processo interno dentro do MEB-GO que se caracteriza por uma divisão de pessoas entre aqueles que eram os "teóricos" e aqueles que eram os "práticos". Embora esta divisão seja falsa, pois na realidade havia uma conjugação de esforços para a realização das tarefas cotidianas, ela representou muito mais as dificuldades existentes na época em se compreender o processo pelo qual vinha passando a sociedade brasileira e quais as propostas e soluções para as mudanças pretendidas. De um certo modo, eram caracterizados como "teóricos" aqueles elementos da equipe que por suas opções participavam, ou melhor, encontravam-se engajados em outros movimentos ou eram militantes da JUC e/ou da AP. Isto fazia com que estes elementos tivessem acesso a um maior número de informações, principalmente políticas, que os outros. Os "práticos" seriam aqueles que, não sendo militantes de nenhum dos

destes movimentos, não estariam, assim, preparados para as discussões e reflexões mais profundas e deveriam então realizar os trabalhos práticos. Assim podemos sintetizar esta divisão através do diálogo seguinte:

- Mas eu me lembro de ter ouvido falar em outras opções. Não sei se foi você ... foi em Serrinha durante a supervisão, em que discutimos realmente esta problemática e que alguém colocou. Eu acho que foi você, Peixoto. (Nazira)
- E fui eu mesmo. (Peixoto)
- Então você disse que existiam outras coisas, outras opções. (Nazira)
- E me lembro que eu estava falando assim, porque não era tão claro para mim também. Eu estava há um ano na Universidade, e toda a minha história de participação política mais conseqüente, vem depois que entrei para a Universidade. E, não era tão claro, tanto que eu tentei falar assim, em "outras opções"... (Peixoto)
- Mas, não era claro, para nós. Estou colocando isso, para ver como é interessante, porque mesmo isso eu fui ouvir lá, não na equipe do MEB, eu ouvi lá na supervisão. (Nazira)
- No fundo, não representava uma cisão ideológica? (Osmar)
- Não; eu acho que ideológica, não. Eu acho que representava mais falta de instrumentos teóricos para compor com o pessoal. (Betinha)
- Sabe o que eu sentia? Que a "equipe teórica" tinha muito mais apoio do outro pessoal do que nós. Então tinha muito mais diálogo com o outro pessoal do que a gente. E, muitas

vezes, nós chegamos a pensar se não estaríamos, como se dizia na época, "embananando o troco", quando tinha gente em melhores condições para assumir, ao passo que, oficialmente, quem estava ali éramos nós. (Nazira)

— Agora, era interessante que quando fora (eu me lembrei de ter viajado) corria tudo bem. (Betinha)

— Tudo bem, mas tudo bem mesmo. (Nazira)

— Aí que acho que não era ideológico, Osmar ... (Nazira)

— Poderia ter até se tornado. (Peixoto)

— O que impressiona, por exemplo, é o fato de que concretamente era um trabalho feito junto, por exemplo, não havia nenhuma discordância na programação, entende? Não existia o "racha", por exemplo. No grupo não existia isso, eu não me lembro. (Maria Alice)

— O que eu quero dizer é que nós não tínhamos condições de atrapalhar. O máximo que fazíamos era não entender. Por exemplo, os textos que vinham do Nacional, as vezes que se juntou para estudar aqueles textos, não entendíamos nada. (Nazira)

— Que estávamos com interesse de MEB, é verdade, mas além de MEB. (Peixoto)

— E esse negócio era uma situação assim quase insolúvel por que havia essa divisão na equipe e, por outro lado, sentíamos que só aquelas pessoas que estavam assumindo a parte teórica tinham condições. Nós não tínhamos realmente, podíamos fazer assim: "Bom, vamos agora igualar toda a equipe; num mês uma parte teoriza e a outra viaja, no outro mês é a outra parte." Mas não tinha condições porque se pusesse a gente, quem tinha condições, "era a maratona" mesmo, então era uma divisão. Mas, por outro lado ... e não se

pode dizer que não se faz alguma coisa para sanar essa divisão, para diminuir essa distância porque fazíamos aquelas reuniões de estudo com todo mundo, sô faltava participar a Santina, mas ia todo o MEB, não ia? (Maria Alice)

— Vocês mastigavam o assunto, mas não adiantava muito não. Olha, se você me perguntar sobre aquelas reuniões de estudo, aquele negócio do MEB, até hoje eu não sei te dizer... (Nazira)

— ... até certo ponto não tinha muita solução não. Tinha que ter sido aquele jeito. ... Eu sei que isso sô pode ser superado, não deu racha nenhum dentro da equipe, por causa nem sei do que, d'um carinho muito grande que sempre se teve uns pelos outros, um respeito muito grande, porque houve momentos no MEB-GO em que houve um mal-estar muito grande. A gente viveu momentos assim de crise, de mal-estar que eu sentia que qualquer hora ia ter um racha enorme e não chegou a ter porque o respeito de parte a parte, o carinho era verdadeiro. Mas houve momentos de mal-estar que você sentia que qualquer hora podia acontecer um negócio sêrio. Chegaram a haver momentos muito sêrios, mas eu não vejo qual poderia ter sido a outra solução, porque a equipe era realmente dividida. (Maria Alice)

Este dilema vivido pela equipe do MEB, era o mesmo vivido por todos os católicos engajados em movimentos sociais e políticos deste período. Teoricamente era um problema da época que atingia a todos os católicos engajados em movimentos políticos e sociais que, buscando uma definição de linhas teóricas para os seus engajamentos, "saltavam de Pe. Vaz, para Emanuel Mounier, para Pierre Chardin quase todo ano", no dizer de um militante da época.

Nesse sentido, para os católicos, o engajamento, a militância, as práticas desenvolvidas nestes e em outros trabalhos representavam buscas para uma saída de transformação da sociedade brasileira. Delineava-se um programa político que permitisse a concretização das lutas necessárias de serem travadas, para que se pudesse transformar a realidade brasileira, já que as experiências históricas dos partidos políticos até então existentes no Brasil eram, no mínimo, questionadas por diversos setores da esquerda brasileira, inclusive pelos militantes católicos.

3.2 Nova perspectiva

Os efeitos do I Encontro de Coordenadores e da ampliação da Equipe Central começaram a ser sentidos logo no 1º semestre de 1963.

A realização de um Encontro de Monitores em fevereiro, no qual se reuniram 86 monitores de 29 municípios, deu-se sob o impacto do I Encontro de Coordenadores e teve as seguintes finalidades:

- revisão do trabalho feito no ano anterior;
- planejamento das atividades deste ano;
- integração dos monitores na linha de pensamento e ação do MEB.

Da crítica sobre a atuação do MEB a partir das escolas ra
diofônicas e da constatação do fechamento de muitas delas (mais
de 150), destacou-se a necessidade de um novo instrumento de
motivação para a reorganização destas escolas.

É importante salientar-se que o fechamento de escolas durante
o ano de 1962, deveu-se em parte também a uma falta de pla
nejamento no que diz respeito à emissão e à recepção atrav
és da Rádio Difusora. Depois de entrar no ar o transmissor de 10
kw, em onda média, verificou-se que a referida emissora não era
ouvida em grande parte da área onde se encontravam as escolas.
Verificando-se a impossibilidade de funcionamento de grande nu
mero de escolas, foram as mesmas fechadas, pelo menos tempora
riamente, até que se conseguisse a onda tropical para a Rádio
Difusora.

Assim é que se desencadeou a Campanha de Alfabetização, ime
diatamente após os treinamentos de monitores que se realizaram
em janeiro e fevereiro de 1963. Os objetivos desta Campanha
foram:

- *Despertar para a necessidade da "leitura e a escrita";*
- *dar conhecimento da possibilidade de instalação de escolas
para adultos;*
- *mudar o sistema de matrícula, que consistia na procura dos
alunos pelo monitor, para uma busca da escola pelos inte
ressados.*¹

¹ MEB/Goiás. *Uma experiência de educação de base: relatório-documento*. Goiã
nia, 1967. 25 p.

A primeira fase constou da organização de comitês, nos diversos municípios compostos por 4 ou 5 membros, escolhidos entre as autoridades, líderes e pessoas de influência na comunidade, os quais se responsabilizaram pela escolha de área e apresentação dos candidatos a monitor. As funções destes comitês, foram:

- fazer reuniões para planejar o trabalho;
- informar as autoridades locais sobre as Escolas Radiofônicas e a Campanha de Alfabetização, e conseguir o seu apoio;
- convidar o povo e as autoridades para assistirem, reunidos, aos programas radiofônicos;
- após os programas, fazer debates com o povo sobre o problema apresentado;
- promover reuniões e palestras de esclarecimento para o povo;
- fazer visitas de esclarecimento às famílias;
- fazer inquérito sobre a percentagem de analfabetismo local;
- usar todos os meios de propaganda disponíveis (cartazes, folhetos, alto-falantes, etc.);
- aproveitar todas as oportunidades para esclarecer o povo sobre a necessidade de escolas.

A organização dos referidos comitês, com as responsabilidades definidas acima, era parte de uma campanha de motivação, a fim de esclarecer as comunidades sobre as escolas radiofônicas, e de motivar o povo a frequentá-las. Esta campanha, lançada em todas as comunidades onde funcionavam as escolas radiofônicas,

foi realizada simultaneamente pela Equipe Central e pelos monitores auxiliados por alunos e pessoas de suas comunidades.

O procedimento utilizado para esta campanha de motivação foi o seguinte:

- Lançamento de Campanha: no dia 2 de março, foi irradiado em programa especial, a que assistiram, em cada comunidade (povoado, fazenda, etc.) os monitores, alunos, autoridades e o povo. Após o programa, organizaram-se debates sobre os problemas da realidade brasileira, sobretudo o analfabetismo e a obrigação que todo o brasileiro tem de trabalhar pa-
ra melhorar a situação do país.
- Desenvolvimento da Campanha: durante o período em que se desenvolveu a Campanha, eram irradiados, às terças, quintas e sábados, programas especiais de conscientização, assistidos pela comunidade e seguidos dos debates, pelo povo, sobre os assuntos focalizados;
- Encerramento: a Campanha encerrou-se no dia 23 de março com a aula inaugural das Escolas Radiofônicas. A aula constou de uma reunião solene, em cada comunidade, com a presença de autoridade e líderes locais, e grande parte da população.
Após ouvir-se pelo rádio a palavra da professora locutora, cada comunidade prosseguiu a sua solenidade, com discursos, palestras e debates sobre Escolas Radiofônicas, e sobre diversos aspectos da realidade brasileira.
A Campanha da Motivação contribuiu para elevar o número de matrículas, tornar as escolas radiofônicas conhecidas na comunidade, e fazer com que a comunidade se interessasse pela escola, fazendo dela um centro de reuniões, de debates e atividades. Contribuiu ainda para despertar o espíri

*to de iniciativa e o entusiasmo mais duradouro nos monitores e alunos.*²

A necessidade de uma ligação mais profunda com as raízes culturais da região fez com que a equipe procurasse, em todos os níveis, as manifestações mais representativas das populações.

Os entendimentos entre o MEB e outros órgãos, que já vinham também desenvolvendo trabalhos de cultura popular na região, permitiram trabalhos conjuntos no sentido de virem aqueles a contribuir para as atividades do MEB.

O Centro Popular de Cultura (CPC) da União Estadual dos Estudantes de Goiás e o Instituto de Cultura Popular do Estado de Goiás (ICP) eram os órgãos que até então vinham trabalhando mais intensivamente na área da cultura popular.

A produção e montagem de peças teatrais, organização e participação em festas populares, religiosas e folclóricas, era uma experiência já acumulada por quase dois anos pelo Centro Popular de Cultura da União Estadual de Estudantes de Goiás, vinculado ao CPC da UNE. O CPC preocupava-se também com o processo de renovação musical em curso no País, bem como a busca das raízes musicais existentes em cada região. Este também era o esforço e eram também os objetivos do ICP.

² MEB/Goiás. Relatório do 1º semestre de 1963. Goiânia, jul. 1963.

Desta preocupação conjunta entre os membros da Equipe Central do MEB e dos militantes do CPC e do ICP surgiu a possibilidade de trabalhos conjuntos e para Campanha de Alfabetização. Este trabalho conjunto teve, através da pessoa de Elizabeth Hermano, uma contribuição valiosa no sentido de elaborar e selecionar músicas para os programas radiofônicos do MEB. A música sertaneja, "caipira", sem dúvida uma das manifestações musicais mais importantes da região, foi o veio musical encontrado para servir, ao mesmo tempo, de fundo musical para os programas e como mais um motivador para a campanha. Assim é que, para a Campanha, foram elaboradas duas músicas que passaram a ser tocadas e cantadas em todos os programas do MEB, uma por Elizabeth Hermano e a outra pelo monitor José Moreira Coelho e Percival Moreira Coelho, monitores da escola radiofônica da Fazenda Serrinha, Município de Itauçu, Estado de Goiás. A música de Betinha, de tal maneira foi importante para a Campanha que passou a ser o prefixo das aulas e programas durante o resto do tempo de existência do MEB em Goiás. Transcrevemos a seguir as letras respectivas

*Levanto junto com o sol
E já é hora de trabalhar
Enfrento a terra com a enxada
E sô de noitinha que vou descansar.*

*Então deixo a enxada num canto
Pego meu livro e vou estudar
Com a ajuda do monitor
Seja noite de chuva ou noite de luar.*

De dia ganhando pão (bis)
 De noite livro na mão
 Sabendo ler e escrever
 A nossa vida vai melhorar
 Estuda homem e mulher
 Pois a vida que um leva outro deve levar.
 E um dia no Brasil inteiro
 Toda miséria vai acabar
 Porque o povo brasileiro
 Sabendo o que quer haverã de lutar.
 De dia ganhando o pão (bis)
 De noite livro na mão.

VAMOS ESTUDAR

I

Aqui vai o meu convite
 A vocês, companheiradas:
 Vamos, vamos estudar,
 Correndo a largas passadas!
 Agora, graças a Deus,
 Não temos que pagar nada,
 Aqui vai o meu conselho:
 Não percam esta parada.

II

Nossa classe camponesa
 Precisa aproveitar
 Esta oportunidade
 Que temos para estudar
 A Escola Radiofônica
 Nos estende a sua mão
 Agora chegou a vez
 Para o povo do sertão.

III

Estã fazendo milagre
 No Estado de Goiás
 A Escola Radiofônica
 Ensino muito eficaz
 Não percam rapaziada!
 Vamos, vamos estudar.
 Agora tenho certeza
 Que a vida vai melhorar

IV

De segunda a sexta-feira
 Nosso rádio está ligado
 À espera dos amigos
 Que já estão convidados.
 Espero que os camponeses
 Estejam interessados
 Tomar parte do estudo
 Nosso tão cobiçado.

Paralelamente à *Campanha de Motivação*, foi realizada uma pesquisa sobre o analfabetismo em cada uma das comunidades, pelos monitores e pessoas interessadas. Esta pesquisa constou de um inquérito, através da aplicação de questionários,³ preenchidos em cada residência, buscando levantar o percentual de analfabetos com mais de 14 anos, dentro da população. Tinha como finalidades principais colher dados sobre o grau de analfabetismo, verificar a aceitação da Escola Radiofônica e despertar lideranças locais.

A análise dos questionários mostrou os seguintes resultados: dos adultos entrevistados, 56,95% eram analfabetos. Destes, 50,72% mostraram-se dispostos e desejosos de frequentar uma escola.⁴

A participação efetiva dos monitores e alunos, organizados nos comitês, foi fundamental para a instalação e reorganização das escolas nesta fase. O pioneirismo do MEB/Goiás, no sentido de incorporar ao seu planejamento interno e na execução do mesmo a participação de elementos da comunidade, fez com que se desse um concreto envolvimento dos monitores, alunos e pessoas da comunidade local, na condução deste e de futuros trabalhos.

³ Não foram encontrados registros de quantos questionários foram aplicados, mas segundo depoimentos, a pesquisa abrangeu todos os municípios onde o MEB veio a instalar Escolas Radiofônicas.

⁴ MEB/Goiás. *idem*.

Este envolvimento pode ser visto através da correspondên
cia recebida pela Equipe Central, dos monitores:

Comunico-vos que nosso comitê está formado. Combinamos em agir na Fazenda Serrinha, as seguintes fazendas ... Estamos muito animados, todos os que foram informados da escola estão ansiosos por saber o dia inicial das aulas, parece que vai haver uma concorrência muito boa.⁵

A participação efetiva dos monitores neste período, já se dá também em nível do planejamento interno das atividades do MEB e dos treinamentos por ele realizados para os novos monitores. Assim é que nos treinamentos de fevereiro de 1963, conta-se com a participação dos 6 primeiros monitores das escolas da Fazenda Serrinha.

Entretanto, estes treinamentos foram ainda bastante centralizados nas escolas, com a preocupação não só em radicá-las e aumentar o número de alunos, mas também em melhorar os aspectos relacionados ao conteúdo. A questão do material didático utilizado já aparece explicitamente neste período:

Apesar da pobreza do material didático usado (1º ciclo — Rãdiocartilha; 2º ciclo — Brasília, 1º livro de leitura), cartilhas e livros que não se adequavam à realidade vivida, houve um esforço da Equipe em fazer a complementação com dados da realidade local colhidos através dos monitores e alunos, que passaram a participar assim da elaboração das aulas e programas. Mesmo nas aulas de aritmética, eram utilizados

⁵ Moreira, J. Monitor da Fazenda Serrinha em correspondência à Equipe Central em 21 de fevereiro de 1963.

*os dados reais do momento. Todo o resultado obtido com as aulas que eram elaboradas tentando um nível do atendimento a pessoas adultas da zona rural, não impediu o aparecimento das dificuldades que logo se fizeram notar, no decréscimo da frequência ...*⁶

Por outro lado, apesar da centralização das atividades na escola, intencionalmente já existiam as preocupações de se atingir a comunidade de maneira mais efetiva. Após a recomposição da Equipe Central, o MEB/GO começou a estruturar mais claramente sua metodologia de trabalho. Fundamentalmente, esta metodologia baseou-se no desenvolvimento de quatro atividades que eram produzidas de forma integrada entre a Equipe Central e os monitores. Estas atividades eram: aulas radiofônicas, supervisão, programas de sábado e o encontro.

O aprofundamento do processo pedagógico desencadeado por estas atividades permitiu que os trabalhos realizados a partir deste período assumissem qualitativamente características diferenciadas do anteriormente desenvolvido.

As possibilidades de contatos diretos e mais intensos com as comunidades foram delineando as práticas pedagógicas que iriam caracterizar a metodologia de trabalho que marcou o MEB em toda a sua existência posterior.

⁶ MEB/Goiás. *Uma experiência de educação de base: relatório-documento*. Goiânia, 1967. 25 p.

3.3 A Supervisão

Embora algumas destas atividades, como as aulas radiofônicas e a supervisão, já fossem parte integrante do trabalho do MEB desde o seu início, é neste período que elas vão, juntamente com as demais, adquirir uma função bastante fundamental e uma agilidade maior, permitindo que se transformassem em formas pedagógicas de atuação junto às comunidades. Neste período, tentou-se dar à supervisão um caráter mais dinâmico, utilizando-se um questionário para levantamento de área, preenchido com monitores e alunos, aproveitando a oportunidade para fazer debates sobre *pessoa, trabalho e cultura*, debates que eram motivados com a apresentação de trabalhos de artesanato.

Numa tentativa de maior participação da comunidade, a supervisão passou a ser feita com a reunião de várias escolas num mesmo local.

Este tipo de supervisão tinha como objetivos imediatos:

- complementação do trabalho radiofônico;
- contato direto com as comunidades;
- revisão e planejamento conjunto;
- motivação e abertura para a comunidade.⁷

⁷ MEB/Goiás. idem.

A concepção de supervisão criada a partir deste trabalho é qualitativamente diferenciada daquela em que se acostumaram a pensar os educadores tradicionais até então, onde a supervisão em geral era:

- direta, quando a visita era feita na escola, no horário das aulas;
- indireta, quando a visita era feita apenas ao monitor e a alguns membros da comunidade.

Entretanto, este trabalho só foi possível porque:

- "Com uma supervisão melhor equipada e com maior duração, houve possibilidade de um contato mais proveitoso para monitores e alunos, e para a Equipe Central que adquiriram novos dados e maior conhecimento das pessoas e lugares com quem e onde trabalha."

Esta maneira de pensar e de executar a supervisão, como um *encontro* entre os técnicos do MEB, os monitores e a comunidade, dentro de uma sistemática que passou a fazer parte integante do processo pedagógico do movimento, gerou uma experiência, que no dizer da própria equipe, "talvez tenha sido a mais original" vivida pelo MEB-GO: o *encontro*.

3.4 O Encontro

A experiência dos *encontros* começou a desenvolver-se no correr do ano de 1963, nos municípios onde funcionavam as esco

las radiofônicas. E tem, inicialmente, os mesmos objetivos imediatos da *supervisão*,

- complementação do trabalho radiofônico;
- contato direto com as comunidades;
- revisão e planejamento conjunto;
- motivação e abertura às comunidades.

O começo da experiência foi a partir das exigências do trabalho, e como não se dispunha de técnicas para encaminhá-la, ela foi feita quase na base da intuição, tendo a equipe a consciência de que se tratava mesmo de uma *experiência*.

Cada *Encontro* abrangia um município, era realizado aos domingos, num local indicado pelo monitor, com a participação da Equipe Central, monitor e alunos e outras pessoas da comunidade onde funcionava a escola radiofônica. Começava geralmente com a colocação, por uma supervisora, de pontos já vistos anteriormente, como início do debate. Essa colocação também era feita, na medida do possível, com esquetes ou "pecinhas de teatro", levadas, inicialmente, pela Equipe Central e, posteriormente, elaborada pelos próprios monitores e alunos.

Nos primeiros *encontros*, o debate partia de uma percepção e crítica da realidade. Nos últimos, a partir de algumas revisões que a equipe fez, o debate era centrado na visão do existir humanos e suas exigências. Depois dos debates, em grupos separados com monitores e alunos, uma supervisora tentava uma re

visão do trabalho, fundamentação, motivação e planejamento. Ao fim disso, novamente a "turma" reunida, era realizado um "show". Esse "show" constava de números musicais, poesias, danças etc., normalmente apresentados pela "turma" do lugar.

Como continuação do *encontro* numa primeira fase, ficava o "Guia do Monitor", espécie de apostila que visava consolidar os conhecimentos do monitor. Numa segunda fase uma apostila de fundamentação geral, que era o "caderno" que colocava o problema do *Homem e a História*.

A tarefa concreta de continuidade, na primeira fase, era o aumento das escolas. Na segunda fase era a *união*, de uma maneira generalizada, pois ao lado da escola aparecia a motivação para sindicatos, principalmente, clube de mães, cooperativas e outras formas organizativas da comunidade.

Entretanto, a falta de clareza para a continuidade dos trabalhos a partir desta segunda fase, onde aparecem motivações bastante explícitas por parte da comunidade dos alunos e monitores, traz dificuldades concretas para a Equipe Central, que a essa altura sentia a necessidade de um aprofundamento. — "Entretanto, não enxergávamos concretamente de que maneira fazer isso, pois já havíamos aplicado tudo que tínhamos".

Analisando as duas primeiras fases da experiência, a equipe chegou aos seguintes pontos positivos:

- com o encontro, os laços de conhecimento entre a gente e as comunidades aumentavam;
- as comunidades se movimentavam e se divertiam;
- a frequência às aulas e o entusiasmo cresciam;
- aumentavam as solicitações de engajamento concreto;
- o encontro realmente oferecia oportunidades de intensificação de tudo o que o contato direto permite.

Por outro lado, anotavam-se como falhas:

- o encontro era "levado" pela Equipe Central;
- a participação das comunidades se restringia a ouvir, cantar, repetir, se divertir, discutir pontos propostos previamente;
- a tarefa da comunidade, além da sugerida pela Equipe Central, ficava um pouco vaga.

Assim chegamos à conclusão de que o trabalho era válido, mas devíamos caminhar para uma terceira fase, que seria não só a simbiose dos pontos positivos da 1ª e 2ª, mas também a oportunidade de superação dos pontos falhos."⁸

3.5 A Animação Popular

A terceira fase constitui-se num momento em que a Equipe, a partir das constatações acima, volta-se para uma reflexão no

⁸ MEB/Goiás. Relatório de Animação Popular, Goiânia, outubro 64, datilografado. (grifos nossos).

seu interior e coincide com a preocupação do MEB-Nacional em aprofundar a discussão sobre o trabalho chamado Animação Popular.

A Animação Popular era uma proposta pedagógica de trabalhos populares que foi desenvolvida dentro do MEB, numa tentativa de ver de maneira globalizante todos os seus trabalhos. Teoricamente definia-se a Animação Popular (ANPO) como trabalho pedagógico onde a reflexão política tinha seu lugar privilegiado:

- 1) Animação Popular (ANPO) é um processo global de promoção do Homem, através de sua própria ação.
- 2) A expressão "Animação Popular" significa, estritamente, trabalho animado por elementos populares.
No caso do trabalho educativo, serão elementos do povo que assumirão sua própria educação e os engajamentos conseqüentes.
- 3) A Animação Popular é um processo de estruturação de comunidades e organização de grupos, progressivamente assumido por seus próprios membros a partir da liderança. A comunidade organiza-se como conseqüência da descoberta de seus valores, recursos e suas necessidades, em busca da superação de seus problemas sociais, econômicos, culturais, políticos e religiosos, no sentido da afirmação de seus membros como sujeitos.
- 4) A Animação Popular é uma tarefa da comunidade. Faz-se através da transformação de um conjunto de indivíduos, que vivem juntos, em uma integração de pessoas que pensam, planejam e agem em comum, buscando atender a todos como membros da comunidade local, sem desvinculação da problemática nacional e internacional.

- 5) O aspecto reflexão e ação é essencial na "Animação Popular". O trabalho educativo estaria falho se parasse na difusão de idéias. A própria psicologia do povo exige uma concretização do que se fala.

Sem ficar em soluções imediatistas, a "Animação Popular" tem que ser objetiva, ter atuação visível, com repercussões e conseqüências sensíveis.

Entretanto, o trabalho não se fecha no âmbito estreito de problemas imediatos. Ele se insere, como ponto de reflexão e ação, no contexto da luta pela transformação de estruturas, elaboração de esquemas mais humanos, sem o que o seu sentido se esvazia.⁹

Dentro de uma proposta para os trabalhos a partir da comunidade, a Animação Popular é formulada politicamente dentro da seguinte perspectiva:

- 1) A Animação Popular é, essencialmente, um processo político em três aspectos complementares. Em primeiro lugar, porque é uma educação de vida comunitária, de participação comum nos problemas e nas soluções de cada dia. São por isso, já seria um processo político, pois traz inevitavelmente uma tomada de consciência de uma realidade, pois toda a educação realmente comunitária é causa e conseqüência de um processo gradativo de conscientização.
- 2) A Animação Popular é um processo essencialmente político, em segundo lugar, porque estrutura a comunidade de tal forma que possibilita a participação política de cada um na vida da comunidade, através de grupos e de trabalhos comuns.

⁹ MEB. MEB 5 anos, Rio de Janeiro, 1966, mimeografado.

- 3) Em último lugar, a Animação Popular é um processo político porque leva, inevitavelmente, a comunidade a ampliar esta sua vida política para o processo político nacional, saindo da marginalidade em que se encontra a quase totalidade dos lavradores.
- 4) Conscientização e participação num processo de socialização e participação política são essenciais, assim, a Animação Popular e a concepção de Educação de Base.¹⁰

E importante salientar que toda esta elaboração teórica que traduz na opção política perfeitamente definida da Animação Popular foi fruto, ao mesmo tempo, das reflexões desenvolvidas pela Equipe Técnica Nacional e por diversas equipes estaduais. Fundamentalmente, ela é, por um lado, fruto da experiência dos caravanas, vividas pelo MEB/Maranhão. Por dificuldades de se obter a concessão de funcionamento da emissora, a equipe do MEB/Maranhão passou a promover o que se denominou de caravanas, isto é, os técnicos se deslocavam para a zona rural e promoviam, na comunidade, debates sobre a realidade local, estudos, planejamento de ação, revisões com os líderes da comunidade, além de participar de reuniões de comunidades, festas, jogos, etc.

— Os problemas com a escola, mais integrada e assumida pela comunidade, diminuíram sensivelmente. A partir de programações específicas, as emissões possibilitavam a formação dos alunos na sua ação comunitária, nos sindicatos, clubes de mães e de jovens, nas cooperativas, clubes esportivos e

¹⁰ MEB. MEB 5 anos, Rio de Janeiro, 1966, mimeografado.

recreativos, etc., além da alfabetização. Alguns monitores, mais preparados e mais bem assessorados, conseguem uma atuação positiva junto aos diversos grupos da localidade. Dentre os grupos, o que mais exigiu um acompanhamento sistemático por parte dos técnicos do MEB, foi o dos líderes sindicais. Os sindicatos rurais cresceram e se multiplicaram exigindo, paralelamente, um trabalho de educação sindical. Coloca-se para o Movimento o perigo de ver um trabalho educativo, identificado com ação política. Houve difficuldade, para os assessores, em responder às exigências específicas do grupo sindical.¹¹

Por outro lado, é fruto, também, dos trabalhos de supervisão realizados pela equipe do MEB/GO na forma de encontros com as comunidades; das reflexões sobre as práticas até então desenvolvidas e dos estudos dos primeiros textos elaborados pelo Nacional. Nesse sentido eram constantes os estudos conjuntos da equipe central, onde na maioria das vezes participaram também pessoas participantes dos outros grupos já referidos.

No final de 1963 foram realizados dias de estudos conjuntos entre a Equipe do MEB/GO e a Equipe Técnica Nacional. Estes dias de estudo permitiram que se ampliassem as perspectivas no sentido de encontrar possíveis respostas para as difficuldades pelas quais passava o trabalho naquele momento. Para a Equipe Central e os demais participantes, foram abrangidos nestes dias de estudos todos os aspectos que direta ou indiretamente se relacionavam com Animação Popular.

¹¹ MEB. MEB 5 anos, Rio de Janeiro, 1966, mimeografado.

Assim é que partiu-se para uma quarta fase dos encontros, na qual se tentou um aprofundamento dessa experiência, através de um novo estudo realizado de maneira intensa, onde foram discutidas as causas, objetivos, características, etapas do trabalho, recursos e técnicas empregadas. Destes esforços, resultaram as seguintes sugestões práticas para o aperfeiçoamento do trabalho:

- 1) continuidade do aprofundamento dos estudos e em particular da "Animação Popular";
- 2) preocupação de que a comunidade não recebesse, mas desse conscientemente, e que não houvessem distinções claras entre as atribuições do povo e as da Equipe Central;
- 3) valorização da cultura do povo;
- 4) preocupação em estimular trabalhos concretos nas comunidades atingidas;
- 5) preocupação em não precipitar etapas de conscientização, principalmente no início do trabalho;
- 6) preocupação constante de levar ao povo o que o povo esperava, já que o Encontro havia partido de uma exigência do povo;
- 7) cuidado de, na programação especial para a comunidade, reservar horário especialmente para os animadores locais;
- 8) distribuição de tarefas, deixando membros da Equipe liberados para as observações durante o Encontro;
- 9) escolha e preparação de responsáveis de cada Encontro;
- 10) periodicidade dos Encontros;
- 11) revisão e relatório de cada Encontro.¹²

¹² MEB/Goiás. Relatório de Animação Popular, Goiânia, out. 1964. Datilogra fado.

Estas sugestões, fruto da reflexão realizada neste período, levaram a Equipe Central a uma nova estruturação dos *encontros*, na tentativa de fortificar os pontos "positivos" e de solucionar os "negativos". A nova estruturação dividiu os *encontros* em dois tipos diferentes.

O primeiro foi denominado de "*encontro chama-atenção*". Fundamentalmente, este tipo surgiu da necessidade de reavivar e retomar os trabalhos, naquelas comunidades, que após o golpe militar de 19 de abril de 1964, sofreram uma retração e uma solução de descontinuidade. Esta retração deu-se principalmente naquelas áreas onde vinham sendo desenvolvidos os trabalhos conseqüentemente voltados para a organização dos camponeses em torno de sindicatos. Por outro lado, servia também, este tipo de *encontro*, como oportunidade para o início de novos trabalhos.

O processo deste *encontro* obedecia ao seguinte encaminhamento:¹³

a) *Objetivos*

1. *estreitamento de conhecimentos;*
2. *levantamento de:*
 - . *possibilidade e tipo de trabalho inicial;*
 - . *recursos (escolas, animação, possíveis experiências comunitárias, etc.);*
 - . *possibilidade de continuidade de um trabalho de Ani*
mação Popular;
 - . *possível "sede" municipal de irradiação;*
 - . *localização de possíveis animadores locais.*

¹³ MEB/Goiás. id. *ibid.*

3. *radicação de escola.*

b) *Como fazer*

1. *nada fixo nem rígido;*
2. *contato anterior com a comunidade para:*
 - . *ouvir*
 - . *discutir*
 - . *planejar*
3. *programação e realização a cargo da comunidade;*
4. *participação da Equipe Central restringida a assessoria, ou então, alguma apresentação exigida pela comunidade;*
5. *bate-papo no final do Encontro para difundir a experiência de Animação Popular entre outras comunidades.*

c) *Meios*

1. *esquetes*
2. *improvisos*
3. *desafios*
4. *músicas*
5. *palestras, etc.*

Um exemplo deste tipo de *encontro* foi o realizado em hidro lândia, município próximo a Goiânia, que, no 1º semestre de 1963, contava com apenas duas escolas radiofônicas e cuja população era tipicamente rural. Para a sua concretização foram desenvolvidas as seguintes fases:

1. Solicitação

A solicitação do Encontro, pela comunidade local, durante uma viagem da Equipe Central ao município. Entretanto, é importante salientar que nem os monitores, nem os alunos conheciam esta "experiência", por em solicitavam uma visita da Equipe Central à localidade, na qual houvesse uma reunião com a comunidade tendo em vista os objetivos de aumentar a matrícula, fortificar a frequência às aulas, fortificar o trabalho do monitor valorizando e referendando do junto à comunidade sua motivação e suas tarefas na escola.

2. Motivação

A motivação feita através do "Programa de sábado" denominado "A Comunidade se reúne", onde foi dedicada uma parte da programação para a preparação do município para a realização do encontro.

3. Realização

O Encontro foi realizado numa fazenda do município, aproveitando um dia de festa e constou de:

- a) animação feita por violeiros e cantadores locais;
- b) esquetes elaboradas e apresentadas pelo pessoal da comunidade local. Estes esquetes, fundamentalmente, abordavam o problema da necessidade e as vantagens da instrução, através de um diálogo humorístico entre uma pessoa mais instruída e um matuto. Por outro lado, abordavam o mesmo tema, através da "colaboração" de um problema concreto, onde um camponês recebia uma carta do patrão, fazendo-lhe uma cobrança. A carta era também humorística, pois tratava-se de uma cobrança absurda, fato bastante frequente na vida real. O esquete salientava o vexame de quem não sabe ler e tem que tornar conhecidos de outras pessoas seus problemas particulares;

c) desafios humorísticos;

d) "declamados" feitos em torno do assunto instrução-me
lhoramentos do país.¹⁴

Foi-nos possível recuperar parte da gravação realizada du
rante este encontro, em 04 de outubro de 1964. Dela transcre
vemos um esquete e parte de um desafio:

1. Teatro

Personagens: Cumpadre, Pai e Filho

P - Ô cumpadi, negocio pra mim num tã bom não!

C - Num tã indo bem porque, cumpadi?

P - Ô. Negocio lã pra mim vai muito apertado, rapaz.

Ô, o meu recanto tã morrendo no mato, a muiê tã lã passando fome, os meninos tã tudo ruim. E agora eu também não ando bom não, cumpadi.

C - Ai, mas plique que não anda bom tanto assim, uai?

P - Ô cumpadi, eu já tô vêio. E sô no serviço braçal, serviço de enxada. Num tem assistencia, num tem conforto, num tem nada, nê? Assim é difícil da gente mesmo viver.

C - Não. Mas isso aí, de pouco a pouco vai melhorando a situação aí ... As coisas vai ficar boa pra ocê, cumpadi.

P - Não, cumpadi. Atê que os outros fala isso pra mim, que isso milhora, mas eu acho qui num vai milhorã nada não.

C - Não. Mas o caso é esse. Cê deve conformar, pegar cum Deus, qui logo milhora.

P - É. Mas eu ... parece que ... num seim mas eu acho que num vai milhorã nada pra mim, não.

C - Não. Milhora sim.

P - Ô Cumpadi, eu vou fazê um cigarro aqui pra mim. E servido também a fumã?

¹⁴ MEB/Goiás. id. ibid.

- C - Não. Obrigado. Pode fumã, cumpadi.
- P - Pois é, cumpadi. Esse negocio...
- C - A roça lâ? Tã boa?
- P - Ah! Nada, Cumpadi. O negocio pra mim num tã nada bom. Morreu de ... Eu não plantei, não tenho tempo ...
- C - Sua roça lâ é chão arado, nê? Ou num é?
- P - Não! É roça de torto, nê, cumpadi.
- C - É roça de torto?
- P - É, de torto. Num tem trator, num tem fio ... qualquer uma coisa pra ... Num tem arado. Num pode pagar, nê? Esse negocio desse prefeito. Ele nem ajuda ninguém.
- C - Não, cumpadi. O prefeito é muito bom. Ele socorre muito a gente. É muito bom esse prefeito.
- P - Ô, mas eu ... mas eu ... meus meninos tã lâ em casa tudo doente, sem assistência. Tão precisando de remédio. E esse prefeito daí num trata da saúde da gente aí, sabe, pra ...
- C - Não, cumpadi. O prefeito é muito bom, viu? Isso aí ... Acho que num tem de reclamã nada ele, não.
- P - Ah! Mas acho que se eu votasse, eu votava nu Rangel, porque o Bigorna num tã valendo nada não.
- C - Não. Mas o Rangel ia sê a mesma coisa que o Bigorna. O Bigorna é muito bom. Mas você num votou não?
- P - Ah! Eu nem sei o que é isso, cumpadi.
- C - Você num sabe votã não?
- P - Ah! De jeito nenhum!
- C - Cê num sabe lê não?
- P - Ah! Eu num sei nem fazê "o" com o fundo da garrafa porque ...
- C - Cumpadi! Mas então o senhor tã muito atrasado! O senhor ... Por que o senhor num vem estudã, se nhor?
- P - Mas estudã como, pois se ... num posso pagã, uai?
- C - Não, mas ...
- P - Num tô dando conta nem da minha obrigação, uai?
- C - Não, cumpadi. Mas o caso é esse, sabe? Foi fundada agora a Escola Radiofônica, sabe? Essa escola é pra adulto mesmo, viu?

P - Como é que você falou? Escola Radiofônica?

C - É. Escola Radiofônica.

P - Pois é. Mas é por causa que o senhor, o senhor de nada. Agora, o senhor vindo estudá, o senhor compreende tudo. O que é uma escola ... Essa escola é de muita utilidade, viu?

P - Mas que num posso pagá isso não, cumpadi. Eu sô hôme qui trabalha, seu.

C - Não, cumpadi. É grãtis. Num paga nada não.

P - Ah! Mas que negocio é esse de dado? Hoje em dia ninguém faz mais nada dado não, cumpadi.

C - Não, mas essa é dado.

P - Num tem qui pagá nada?

C - Não. Num tem qui pagá nada não. O senhor pode ir estudá qui eles ...

P - Mas escuta aqui, cumpadi. Eu tô trabaiaando de dia, assim o dia inteiro, num tô dando conta ... Principalmente se eu fô largar de trabaia pra modi estudá!

C - Não! Não necessita largá não!

P - Uai! Mas como é qui não necessita?

C - Essa escola é à noite.

P - À noite?

C - É. Ela começa às 6 e 15. 1º ciclo. Agora, cê indo estudá ... cê vai entrá no 1º ciclo, que cê num sabe nada, nê?

P - Num sei nada. Nada mesmo.

C - Pois é. Cê vem estudá no 1º ciclo. Começa 6 e 15. Pode trabaia e inda vim estudá ainda.

F - Mas essa escola num vai dá certo prã nôs não pai. Porque di noite é hora da gente drumi. Num dá certo não.

C - Não. Mas num é di noite não. A escola não é di noite não. É de tardinha. Assim 6 horas, 6 e 15. Já trabaio e pode discansá.

F - Mas de noite é hora de nôs durmi.

P - E de discansá.

C - Não. Mas num é di noite não. É de tardezinha, assim começando o escurecê. Pode trabaia e discansá também. E estudá.

- P - Essa escola, ela é ... situada ...
- C - É aqui mesmo, sabe? É pertinho aqui ... essa escola.
- P - Aonde ela fica situada, assim ... onde estuda?
- C - Ah! Fica assim ... é uma casa, sabe? Vai lá na venda, compreende, que eu sou o monitor, sabe, prá lecionar nessa escola.
- P - Sei.
- C - Fica pertinho daqui. Cê pode vir estudá ...
- F - Ah! Mas isso num vai dá certo, não, nê papai?
- P - Ah, meu filho, num sei não. Agora cê, inda tem jeito de estudá, porque inda é novo. Agora eu, eu não sei não. Burro velho não aprende marcha, meu filho?
- C - Não, mas aprendi! Com esforço a gente aprende. Eu também num sabia nada. Aprendi, uai! Agora cês tudo pode aprendê também.
- P - É, mas eu num aprendu não, nê meu fio? Cê sabe que o negôcio pra nós agora anda mesmo duro. Esse negôcio de estudá ... Nós num anda podendo comprá nem caderno, nada disso.
- C - Não cumpadi. Olha, cumpadi, eu vou explicá esse negôcio de estudá, cê num aprendi sô a lê, escrevê ... nem sô escrevê, nem sô contá. Cê aprende tudo, viu? Cê aprende assim qual é a boa alimentação pra sua saúde, qual a alimentação que faz bem, qual a alimentação que tem vitamina, qual é assim ... Se precisa variá de alguma alimentação ... É isso.
- P - Uê, cumpadi! Mas esse negôcio de alimentação, que que é isso?
- C - Num sabe que que é isso? É aquilo que a gente come, sabe?
- P - Mas, meu filho, pra isso a gente num precisa estudá não, nê? Nós sabe comê muito bem, nê?
- F - É. Nós sabe cumê muito bem, nê. O que que vem pra nós cumê qui nós come, nê, papai?
- C - Tã bom. Vocês sabem, nê? Mas ocês num sabe qual é a fruta qui tem vitamina, sabe?
- P - Uai! É a frutinha preta qui nós come!

C - Não. Mas aquela ... Aquilo é uma fruta, sabe ... Não é fru tinha preta. Aquilo é jaboticaba. A fruta qui cê deve cumê, qui é a fruta qui tem vitamina, é laranja, banana, mamão. É essa. São as frutas.

P - Ah! Mas isso a gente tem lá em casa e nós come demais tam bém.

C - Pois é. Mas num sabe, nê, qui faz bem pra sua saúde, sabe?

P - Mas, seu Fuchico, que jeito tã essas vitaminas des

C - Uai! Mas a gente comendo a fruta, usando a fruta, dela mes mo fotifica. O sangue da gente, os ossos. É aquelas que pos sui vitamina.

P - Ah! Mas cê vê ... Esse negócio dessa escola de aprendê is so, isso é bom mesmo, compadi, mas isso não é de maior inte resse pra gente que mora aqui no sertão, não.

C - Não. Mas é de muito interesse. Porque o maior fracasso da vida do senhor é isso: de sabê lê, nem escrevê. É isso. Num tem saúde. Porque o senhor num sabe lê nem escrevê. Cumo é qui o senhor vai chegã aĩ num posto de saúde aĩ, heim? Num pode tirã uma via nenhuma!

P - Ah, bom! Mas esse negócio dessa escola ... Sei não. Nós tra baiã aqui o dia inteiro pra comprã ... pra família cumê e nós num damos conta! Agora cê indo pra escola vai comprã lã pis, vai comprã caderno... Vai tê qui ... A escola o senhor falô qui num paga nê?

C - Não. A escola num paga nada.

P - Mas essas coisas, porque num dã dado também?

C - Não, uai! Mas dando a escola, dando os livros ... sô paga um caderno, um lãpis e uma borracha. Não precisa. Já tã bom.

P - Mas nós num pode comprã isso não.

C - Ah! Mas um caderno, um lãpis, uma borrãcha, é coisa sim ples, uai!

F - Serã qui vai dã pra nós comprã isso, papai?

- P - Ah! num sei não, meu filho. Parece qui num tô ... Muito discrente disso. Que qui cê tã achando? Si cê quizê vî, cê pode vî, qui cê é mais novo ... inda ... num tã no tempo de aprendê, não; já passou um pouquinho, mas inda tã mais novo do que eu ... Porque eu ... eu já tô vêio.
- F - E, cumpadi. Eu tô mais novo, podia interessã. Mas num tem jeito, nê! Como é qui nôs vem, nê?
- P - É um pouco difícil mesmo, meu filho.
- C - Não, mas num é difícil. Cês pode trabaia e vî estudã, uai? É 6 e 15 qui começa a aula. Cês pode vî. Cês trabaia bastante, nê atê as 5 e meia. Larga e inda vem pra cã.
- F - Escuta aqui. Nôs também, cumpadi, a gente pra estudã tem qui comprã roupa, roupa boa, uniforme ... eles fala ... É uniforme mesmo, nê pai?
- P - E.
- F - Pois é. E nôs num pode comprã isso ...
- C - Não, mas ...
- F - Roupa de trabaia ...
- C - Não. Mas o caso é essê. O senhor pode tã lã na roça, sabe, trabalhando, sabe? Deu a hora de vî pra aula, sô lava as mãos pra num sujã o livro e o caderno e pode vî estudã.
- P - E pode vî sujo de terra?
- C - Pode!
- P - De tudo quanto é jeito?
- C - Pode! Lavando as mãos pra não sujã o caderno! ...
- P - Ah! bom. Mas aî ... aî já que tem ponto qui favorece pra gente. Que que cê tã achando, meu filho?
- F - Ah! Tô achando ... Tô interessado vim pr'essa escola, nê? Tem assim ... Favorece muitas coisas nê pai?
- P - Tã bom. Nos imperimenta num dia, nê?
- F - E. Convêm, nê?
- P - Vamu iexprimentã um dia. Se nôs agradã, nos fica estudando.
- F - E. O senhor qui sabe. Se o senhor quizê vî, nos vem.
- C - Eu fico satisfeito.

- F - A gente sô num tem ê nenhum pareio de roupa bom pra vî, nê?
- C - Não, mas num necessita roupa boa não. Roupa de serviço mesmo pode vîr. É igual como eu jã falei. Tã trabalhando lã, deu a hora de vim pra escola, lava as mãos e vai estudã.
- P - É. Essa escola ... Cumpadi tã falando qui ê di noite. ... Mas ela ... O sujeito vai pra escola depois qui travaia ... E num cobra nada da gente? ...
- C - Não. De jeito nenhum. É grãtis mesmo.
- P - Esse povo então ê bom demais, uai!
- C - É. É um pessoal muito bom mesmo, viu? Mas muito bom. Tanto qui cê pensã qui ê bom, inda ê mais.
- P - É o qui tã parecendo mesmo, uai! Nôs vem, fio?
- F - Convêm nôs vim, nê, papai?
- C - Eu fico muito satisfeito de cês vim estudã aqui comigo, sabe? Eu ... eu sou monitor. Fico muito satisfeito de cês vim estudã.
- P - Mas nôs sô sabe ... Nôs num sabe nada mesmo.
- C - Não. Pois ê. Agora, cês vem estudã, cês aprende.
- P - Tã bom. Nôs vem, fio?
- F - Vem. Então, sendo assim, fica certo de nôs vim amanhã, nê?
- C - É, cês podem vir amanhã.
- P - Então pode falã pro monitor que amanhã nôs vem.
- C - Não. O monitor sou eu, nê?
- P - Ah! O monitor ê o senhor?
- F - É. O monitor ê ele.
- P - Ah! bom! Então amanhã o senhor pode contã a matrícula de mais dois alunos.
- C - Sim.
- F - Nôs vão vim um dia.
- C - Pois ê. Cês vindo uns 2 dias aî, um ou dois dias, cês acha bom, aî vem diário. Num perde de jeito nenhum.
- P - Se achã bom resultado, nôs continua, nê?
- C - Não. Eu tenho certeza que o resultado vai sê bom.
- P - É. Então, meu filho, nôs vem aî ixprimetã essa escola, nê?
- F - Então, nôs vamo imbora agora, nê pai?

P - Eu tô vendo que o jeito tá bom. E eu preciso chegã logo, que eu tô levando uns trem, qui eu preciso levã pra muiê lã.

C - Deixa tá.

P - Vai dã muito ... Vai chegar lã, vai brîgã comigo, porque eu tô levando manteiga, uns trem pra fazê janta ainda, uma hora dessa, nê? A conversa tá boa, cumpadi Fuchico, mas nôs tá chegando.

C - Tá cedo!

P - E amanhã nós vem aĩ.

C - É. Eu espero.

P - Nós vem amanhã aĩ. Eu mais meu filho, viu?

C - Eu espero.

P - Então, tē manhã.

F - Tē manhã, seu Chico.

C - Tē manhã, si Deus quizê.

P - Tē manhã. Muito obrigado o senhor, viu?

2. Desafio

Personagens: Dois cumpadres

C1 - Benção, senhor.

C2 - Cê vai bem?

C1 - Mais ou menos. Negócio aĩ, como é que vai?

C2 - Ah, vai indo bem, viu. Cê veio na festa ontem, cumpadre?

C1 - Não. Num fui.

C2 - Ah! Pruquê?

C1 - Ah. Senhor, eu tava cansado, sabe? Eu tinha um jogo marcado. Fui pro jogo, num quiz ir na festa não.

C2 - Cê acha que ... o senhor acha qui sô serve mesmo pra jogã, nê cumpadre?

C1 - Eu gosto muito. Pra mim é jogo e aposta. Sô.

C2 - Ah, cumpadre! O senhor pegou o programa ontem da comunidade?

C1 - Não. Peguĩ não.

C2 - Não?

- C1 - Dou muito mais valê no meu jogo que naquele programa.
- C2 - Ah, cumpadre! Mas cê num pode falã isso, uai? Pois é um programa muito bom!
- C1 - Ah! Acho muito meiô jogã, apostã, do que aquele programa.
- C2 - E as perguntas do Joaquim?
- C1 - Ah! Aquelas perguntas! Eu sei muito mais que aquilo, seu!
- C2 - Ô qui cê num sabe, hem, cumpadre!
- C1 - Sei muito mais!
- C2 - Cê num pode falã isso.
- C1 - Sei!
- C2 - Tã doido! Cê sabe mais que o Joaquim?
- C1 - Virgi! Muito Mais!
- C2 - Ô qui sê num sabe!
- C1 - Sei. Tenho certeza.
- C2 - Ôia qui eu num sei metade du qui ele sabe e eu sei mais que ocê!
- C1 - Ah! Deixa de bobagem!
- C2 - Ôia, rapaz! Larga de sê ignorante! Eu sei qui cê num sabe!
- C1 - Eu tô custando a vencê muita gente nas perguntas, sinhô!
- C2 - Ôia! Cê pegô as perguntas de ontem, que ele fez?
- C1 - Mas eu já num ti contei que eu tava no jogo, num tava prestando atenção nu programa, não?
- C2 - Mas veio as perguntas, você não prestou atenção, não?
- C1 - Mas eu tava nu jogo, como qui eu fosse prestã atenção nisso, uai!
- C2 - Pois é, rapaz. Cê perdeu muita coisa, viu?
- C1 - Ah! Perdeu nada!
- C2 - Esse negócio de perguntas, você qui leve sô apostando, assim, como jogo, se cê pegasse um programa daquele, ouvisse todo sãbado, cê aprendia muito mais coisas!
- C1 - Mas eu ...
- C2 - Aprendia muito mais perguntas.
- C1 - Mas eu faço muito mais perguntas do que ele faz naquele programa, uai! Tão na minha idêia mesmo!

C2 - Tã bom. Então quẽ dizẽ qui toda pergunta qui ele faz cẽ sa be, nẽ?

C1 - Eu sei.

C2 - Mata ela?

C1 - Mato. E ocẽ quẽ muita coisa, vamo apostã intão comigo nas perguntas.

C2 - Ôia, rapaz! Eu num quero ganhã nada di ocẽ, não qui ocẽ vai perdẽ pra mim!

C1 - Não, eu perco mas tenho prazẽ di perdẽ. E eu sô dureza nas perguntas.

C2 - Cẽ ganho esse relõgio, num foi?

C1 - Eu ganhei esse relõgio. Ô, esse relõgio aqui eu ganhei num jogo. Ganhei onti. E vou apostã cum ocẽ pra ganhã o seu também. Ganhã dois, viu?

C2 - Num adiantõ nada cẽ ganhã esse relõgio, que ocẽ vai perdẽ ele agora mesmo pra mim.

C1 - Ah! Num tenho medo di jeito nenhum!

C2 - Ôia, e si nãs apostã, cẽ vai pagã?

C1 - Pago mesmo! Cẽ quẽ ela gora? Mas depois ocẽ mi dã o seu.

C2 - Não, eu posso pegã ele agora. Mas ẽ feio pegã antes, nẽ? Devo esperã.

C1 - Pode. Mas tã feita a aposta?

C2 - Tã. Ôia: se eu perdẽ eu ti dô o relõgio, mas si ocẽ perdẽ, ocẽ paga com o relõgio qui ocẽ ganhõ onti.

C1 - Pago. Pago mesmo.

C2 - Ôia, vai começã cum a pergunta qui o Joaquim fêz onti. Vão vẽ si ocẽ mata ela.

C1 - Num tem importância, si eu num matã ela, ocẽ mata as mi nhas.

C2 - Ôia: qui diferença tem a sanfona cum a enxada, hem?

C1 - Uai! Tem muita diferença! A sanfona a gente faz assim cum ela: fom, fom ... A enxada, ô ...

C2 - Nada disso! Onde se viu falã uma coisa dessas? Num ẽ.

C1 - Ah! Num ẽ?

C2 - Cẽ num sabe não?

- C1 - Ah, intão num sei não. Sô sei isso.
- C2 - Eu num tô falando pra ocê qui ocê é burro demais! Se ocê tivesse pegado o programa, cê sabia respondê a pergunta!
- C1 - Tã bom. Então vamu vê si ocê responde a minha!
- C2 - Cê num sabe, não é?
- C1 - Tã bom. Então quê qui é?
- C2 - Posso contã ela?
- C1 - Pode.
- C2 - Ô, rapaz, é qui a sanfona toca, e enxada estoca, viu?
- C1 - Ah! Tã bom. Tã ganhando, nê? Agora, deixa eu fazê a minha.
- C2 - Faz. Faz qui eu vê matã.
- C1 - Tã bom. Intão vão vê.
- C2 - Faz.
- C1 - Aí! Essa é minha mesmo. Essa num é du Joaquim, não. Essa é minha. Qual é a diferença qui tem do Julião com os urubû?
- C2 - (Silêncio).
- C1 - Aí, ô!
- C2 - Pêra, lã! Vô respondê!
- C1 - Então vai.
- C2 - É qui os urubû é bicho e o Julião é ômi!
- C1 - Nê não! Ah! Ah! Ah!
- C2 - Então, pru que qui é?
- C1 - É pruquê o Julião é fazedô di roda pras muiês fiã, nê? Ele faz roda nu chão e os urubû faz roda lã em cima!
- C2 - Ah! Ah! Essa agora eu num dei conta, essa eu não ti respondi, não. Mas eu vou ti fazê outra.
- C1 - Então faz.
- C2 - Cê num vai respondê ela.
- C1 - Ah! Vão vê.
- C2 - É: o que qui é um sábio antes de sê sábio, hem?
- C1 - Bôbo!
- C2 - Ah! Di jeito nenhum! Ele num era um bôbo, não, uai!
- C1 - Era bôbo!
- C2 - Não sinhô!
- C1 - Era sim!

- C2 - Sê num sabe o qui ê, não?
- C1 - Não.
- C2 - É ignorante.
- C1 - Ah! Tã bom! Então tã bom.
- C2 - Tã bom. Jã tem ...
- C1 - Agora deixa eu fazê a minha. Vamu vê si ocê respondi.
- C2 - Faz.
- C1 - Então, qual ê a fruta qui a gente comi qui tirando a letra da derradeira s̃ilaba e botando o nome de uma carta do baralho, dā o nomi de um estado brasileiro?
- C2 - Deixa eu vê. É ... Ah! É mamão, cumpadre.
- C1 - Ah! Mamão! Ôia aĩ! Cê num sabe nada não, viu?
- C2 - Ah! Mas ê mamãe, cumpadre.
- C1 - Num ê não. Cê quê qui eu ti conti?
- C2 - Fala.
- C1 - É goiaba. Tira a última s̃ilaba - ba - e pōi a carta "az".
Goiaz. Viu?
- C2 - Ah! Bom! Essa, ganhou. Vou tĩ fazê outra, viu?
- C1 - Faz.
- C2 - Ôia: quantas ordens o cachorro dā pro leitão, hem?
- C1 - Trêis!
- C2 - Ah! De jeito nenhum! Mas como ê qui ocê num sabe essa pregunta, rapaz! A pergunta mais fãcil! Cê num sabe isso?
- C1 - Eu jã respondi qui foi trêis.
- C2 - Eu também jã disse qui não foi trêis.
- C1 - Então quantas?
- C2 - Uai! Quantas eu quizê!
- C1 - Ah! Tã bom!
- C2 - Jã perdeu mesmo, caboclo. Eu te pego.
- C1 - Não, não. Então vê. Vão vê outra.
- C2 - Faz. pode fazê.
- C1 - Então, qual ê o nome da

O uso de jogos cênicos como instrumentos pedagógicos, foi sem dúvida de grande importância no trabalho do MEB/GO. A sensibilidade da Equipe Central em recuperar o lúdico como parte do processo de aprendizagem, onde as questões e os problemas da realidade vivencial pudessem passar por um processo de reflexão, permitindo a elaboração do conhecimento de uma maneira brincalhona e prazerosa, era também, por outro lado uma forma de atingir as comunidades, dentro de uma linguagem característica e própria do local.

Nesse sentido, é importante salientar que a própria Equipe Central, ao fazer a avaliação deste encontro, se apercebia da importância dele para a continuidade e para o aprofundamento das suas perspectivas político-pedagógicas. Assim viam surgir mais claramente as pistas que permitiriam, dentro da nova conjuntura política do País, a continuidade dos trabalhos. Vejamos como reveem o encontro, na época, os profissionais da Equipe Central:

A Equipe Central revendo o Encontro, concluiu que:

- a) enquanto motivação para a escola, ele alcançou seus objetivos por ter sido realizado no nível do pessoal, partindo dos problemas mais sensíveis e apresentados de maneira a atingir a comunidade local;*
- b) embora tenha sido o primeiro Encontro do município, foram localizados animadores que poderiam ser treinados para o trabalho de "Animação Popular";*
- c) o município com o Encontro começou a ser bem preparado para o trabalho de radicação de escolas.*¹⁵

¹⁵ MEB/GO. Relatório de Animação Popular. Goiânia, out. 1964. Datilografado.

O segundo tipo de *encontros* foi estruturado tendo em vista a esquematização de aulas, supervisão e o programa de sábado, de maneira que, cada uma dessas atividades, embora conservasse suas características e objetivos próprios, formasse conjuntamente com os *encontros* um trabalho global complementar. Esta esquematização parte de uma reformulação baseada nas conclusões dos dias de estudo anteriores e foi feita não só por causa da unidade do trabalho, mas também porque as falhas encontradas nos *encontros* eram comuns às outras atividades.

O processo de encaminhamento deste segundo tipo foi o seguinte:

1. Objetivos

- *fortificação do trabalho já feito;*
- *continuidade através de uma tarefa possível no lugar;*
- *descoberta e formação de possíveis líderes de animação;*
- *engajamento concreto desses líderes num trabalho de animação que era propiciado por*
 - . *"programa de sábado" - este programa era ouvido a convite do líder por várias comunidades juntas, depois complementado por elaborações (músicas, declarações, debates, etc.) das comunidades;*
 - . *"reunião com pessoas do lugar" - o líder procurava realizar reuniões com pessoas do lugar que pudessem integrar o trabalho;*
 - . *"colaboração na radicação de escolas".*

2. Como fazer e meios

O como-fazer e os meios eram os mesmos utilizados no 1º tipo, acrescidos de uma reunião dos líderes no final do Encontro para:

- . fazer revisão do Encontro;
- . planejar o tipo mais adequado de trabalho para continuação de animação, fortificação e aumento de escolas;
- . levantamento de pessoas do lugar disponíveis e adequadas para integrar a equipe local de trabalho;
- . levantamento de novas sugestões.¹⁶

Os encontros de 2º tipo representam, dentro do trabalho do MEB/Goiás, a maior expressão de integração entre a Equipe Central, monitores e a comunidade local. Nesse sentido, o trabalho pedagógico realizado permitiu uma conjugação de esforços para o aprendizado da reflexão possível de se fazer junto com as camadas populares.

A preocupação com esta perspectiva pedagógica foi uma constante dos trabalhos do MEB/Goiás e perpassa todas as atividades assumidas pela Equipe Central. Entretanto, isto não quer dizer que não houvesse, por parte da Equipe, uma intencionalidade, uma razão consciente para levar adiante os trabalhos. O compromisso fundamental desta postura pedagógica estava em acreditar que o "pessoal da comunidade deveria assumir a condução dos trabalhos". Para que isso se tornasse possível, era preci

¹⁶ MEB/Goiás. *Relatório de Animação Popular*. Goiânia, out. 1964. datilogr.

so a vivência comum de todos os passos do processo desencadeado, buscando juntos os encaminhamentos necessários para a execução das tarefas que permitissem às camadas populares o uso de suas próprias técnicas e formas de aprender e de se comunicar. Por outro lado, o processo pedagógico do *encontro* era o momento da busca e da elaboração de novos conhecimentos produzidos, na troca entre aqueles que detinham o conhecimento e o saber acadêmicos e aqueles que os possuíam adquiridos através da história e da vida da comunidade e de cada um.

No relatório de um *encontro* "apresentado como um oferecimento das comunidades de Serrinha e Grama para a comunidade de Cabeceira do, Inhumas", vemos explicitamente a preocupação com esta proposta/perspectiva de pedagogia através de reunião preparatória do mesmo:

A equipe foi ao município, num dia marcado previamente, para uma troca de idéias com os monitores, sem nenhum esquema de reunião.

*— Apenas tínhamos claro que somente os monitores opinariam de fato a respeito do Encontro. Não nos preocupamos em dirigir a conversa. Passamos uma tarde juntos e o assunto ia saindo normalmente, entremeado com outras conversas. No fim do dia, paramos e fizemos — juntos — um apanhado geral tentando coordenar as opiniões, no sentido de clarear os objetivos e os meios para a realização do Encontro.*¹⁷

¹⁷ MEB/Goiás. Relatório de Animação Popular. Goiânia, out. 1964. datilogr. (os grifos são nossos)

Como atividades centralizadora de todos os trabalhos do MEB, os *encontros* passaram a representar papel fundamental na elaboração pedagógica desenvolvida pelo Movimento junto às ca m a d a s p o p u l a r e s.

Foram eles o núcleo central da *Animação Popular*, onde a pre sen ça co n t í n u a e ativa da Equipe Central pôde sentir-se mais eficaz. Assumia esta uma função de assessoria constante à co m u n i d a d a d e, fornecendo elementos para a reflexão dos problemas levantados, para os quais a comunidade não possuía as in fo r m a ç õ e s n e c e s s á r i a s.

A assessoria dada pela equipe, inicialmente de maneira in fo r m a l, tornava-se mais orgânica na medida das exigências do próprio trabalho. Por outro lado, junto com essas assessoria realizada no dia-a-dia, a participação dos monitores, alunos e líderes das comunidades, onde a troca de conhecimento e sab er e s era a fonte fundamental para a própria programação do MEB/GO a concretização das atividades realizadas, como podemos ver nos depoimentos seguintes:

"Agora, uma coisa a gente não viu ainda, mas que também é importante falar, é que os trabalhos das comunidades fo ra m, aos poucos, assim feitos pelo pessoal das co m u n i d a d a s ... Nós temos programas que acho que assim mais da me t a d e é feito pelo pessoal das comunidades: cartas, poesias, adi vi n h a ç õ e s, etc., que eles escreviam." (Maria Alice)

"Adivinhações, notícias e, finalmente, eles vinham apre sen ta r co i s a s ... às vezes, vinham turmas enormes. Eu me lem

bro de uma comunidade que mandou tanta gente, uma turma tão grande que não cabia dentro do estúdio. Ficou todo mundo espremido, apertado lá dentro." (Betinha)

"Vocês lembram? Vinham com violas. Vinham grupos inteiros! Então os programas radiofônicos passaram a ser assumidos por eles também." (Nazira)

"A própria programação do ano foi feita entre a equipe e a comunidade, no final de 65, começo de 66." (Betinha)

"A gente programou as aulas. Eu me lembro que nós fomos às comunidades e fizemos aqueles levantamentos das fases do trabalho na roça, quando era a limpeza do terreno, a época do plantio... Então, o planejamento era todo feito por eles. Os planejamentos que antes a gente impunha, por exemplo agora, vamos fazer uma campanha de horta, todo mundo vai fazer horta. De repente, a coisa começou a ser planejada por cada comunidade, tinha a comunidade que não queria horta, queria abrir uma farmácia ... foi se transformando completamente." (Maria Alice)

"E lá fomos nós resolver com eles o negôcio da farmácía." (Betinha)

Da realização dos encontros entre a Equipe Central e as comunidades e das diversas entre si, foram geradas formas de solucionar "seus pequenos problemas locais. E iam resolvendo. E, de repente, esbarravam com um problema muito maior que não era da alçada deles, nem da nossa. O caso da comunidade de Serrinha, por exemplo. Elas não tinham escola p'ras crianças; construíram a escola. Aí não tinham professores..." (Maria Ali ce). Ao se tentar resolver a questão relativa à professora "bus cou-se solução através da Secretaria de Estado de Educação. A Secretaria negou. Aí resolveram pagar uma professora por con

ta deles... mas, esbarravam no fazendeiro. Quer dizer, esbarraram na estrutura. Então, na verdade, o processo educativo do MEB, que era o processo de formação da comunidade e de encaminhá-los para eles andarem com os próprios pés, acabava sempre esbarrando naquele grande problema, quer dizer — e agora? é passarar p'ra um projeto político mais amplo de ação? é parar? — sempre esbarrava naquilo." (Betinha)

Diante de tantas questões, para as quais o MEB, pelas suas próprias características, não podia ter respostas, é importante salientar a luta desenvolvida e o processo pedagógico vivenciado. Este processo representou — para a comunidade de Serrinha, por exemplo — um momento de forte união do grupo em torno de um problema comum e os caminhos buscados para resolvê-lo conforme podemos ver através da correspondência dos monitores dos locais, onde encontramos todas as fases pelas quais passaram, desde a identificação do problema, falta de escola para as crianças, a opção de construí-la com seus próprios recursos, até a sua inauguração. Vejamos como se deu este processo.

Primeiras reuniões

"... no dia 4 será também realizada, aqui, uma reunião com a delegacia de ensino e os fazendeiros desta zona, está muito difícil, mas o povo resolveu mesmo ir ao fim deste problema." (Oscavū)¹⁸

¹⁸ José, Oscavū - Monitor do MEB na Fazenda Serrinha, correspondência à Equipe Central em 23.05.65 - manuscrito.

Segundo Edgar Saldanha,¹⁹ "com o desenvolver das iniciativas da comunidade e às objeções que se seguiam", por parte dos fazendeiros locais, "nossa assessoria era de maneira informal, até que surgiu a necessidade de um encontro que possibilitasse uma avaliação do que estava sendo feito e uma previsão de continuidade."

Uma série de reuniões foram feitas, nas quais eram discutitidos os meios e as medidas a serem tomados para a realização do plano de construção da escola, até que em 1.5.65 a Equipe Central e pessoas da comunidade realizaram um Dia de Estudo e organizaram-se um comitê formado por líderes locais.

A capacidade de liderança deste comitê foi fundamental para a continuidade da luta que passa a ser documentada, conforme podemos ver na ata de uma das reuniões:

Realizou-se na Fazenda do Snr. Ilete Bueno na casa do Snr. Lorival, aos 15 dias do mês de Maio de 65 as 21 horas uma reunião para tratar do assunto da construção de um grupo escolar dirigido pela turma que se acha prejudicada pela deficiência da escola já localizada na mesma Fazenda, ao eniciar a reunião José Moreira Coelho como relator fêz esclarecimento sobre a finalidade da presente reunião, em seguida falou o snr. Lorival pedindo a turma que pensassem antes de oferecer seus donativos, para que mais tarde não alegassem,

¹⁹ Saldanha, Edgar. Educação de Base no Processo de Desenvolvimento de Comunidade - Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade Serviço Social, UG, 1966, dat.

ou por ventura não tivesse o complexo de dono do ambiente, e que depois da construção pronta entregássemos a chave da mesma para o snr. Ilete, que sendo o doador do terreno ficasse também sendo o portador da chave, foi também nomeado o snr. Francisco ou melhor Lorival para ser o gerente da construção, discutiam vários assuntos enquanto eu, Osvay José Coelho recebia os nomes dos contribuintes já contanto suas contribuições, ficando combinado que se não bastasse termos que contribuirmos de novo, tendo já previsto a planta da construção, em seguida apanhamos a lista das crianças dos pais que se achava presente os quais são 53 alunos sem escola, e nada mais avendo a se tratar encerrou a presente reunião com a presença dos seguintes pais...²⁰

E a luta continua...

... estamos em luta dura aqui, que muito nos entereça também, sábado a noite fizemos uma bonita reunião, para planejamento da construção de nosso grupo já começamos o servisso, foi planejado, e vai ser construido com a participação de todos cada uma fala o que pensa, da o que pode, e faz o que sabe.²¹

Realizamos aqui no dia 15 passado uma fervorosa reunião; cuja finalidade era tratar-mos de assuntos da construção de um grupo escolar que estamos animados por que nossa reunião contou com a presença de 24 pessoas, e todos contribuíram na medida do possível, que todos além de dar dinheiro, ajudam ainda na mão de obra, contando que não é só pais que tem filhos para estudar, até os moços estão contribuindo com nosco

²⁰ Ata da reunião realizada na Fazenda do Sr. Ilete Bueno em 15.5.65. ma
nuscrito.

²¹ José, Osvay - Monitor do MEB na Fazenda Serrinha, correspondência a
Equipe Central em 16.5.67. manuscrito.

dizendo que o problema é também deles, veja vocês ... no 2º semestre teremos escola para todas as crianças daqui se Deus assim o permitir, e para adquirir professora precisamos da ajuda de vocês.²²

A construção da escola

O monitor Oscavū José em correspondência à Equipe Central relata detalhadamente a participação de pessoas da comunidade na construção da escola:

Caríssimos Amigos

Para aproveitar mais esta oportunidade e com muito prazer que faço a vocês mais esta cartinha para comunicar do nosso movimento aqui. Já iniciamos a construção do nosso Grupo escolar, o iniciamos muito bem graças a Deus. Dá gosto a gente ver a boa vontade com que o povo estão participando dos servisso, quem não tem um trator para ajudar ajuda com seu carro de boi, outro com sua carroça quem não sabe assentar tijolo sabe massar o barro para o pedreiro, se tudo correr bem, se Deus permitir ainda teremos aula neste segundo semestre. O grupo de fúliões daqui vão sair com uma folia de reis, destinada a coletar donativos para os pobres.

E por aqui termino com um abraço a todos vocês, e adeus do amigo.

Oscavū José²³

²² Moreira, José - Monitor do MEB na Fazenda Serrinha, correspondência à Equipe Central em 16.5.65. manuscrito.

²³ José, Oscavū - Monitor do MEB; correspondência à Equipe Central em 11.7.65. manuscrito.

A inauguração e funcionamento

Conforme estava previsto, a Escola para crianças foi inaugurada dia 29.8.65, passando a funcionar imediatamente. E a professora contratada para a mesma assim relata:

"... queremos comunicalos também que já está frequentando a escola, o número de 52 alunos. De formas que estamos contentíssimos com o grande número de alunos.

Se não me engano os pais, tanto quanto os alunos estão satisfeitos comigo, coisa que muito me alegra..."²⁴

Tanto nesta, como em diversas outras experiências de luta em torno da consecussão de um objetivo comum, foi possível que os grupos existentes nas comunidades vivenciassem uma prática democrática, até então inexistente para eles que estavam acostumados tradicionalmente a pedir tudo e a esperar soluções das pelas instâncias superiores da sociedade.

O desenvolvimento dessas experiências, onde tudo era discutido e questionado, permitiu a esses grupos o exercício, com relativa autonomia, de criação e de formação de uma consciência de que a união era fundamental para que se pudesse realizar as articulações na busca de soluções para os seus problemas cotidianos.

²⁴ Lima, Neusa de Souza - Correspondência à Equipe Central em 9.9.65. manuscrito.

3.6 A Comunidade se Reúne

"A gente ia começar a falar sobre os encontros de comunidade de ... E, como apareceu, quando foi que foi introduzido" ... (Maria Alice).

"Eu não me lembro; parece que já começamos com o encontro de comunidade em 63. Porque eu sempre me lembro que existia uma tarefa paralela à preparação de aulas que era a elaboração do encontro de sábado e a supervisão girava muito em torno desse encontro de sábado também. Porque aí se coletava material." (Nazira, grifos meus).

"Nazira, mas parece que tinha um propósito, é que são com a supervisão, para você suprir na supervisão o desenvolvimento das escolas, todas as atividades que estavam aparecendo paralelamente à escola, tava ficando complicado. Então você dedicava tempo p'ra ver essas coisas específicas e mais outras. Então ficava muito tema, acho que tava ficando muita coisa sem burilar, não é Maria Alice? Tanto que a gente começou a fazer em fins-de-semana." (Betinha)

"Mas aí tinha duas coisas: tinha um programa de rádio que era A Comunidade se Reúne, aos sábados, e tinha um encontro da comunidade que era um dia inteiro de encontro, lá na comunidade, inclusive o pessoal de outras comunidades ... levando artistas de outras comunidades" ... (Nazira, grifos meus).

"Com os monitores?" (Osmar)

"É, com os monitores e a comunidade toda, quem quizesse."

(Betinha)

"... Então no começo levamos as coisas preparadas... aquelas teatrinhos rápidos, aquelas coisinhas" ... (Nazira)

"Mas depois houve encontros em que íamos e estava tudo preparado, tudo pronto já. Nós íamos para assistir." (Maria Alice)

"... E o interessante é que eles faziam também os teatrinhos, depois tinha jogo de futebol. Mas tinha muita coisa, inclusive, tinha atividades para haver discussão com homem, com mulher, com criança; era tudo separado, depois juntava todo mundo." (Nazira)

"... Eu estava me lembrando daqueles que usavamos até alto falante na praça, em cima de um caminhão" ... (Peixoto)

"... Num desses, quando entramos na cidade estava uma dessas kombis com alto-falantes correndo pela rua e gritando: está chegando nessa cidade a equipe da Escola Radiofônica trazendo grandes atrações ... convidamos todo o povo dessa cidade ... Tinha tanta gente que dividimos as turmas; às vezes chegava a ter 15, 20 em cada sala. E tinha discussão sobre um tema sério ... sempre ligado à realidade brasileira, depois havia uma assembléia geral ... Às vezes, mandávamos um impresso antes com

o tema para eles lerem, discutirem e depois se reunirem. E aí, reuníamos, por exemplo, quando tinha campanha de vacinação" ...
(Maria Alice)

"E, mais isso já era na parte da tarde, porque a parte da manhã era uma discussão mais séria, sobre a realidade brasileira. A parte de horta, de saúde, e tal, ficava p'ra tardezinha" ... (Nazira)

"E, fazíamos um estudo para ver qual era o ponto de concentração deles no fim-de-semana porque nas roças era muito disperso, as distâncias eram muito grandes. Então, reunir muita gente era difícil. Tinha circo, vamos lá, ou era venda, que é o boteco, porque eles viviam indo para cidade para fazer compras ... Então eles próprios começaram a observar isso, para ver onde que se concentrava o pessoal da redondeza todo. E aí no fim-de-semana, quando fosse o horário de maior presença do pessoal é que se realizavam as reuniões. (Betinha)

"... No horizonte, a esperança era que chegasse o momento em que essas comunidades fizessem seus encontros e convidassem o pessoal do MEB como espectador ... E na Fazenda Serrinha chegou esse tempo, que os caras iam convidar gente de outra comunidade e convidavam o pessoal da Equipe Central para apenas ir assistir" ... (Carlos Brandão)

O programa radiofônico *A Comunidade se Reúne* foi criado para desempenhar um papel de assessoria pelo rádio, apresentando

quadros entre os problemas comuns às comunidades rurais, divulgando as experiências e solicitando sugestões para os debates.

Era ele apresentado aos sábados, através de diálogos teatralizados, nos quais os personagens eram retirados do dia-a-dia da vida rural, servindo como elemento animador das reuniões que se realizavam nas comunidades, de uma maneira geral aos domingos.

Para a sua elaboração a Equipe Central contava com a participação dos monitores e de pessoas que, embora não pertencessem ao quadro de funcionários do MEB, trabalhavam nela continuamente.

Este programa, procurando sempre mostrar a importância do diálogo da troca de idéias entre os diversos grupos e pessoas de uma comunidade e também entre essas, contribuiu para a criação de instrumentos pedagógicos que possibilitassem aos próprios monitores e líderes encaminhar soluções e buscar formas organizativas, como podemos ver através dos recados que os monitores trocavam entre si, utilizando-se muitas vezes os próprios programas.

"... ao nosso Amigo Raimundo e seus companheiros, já que eles são cinco e a comunidade não quer ir as reuniões deles, é eles ir a reunião da comunidade, lá no baile de seu Zé nas fogueiras dos vizinhos ou mesmo na marca do serviço do compadre Manoel e explicando a eles, até que eles se enterece no

assunto e assim passem a comparecer as suas reuniões, e isto que tenha como primeiro passo."²⁵

A evolução da experiência deste programa deu-se a partir de exigências da comunidade em cima de um programa inicialmente transmitido apenas como orientação dos monitores: "Encontro com o Monitor" que era 15 minutos. Para estas orientações foi criado um programa específico para os monitores e o programa de sábado foi transformado em "A Comunidade se Reúne", com duração de 60 minutos" ... os encontros da comunidade no domingo e o programa de sábado, passaram a ser mais importantes que as aulas. Todo o processo das aulas, aquele blã, blã, blã todo, durante a semana, aquilo tudo era uma espécie de suporte p'ra manter um trabalho que era muito mais importante, que era o contato direto através dos encontros de comunidade. E o programa de sábado, que de um programa para monitor ..., houve toda uma evolução, passou a ser um programa da comunidade. Passou a ser um negócio mais amplo, porque inclusive não era só feito pelo pessoal do MEB. E havia lugares em que o programa de sábado era ouvido com muito interesse, lugares onde não tinham nem MEB..." (Darci Costa)

Por parte da comunidade ele servia também como motivação, não só para reuniões como também para realização de festas, leitões durante os quais se conseguia dinheiro para manutenção das escolas e outras atividades.

²⁵ José, Oscavū - Monitor do MEB, Fazenda Serrinha, correspondência à Equipe Central, em 15.6.65. manuscrito.

... acabamos de ouvir neste momento o encontro com o monitor hoje realizado aqui na casa do companheiro Osvav, achamo-nos reunidos neste momento com muitos dos nossos alunos, e grande parte de moradores aqui do arredor, está sendo movimentada lá fora os leilões para a manutenção de nossa escola...²⁶

... nossos programas de sábado estão muito animados, o programa de hoje vai ser realizado aqui na sala de aula, o de São João foi realizado na casa dos alunos... e já temos uma fila de pedidos, através dos leilões de dois programas compramos um carregamento para o rádio, um litro de Alcool para o funcionamento do Lampião e ainda temos em caixa a importância de comprar uma lata de querosene para o 2º semestre.²⁷

Entretanto, não foi apenas como forma para animar a comunidade que o programa teve grande êxito. Os seus conteúdos eram debatidos e discutidos nas conversas existentes durante as festas e reuniões, sobre as quais posteriormente manifestavam os monitores em correspondência à Equipe Central, quando esta não se encontrava presente.

Hoje depois de ouvir o programa da comunidade, a turma com nós concordamos com sugestão da monitora sobre reforma agrária, e além desta, sobre o sindicato rural, achamos que é de grande proveito uma explicação sobre o assunto, o sindicato e os seus objetivos, e quanto a reforma agrária grande parte de camponeses compreendem que é tomar terra dos fazendeiros, ou obrigá-los a dar as terras sem arrendos, acham também que o sindicato só serve para questionar com os patrões e atacá-los.²⁸

²⁶ Moreira, José - Monitor do MEB, Fazenda Serrinha, Correspondência à Equipe Central em 25.6.63. manuscrito.

²⁷ Moreira, José - Monitor do MEB, Fazenda Serrinha, Correspondência à Equipe Central em 29.6.63. manuscrito.

²⁸ José, Osvav - Monitor do MEB, Fazenda Serrinha, Correspondência à Equipe Central em 3.8.63. manuscrito.

Mas se junto aos camponeses crescia a sua audiência e ele alcançava seus objetivos, — ... *nosso programa é o campeão do horário, quando a rádio está no ar todos os que possuem rádio fãz questão de ouvir de volume aberto, o programa inteiro, podemos orgulhar com nosso programa ...*²⁹ — junto aos setores dominantes da sociedade era ele visto como perigoso por ser contrário aos seus interesses. Não podendo impedir a sua irradiação, uma vez que o MEB contava com apoio explícito de Dom Fernando Gomes dos Santos, a forma da qual se serviam estes setores era a de atuar junto aos elementos da Rádio Difusora de Goiânia conforme depoimento da coordenadora.

... O pessoal da Rádio Difusora tinha uma raiva danada da gente e eles todo o dia naquele horário ... O Dom Fernando forçava, mandava, mas o dia que eles podiam sabotar, sabotavam. Eles cortavam a luz, cortavam o som no meio da aula, dos programas, etc. Eles tinham uma raiva enorme porque o Dr. Bittencourt,³⁰ ele queria usar os programas do MEB, que tinham uma audiência muito grande na zona rural, p'ra fazer propaganda política dele, porque ele foi candidato a deputado. E a gente não aceitou de jeito nenhum. Então a partir daí ele teve a maior má vontade com a gente. Ele só cedia mesmo o horário por causa do Dom Fernando, que a rádio era do Dom Fernando e ele mandava... Nossa! eu me lembro quantas vezes começava a ouvir o programa, cortava o som! Eu saía de

²⁹ Moreira, José - Monitor do MEB, Fazenda Serrinha, correspondência à Equipe Central em 1.11.63. manuscrito.

³⁰ Dr. José Bittencourt, político pertencente à UDN, ligado aos setores mais tradicionais e reacionários da igreja em Goiãs, foi durante o período da existência do MEB, diretor da Rádio Difusora de Goiânia, de propriedade da Diocese, que transmitia os programas radiofônicos do MEB.

casa, morrendo de raiva, chegava lá, xingava todo mundo, te lefonava p'ro Dom Fernando ligava p'ra Difusora: — Que tá acontecendo?! — isso foi muitas vezes... É ... eu tenho a impressão de que p'ra eles, quando acabou foi o maior alívio. Mais uma hora de patrocinadores. Que a gente não tinha patrocinadores, era protegido (Maria Alice)

A grande aceitação deste programa pelas comunidades estava não só em que ele, como motivador e desencadeador de situações para discussões, "conversas sérias", era também um momento de lazer em que a comunidade se divertia, brincava e reconhecia-se nos personagens. A recuperação do lúdico foi de fundamental importância para o processo pedagógico que se pretendia. A sensibilidade da Equipe Central em captar este lado da Pedagogia, fazendo com que a Escola propiciasse momentos de divertimento/aprendizagem, permitia que a troca se fizesse, numa linguagem possível de ser entendida por todos. Não se tratava apenas de uma tradução simplista de um conteúdo complexo, mas do reconhecimento de uma linguagem própria, de formas de comunicação e de aspectos culturais de uma região historicamente contextualizada.

A colocação na boca dos personagens, identificados com pessoas das comunidades, de questões locais, conjunturais ou estruturais, feita dentro do seu linguajar, foi sem dúvida um dos componentes pedagógicos importantes para o processo educativo e de conscientização.

Recuperamos um destes programas, que bem caracteriza a nos
sa afirmação, e o transcrevemos abaixo:

A Comunidade se Reúne

LOC - Abertura do Programa

TEC - Fuga da África

LOC - A Comunidade se Reúne

TEC - _____

LOC - Um programa dedicado às nossas comunidades.

TEC - _____

PROF- Quando a comunidade se reúne muita coisa pode acontecer.

TEC - Música dos grandes Arcos

LOC - No mundo da Cultura Popular

TEC - _____

PROF- Notícias que os hornais publicaram

TEC - _____

LOC - Perguntas e adivinhações

TEC - _____

PROF- A nossa família aumenta

TEC - _____

LOC - _____

TEC - _____

PROF- Converse com o monitor

TEC - _____

Cumprimentos - Prof. Joaquim, Loc.

TEC - _____

LOC - No mundo da Cultura Popular - Apresentação da poesia
de Vicente Antonio Abreu

TEC - _____

JOAQUIM- Minha gente, vou contar
quanto sofre um roceiro
levanta de manhãzinha
e trabalha o dia inteiro
quando é de tardezinha
junto com sua companheira
assenta num banco duro
por não ter uma cadeira

II

Agora eu vou falar
 No coitado do vaqueiro
 levanta de madrugada
 pega o gado no curral
 e entrega ao retireiro
 que, também levanta cedo
 pra defender seu dinheiro

III

O lavrador na enxada
 derramando seu suor
 enfrentando angústia e dor
 enfrenta os dias chuvosos
 o sol quente como for
 com suas mãos caleijadas
 ele é um sofredor

IV

Minha gente tenha pena
 desse povo sofredor
 dê, direito a essa gente
 pra que eles possuam valor
 agora lã na cidade
 vou falar nos operários
 que também vivem sofrendo
 pelo seu fraco salário

TEC - _____

LOC - Notícias que os jornais publicaram

TEC - _____

LOC - Referências - Vinda do Ministro da Educação e
 Cultura, prof. Júlio Sambaqui, no dia 23.

- Problema da taxas escolares

TEC - _____

- Referente a construção do Canal de Panamá. Contratos
 dos Estados Unidos com o Panamá.

TEC - _____

PROF- Realização em Brasília - O Congresso de Trabalhadores
 da América Latina - estudam problemas e traçam planos
 para uma ação conjunta."

TEC - _____

Criação do Sindicato dos trabalhadores nas indústrias
 urbanas em Goiás. Falor o Presidente do Sindicato
 Júlio Henrique Corte.

JOAQUIM-Chamada - do José Moreira Coelho

TEC -

A família cresce:

Comentário sobre o aumento de escolas e alunos nos municípios.

- Participação do povo nas decisões e nas reuniões dos pais. É o povo saindo da margem e entrando na corrente do rio.

TEC -

- Bela vista - Nova monitora - Vany Delfino.
- Promessa de descobrir monitor na Serraria Bela Vista.
- Abadiânia - Darcy Benes Sousa está trabalhando muito
- monitor - Sebastião Cardoso Pereira - Faz. Capivari.

TEC -

Mais escolas em Anápolis.

- Capelinha, o monitor Valdemar Gomes Sã; Faz. Gengibral. Geraldo Pereira Rezende e no Frigorífico Goiás é o Sr. Antonio Rodrigues Amorim.

TEC -

JOAQUIM- Reunião em Hidrolândia na 2^a feira, presentes: 8 pessoas. Comitê formado de: Delta Araújo, José Chaves, Levi Batista, Abílio Chaves, Antonia Maria de Jesus; Edson Gaspar Martins e Maria Luiza Pevino - Comitê de Criação de escolas de H.

TEC -

Cartas:

Adão Pereira - B.Vista - apresentação do programa na comunidade vizinha combinou reunião no outro sábado. Comentário dele: mudança da atualidade brasileira - a desordem nacional maltrata muita gente - Os meus amigos estão querendo acordar do sono profundo.

PROF- Apresentar 2 monitores: Pedro Leonídio e Geraldo Lourenço Rodrigues - ex-aluno do 2º ciclo do sr. Oswaldo Vieira. Vinda de uma moça da fazenda da vizinha pra fazer treinamento.

- TEC - _____
- Comentários sobre as Escolas Radiofônicas - responsabilidade do cidadão brasileiro.
- TEC - _____
Cumprimentos ao sr. Oswaldo Vieira um ex-aluno será monitor em B.U.
- TEC - _____
Lamento - Tango -
- TEC - _____
Carta de Maria Caetano - criação de duas escolas no Município de Nova Veneza.
Carta ao sr. Lino - Entusiasmado com as escolas conseguidas - lembrete a sua saúde.
Alô Maria José, Divina Flávia, Conceição, Ana Carmo - abraços a vocês.
- TEC - _____
Carta do sr. Alvino - Itauçu - apresenta o candidato Ubirajara Francisco de Sousa - preocupação pela escola que instalará na faz. Barreirão.
- PROF- Prometeu ida das supervisoras lã e encontrar com o sr. Alfredo. Motivação aos monitores.
- TEC - _____
Carta de José Moreira. Reunião de Oscavū, José Moreira com as comunidades da faz. Serrinha e faz. Grama. Candidatos a monitores: Jorcelino P. Silva, Jaime P. Silva e Joaquim Frazão.
- TEC - Música Meu Tormento - Percival
Avisos -
Reunião em Caturai e Goianópolis
- TEC - _____
Aniversários
- JOAQUIM- Pergunta de Nova Veneza - Fátima é quem manda.
- TEC - _____
Conversa com o monitor.

TEC - Saudades de Uberaba - música

Conversa com o monitor.

TEC - _____

Dias 15 e 19 deste - treinamento para as Educadoras de Clube de Mães. O Meb colaborou com o Departamento Nacional da Criança - Participação de monitoras: Rita, Ilídia (Silvânia), Euridice - Bonfinópolis e Cassemira (Corumbã) - presentes gente do norte, sul e centro do Estado.

TEC - _____

Resposta da Charada e da pergunta do Joaquim.

TEC - Prefixo.

3.7 O Programa "Nosso Mutirão"

O mutirão é uma prática tradicionalmente utilizada pelas camadas populares para realizar trabalhos. No meio rural, especificamente, é bastante utilizado como forma de se conseguir mão-de-obra necessária para o cultivo da terra. De uma maneira cooperativa, como ajuda mútua, conseguem os camponeses trocar suas forças de trabalho em todas as tarefas necessárias — barrar casas, melhoramentos e abertura de estradas, limpeza, plantio e colheita etc. Nesse sentido, desempenha ele uma função de solidariedade e de companheirismo bastante fundamental para a sobrevivência destas camadas da sociedade.

Por outro lado, tem o mutirão um sentido festivo, recreativo, onde predomina a alegria de fazer coisas juntos. Assim é que praticamente todos os acontecimentos festivos são realizados em forma de mutirão para os casamentos, os batizados, as

festas religiosas locais são reunidos homens e mulheres de todas as idades, cada um contribuindo com o que sabe fazer: doceiras, costureiras, quitandeiros, músicos, carpinteiros, etc.

Inspirado em todo este conteúdo de cooperação, solidariedade e o imenso caráter lúdico do mutirão, o MEB-GO criou um programa radiofônico onde, quase sempre aproveitando-se de situações comumente vividas pelas pessoas da comunidade, elaborava em forma de pequenas peças de radioteatro as questões de fundo que serviriam de base para uma discussão entre os monitores ou líderes e a comunidade, nas salas de aula ou qualquer outro lugar onde houvesse um rádio:

O primeiro deles foi ao ar em 24 de março de 1966 e, dada a sua importância para a compreensão global do trabalho do MEB, a sua função didático-pedagógica e a sua recuperação histórica, o reproduzimos abaixo:

PROGRAMA NOSSO MUTIRÃO

LÔC - *Atenção ouvintes, o Movimento de Educação de Base de Goiás, através da R. Difusora de Goiânia, passa a apresentar ...*

TEC - Música prefixo: Mutirão

LÔC - *Nosso Mutirão*

TEC - continua Mutirão

LÔC - *Mais um programa dedicado às comunidades de Goiás*

TEC - Mutirão

PROF- Boa noite, gente amiga que nos ouve. Hoje é dia de festa pra nós todos, porque aparece mais uma oportunidade da gente estar junto, trocando idéias, trabalhando, aumentando a nossa união.

LOC - Isto mesmo, pessoal. O programa "Nosso Mutirão", que apresentamos hoje pela 1ª vez, deve ser mais um ponto de encontro em nossas vidas, nas vidas de todos aqueles que querem fazer alguma coisa de bom pelo seu próximo e pela sua comunidade.

TEC - Mutirão

PROF- E pra começar, "Nosso Mutirão" pede a atenção de todos vocês, porque nós vamos ouvir um caso, uma história muito importante. Muita atenção, minha gente, porque depois nós todos vamos conversar sobre esta história, a história de Zê Goiano e seus vizinhos.

TEC - _____

LOC - (em tom de narração) Zê Goiano mora logo ali naquele rancho. Olhando assim, a gente pensa que não cabe ninguém lá dentro ... Mas Zê Goiano, Balbina e mais os 6 filhotes do casal, vivem ali, do pouco que conseguem tirar do trabalho da roça. Quem passa por ali de noitinha, escuta o som gostoso da viola, e sente logo o cheiro de café! Uai! Mas hoje a viola está quieta e parece que não vai sair café. Vamos chegar mais perto, gente, pra ver o que que anda acontecendo?

TEC - _____

Zê Goiano - Como é que tã o menino, Balbina?

Balbina - Piorando, Zê. Tô quase desesperançada ...

Z.G. - Pode não, Balbina. Hã de havê um jeito. Num vai sê pro mode uma febre dessa que o Nico vai ficar sem vida.

Balbina - Sei não, home. Se nois ao menos pudesse variã de remédio. Mais sô essas fôlha fervida, fico com medo de não arresolvê.

Z.G. - Também mais vivi infurnado aqui pros mato, desconhecendo até o nome de algum medicamento que pudesse cortã essa febre. Nem sei se tem alguém das redondeza que informa nesse assunto.

Zidoro - Epa, Zê! Falô em gente das redondeza nois apare
ce.

Z.G. - Bās noite, Izidoro. Bās noite, D. Merença. Vamo
entrando, sem arreparā na sujeira, gente.

D. Mrença - Bās noite, seu Zê. Pode aproveitā Zidoro ai prā
uma prosa, que eu vô mais a Balbina oiā o meni
no.

TLC -

Merença - Xi, Balbina! Daonde que veio tanta lama prās mão
desse menino?

Balbina - Quā, sô. Eu jã nem tô veno!

Merença - Mais num pode deixā de vê, Balbina. Essa sujeira
pode atē piorā o mal do Nico, muiê!

TEC -

Zidoro - Mas ē como eu ia dizeno, Zê Goiano. Esse negócio
qui ocê fala da gente num tã informado nem prā
oiā a saúde dos fio me põe prā matutā.

Juca - Eu também tô matutando nesse seu caso, seu Zê. E
mais em muitos outros casos que acontece aqui
perto de nois. Eu mesmo, sou vizinho d'oceis, num
tenho filho, mas fico arreparando em tantas coi
sa que nois tudo passa por aqui ...

Zê G. - É mesmo, sô! A vida inteira nesse ramerrão, sem
conhecer direito as coisa, os assunto ...

Zidoro - Se nois aprovetā pensamento tudo, e oiā junto
pros problema aqui do lugar, ē capaz de nois des
cobri muita coisa ...

Zê G. - Essa prosa jã tã me deixano mais animado. Acho
ruim mesmo ē o home ficā pensando sozinho, sofren
do sôzinho ...

Juca - Oia, vamo começa por nōis? Jã tamo aqui mesmo,
uai! É sô chamā a D. Mirença e D. Balbina, porque
as muiê deve ter muita coisa prā falā também.

Zê G. - Ô D. Merença! Ô Balbina! Chega prā cā. Ocêis jã
tava mesmo escutano a conversa lã de dentro, en
tão vem ajudā nois aqui nesse mutirão!

TEC - MUTIRÃO

PROF- A história não acabou, minha gente. Ela continua aí, com vo-
cês, com cada comunidade que nos ouve. Vamos aproveitar a
idéia do Zé Goiano e seus vizinhos? Vocês todos que estão
reunidos e que ouviram a história, vamos conservar juntos?

TEC -

PROF- Bem minha gente, vamos ver então quais os problemas mais ci-
tados na conversa na casa do Zé Goiano.

LOC - Como nós ouvimos, o que deu motivo a conversa foi a doença
do Nico.

PROF- Sim; a partir daí quanta coisa saiu ...

LOC - A falta de higiene que contribuiu para que a doença se agra-
vasse mais ...

PROF- E como se não bastasse sô isto, a falta de esclarecimento.
Não sabiam o que fazer para que a febre cedesse um pouco.

LOC - É de fato, não estavam esclarecidos sôbre o que deviam, o que
podiam fazer.

PROF- Pois é, minha gente, e o que faz com que não haja esclareci-
mento, troca de idéias, é o isolamento em que muitos de nós
vivemos ...

LOC - Mas no caso de Zé Goiano, a coisa parece que vai melhorar—O
pessoal já está pensando em conversar sobre esta situação
que eles estão vivendo. E isto é bom sinal.

PROF- É assim que todos reunidos podem dar suas idéias, trocá-
las, se organizarem.

LOC - Certo! E assim terão muito mais força, serão muito mais for-
tes. Porque os problemas sô se resolvem se todos derem a par-
cela de sua contribuição, de seu esforço, de seu pensamento.

PROF- Muita gente pensando junta, pensa mais, tem mais possibilida-
de de acertar, de agir.

LOC - Vocês pensam assim, gente? Como é que resolveriam o problema
do Zé Goiano?

TEC -

PROF- Na casa do Zé Goiano foram levantados os problemas que disse-
mos agora.

LOC - E. Mas muitos problemas que existem por lá não foram falados ainda.

PROF- Certo. Mas em outras conversas Zé Goiano e seus vizinhos descobrirão outros problemas e tentarão achar uma maneira, um jeito de resolvê-los.

TEC -

PROF- Assim, minha gente, vimos uma parte de nosso programa. Mais tarde apagaremos o rádio e continuamos a conversar sobre os problemas do Zé Goiano. Agora vamos conversar um pouco, sobre ...

LOC - "Nosso Mutirão". Um convite para as comunidades rurais. Um convite a todas as pessoas que se sentem responsáveis e procuram um meio de trabalhar por sua comunidade.

PROF- Um homem não vive sozinho. Um homem não cresce sozinho. A cada instante, em cada pedaço de nossa vida, necessitamos de outro ao nosso lado, seja de que forma for.

LOC - De um trabalho que o outro fez, de uma palavra, de uma opinião, de uma palavra, de uma ajuda, de uma presença!

PROF- Nós somos homens. Nós somos pessoas. Está dizendo a nossa inteligência, está afirmando a nossa vontade. Isso sentimos.

LOC - Mas é preciso mais do que sentir, é preciso ser homem, é preciso viver como homem.

TEC -

LOC - Vamos fazer o nosso mutirão?

PROF- "Nosso mutirão" será mais um instrumento para levarmos à frente a tarefa que abraçou a Equipe Central.

LOC - A tarefa que é de nós todos. Chegou a hora desse trabalho, meus amigos, porque nós sentimos mais do que nunca de que a nossa afirmação como homens depende de nós, de cada um e de todos.

PROF- E se essa afirmação depende de nós, e se somos responsáveis uns pelos outros, vamos lutar, agora, sem vacilação.

LOC - O Movimento de Educação de Base de Goiás convoca a todos, de todas as comunidades de Goiás, para um encontro de meia hora, todas as terças e quintas feiras, às 6 e meia da tarde.

TEC - _____

PROF- Nos nossos encontros meus amigos, cada comunidade estará recebendo através do grupo organizado um impulso.

LOC - É um grupo da comunidade que se organiza. É a comunidade de pessoas.

PROF- Esse instrumento que dissemos, nós da equipe central, iremos usar, pode ser também, para você meu amigo, o meio de começar o seu trabalho.

LOC - E você perguntará: como?

TEC - _____

PROF- Vocês, pessoas que vivem em um mesmo lugar, que tem uma vida mais ou menos igual estão reunidos.

LOC - Vocês ouvem juntos um fato. Um fato que tem semelhança com muitos outros acontecidos em nossas próprias vidas ou com pessoas nossas conhecidas.

PROF- E passamos a comentar aquele fato, mas não comentar simplesmente. Mas pensar seriamente em cada coisa acontecida e pensar no porquê de cada coisa dessa.

LOC - E discutir, discutir claramente, cada um dizendo o que pensa, sêriamente, sempre sêria e honestamente.

PROF- Do fato que ouvimos, passamos a ver a nossa vida, a vida que vivemos nós, hoje, pessoas que trabalhamos na roça, pessoas que vivemos no campo.

LOC - Passamos a pensar e a discutir em nossas vidas, nós que vivemos nesta fazenda, neste povoado.

TEC - _____

PROF- E vamos ficar só nisso?

TEC - _____

LOC - Nós descobrimos que temos muitos problemas, muitos problemas que podemos resolver.

PROF- Nós descobrimos que temos muitos problemas que outras pessoas, pelos cargos que estão ocupando, devem resolver.

LOC - Nós descobrimos que precisamos de esclarecimentos, de ajuda, de união e de muito trabalho.

PROF- E diante de tudo isso, o que vamos fazer?

TEC - _____

LOC - Vamos tomar uma atitude.

PROF- Vamos fazer um mutirão.

LOC - Somos um grupo de 3, de 4, de 5, de 10 pessoas?

PROF- Não importa o número; vamos pensar, vamos discutir, e trazer mais pessoas para a nossa roda.

LOC - Assim como uma pessoa não vive sôzinha, uma comunidade precisa de outra, um estado precisa do outro, um país precisa do outro.

PROF- Ninguém é desnecessário, todos são importantes.

LOC - Esse será o início minha gente. - O começo de uma luta para integrar a nossa comunidade a participar com a sua contribuição, hoje, agora, pela humanidade inteira.

PROF- É a nossa comunidade que desperta e começa a escrever linhas para compor uma história. A história de um mundo que se quer construir.

LOC - Um mundo que sirva, que seja construído pelos homens para os homens.

PROF- Ele nos foi entregue pelo Criador. E falharemos se não dissermos presente nessa construção.

LOC - Meus amigos, de todas as comunidades, entregamos a vocês mais um instrumento para a nossa tarefa.

PROF- Nosso mutirão é um convite e é um aviso. É nossa hora, gente.

TEC - Mutirão.

PROF- Por que "nosso mutirão"?

TEC - _____

LOC - Meus amigos, o nome do nosso programa tem uma razão de ser. Vamos juntos descobrir essa razão.

PROF- O que é um mutirão? que significado tem pra gente essa palavra? dizendo mutirão, o que é que nós pensamos?

TEC - _____

PROF- Pensamos em esforço conjunto na solução de um problema.

Pensamos em colaboração

Pensamos em encontro

Pensamos em união

Pensamos na ajuda mútua que deve existir entre os homens
 Pensamos na responsabilidade que cada um de tem com as ou
 tras pessoas: da sua família, da sua comunidade, do seu país
 e do mundo inteiro: responsabilidade de ajuda, de estar sem
 pre pronto para uma luta pelo bem de tôdas as pessoas.

LOC - Essa luta pelo bem, nós sô conseguimos atravês de um grande
 mutirão.

PROF- Um mutirão que conte com o esforço e o valor de cada pes
 soa.

LOC - Meus amigos, essa é a razão do nome dêste programa: "Nosso
 mutirão"; que significa prã nós, como já foi visto, união,
 esforço conjunto na procura do bem, na solução de todos os
 problemas que nos cercam.

TEC - _____

PROF- Meus amigos, êsse é então, o início do "Nosso mutirão". A
 sua continuação depende de todos nós. Contamos com vocês -
 Terça-feira estaremos aqui novamente nesse mesmo horário.
 Até lá e boa noite.

LOC - Boa noite, gente, e até o próximo programa.

TEC - _____

Em seus objetivos, o "Programa Nosso Mutirão" procurava dar
 consciência ao homem de sua ação sobre o mundo, motivã-lo para
 o trabalho em comum, fornecer-lhe dados sobre a realidade so
 cial e especificamente sobre a situação do camponês e sua rea
 lidade concreta. Por outro lado, procurava formar nele uma ati
 tude de crítica frente ao processo de exploração e dominação.

O retorno das discussões realizadas nas comunidades pode
 ser visto atravês da correspondência dos monitores à Equipe Cen
 tral:

... Vem por meio desta comunicar que hoje surgiu a primeira reunião sobre o problema dos programas de terça e quinta feira hoje compareceu 14 pessoas todas acharam muito bom. Zê Goiano precisa de contato com os outros da sua comunidade para discutir o seu problema junto de orientação para sua vida, tem que ser conhecido com os outros homens sem orientação não pode viver bem ...³¹

... Realizou-se na casa do Sr. Arnaldo Porto uma reunião do programa de terça feira onde compareceu 13 pessoas trocamos idéias sobre a vida de Zê Goiano depois trocamos idéias sôbre a nossa vida.³²

Realizou-se uma reunião na casa do Sr. José Brás de Deus na faz. grama para assistir o programa do nosso mutirão. Ouvimos o programa, discutimos o assunto do homem que morreu por falta de esclarecimento por não saber que este remédio não podia ser bom. Este remédio tal como o fumo com urina é o mesmo como tem acontecido aqui mesmo, por estêrco de animal ou as vez foi o patrão que não dava praso para o camarada procurã um recurso de tratar. É assim que pode surgir uma morte antes do tempo.³³

A intencionalidade da Equipe Central era criar um instrumento de comunicação que permitisse desencadear nas comunidades um processo de discussão e troca de informações, revelou-se bastante válida durante seis meses; até o momento em que se tornou impossível dar seguimento aos assuntos discutidos, já que o nível de explicitação e crítica à realidade exigido não poderia

³¹ Aristeu - Monitor MEB. Correspondência à Equipe Central em 24.3.66.

³² Porto, Arnaldo - Monitor MEB. Correspondência à Equipe Central em 29 de março de 1966.

³³ Porto, Arnaldo - Monitor MEB. Correspondência à Equipe Central em 14 de abril de 1966.

ser levado avante pelo rádio, dadas as limitações impostas pe la conjuntura política da época. Por outro lado, a ausência de pessoas que, preparadas para coordenar os debates, pudessem prescindir do rádio, tornou-se também um agravante para a con tinuidade do programa.

A saída encontrada para dar continuidade ao programa foi realizar um treinamento para coordenadores de debates, que pu dessem preencher as lacunas deixadas no ar pela emissão radio fônica. Isto foi feito em vários sistemas do MEB, no caso de Goiás, este treinamento concluiu também pela necessidade de que a Equipe Central elaborasse um roteiro dos programas que seriam distribuídos aos coordenadores. Estes procuram organizar nas suas comunidades pequenos núcleos de "Nosso Mutirão", composto de 5 ou 6 pessoas, responsáveis pela execução do programa nas comunidades.

Os roteiros elaborados para os coordenadores de debates se guiam o esquema do programa, partindo sempre de uma situação-problema. As situações-problema escolhidas foram as seguintes:

- 1) o homem derruba e mata para o plantio: domínio da natu reza - trabalho criado;
- 2) pessoas trabalham juntas para fazer o trabalho: coopera ção;
- 3) trabalho desta fase servindo a outras pessoas: função so cial do trabalho;

- 4) há terras sem cultivo. Latifúndio improdutivo: consequências sociais da terra não aproveitada.

O roteiro sobre a situação-problema nº 2 destacou os seguintes pontos para discussão nas comunidades:

- . A relação de um homem com os outros é feita por meio do trabalho. Todo homem tem várias necessidades, como: comer, vestir, ter casa, etc. Essas necessidades são atendidas com o fruto de seu trabalho e do trabalho do outro.
- . Existe uma troca de trabalho. É fazendo essa troca que o homem tem relação com o outro, se comunica com outro.
- . Todos os homens trabalham. Uns trabalham fazendo vestimentas, outros plantam e colhem alimentos. Todos esses homens juntos formam uma comunidade.
- . Se numa comunidade todos trabalham e só alguns tem o que precisam para viver, outros que também trabalham, passam necessidades, não está havendo uma verdadeira troca de trabalho. Os que passam necessidades estão sendo explorados. Uns estão dominando os outros.
- . Uma vida em comunidade só é verdadeira quando não existe dominação. Só é justa, quando um homem trata o outro como homem e não como objeto que pode ser explorado, dominado.
- . O homem só pode dominar a natureza. Tudo o que ele encontra na natureza ele pode dominar, mas não pode dominar outro homem. A relação entre os homens deve ser sempre de respeito, de valorização, de reconhecimento.³⁴

³⁴ MEB/Goiás. Roteiro para o Programa, II Programa, Goiânia, 13.10.66, datilografado.

"A idéia do *trabalho*, nesta fase, passou a unificar toda a programação do MEB. Do *trabalho* concreto, vivido e com esta matéria-prima de situações, formou-se o currículo básico. O currículo de qualquer matéria, fosse Aritmética ou Higiene, Língua ou Saúde, tomava o *trabalho* como ponto de partida e como ponto de chegada. Assim, o "Programa Nosso Mutirão" fazia parte de uma unidade do *programa nacional para as escolas radiofônicas* do MEB em que o educando encontrava-se envolvido e que se caracterizava por formar um todo compreensivo". (Alda Borges - os grifos são meus).

Entretanto, se foram superadas as dificuldades técnicas e metodológicas, restaram as de caráter político do programa; para estas, a conjuntura da época encarregou-se de encontrar uma solução:

"O Programa deixará de existir no momento de ser levado ao ar, já que o horário escolhido em comum pelos líderes e pela Equipe Central, foi requisitado pelo TRI, para a campanha da ARENA."³⁵

³⁵ MEB/Goiás. *Uma experiência de educação de base: relatório-documento*. Goiânia, 1967. 25p.

Conclusões

Neste capítulo procurei mostrar de maneira descritiva os diversos instrumentos pedagógicos que foram criados e utilizados pelo MEB/GO, a partir das reflexões teóricas, discussões, seminários, dias de estudo, mas fundamentalmente através da crítica sobre sua própria prática. Neste sentido é importante salientar o papel exercido pelos monitores na elaboração de todo este instrumental pedagógico. Temos certeza de que sem esta contribuição teria sido, senão impossível construí-lo, pelo menos, jamais se conseguiria que fosse ele tão rico de soluções e de criatividade.

O dinamismo imprimido a partir da *supervisão*, permitiu a Equipe Central reescrever e reelaborar o conteúdo do MEB/GO, contribuindo assim de maneira decisiva para a reflexão sobre a Educação de Adultos no país. A abertura e a disponibilidade demonstrada pela Equipe Central foi sem dúvida um elemento decisivo para que se pudesse estabelecer um confronto real entre suas concepções e posições teóricas e pedagógicas e a prática pedagógica cotidiana que era realizada em conjuntos com os monitores nas comunidades locais.

Assim, não temos dúvida em reafirmar que só foi possível criar novas formas de educar ou mesmo uma nova pedagogia porque os saberes foram mutuamente questionados e confrontados numa reflexão conjunta entre educadores e educandos.

Os capítulos seguintes serão dedicados a dois momentos que ao meu ver foram de fundamental importância nos trabalhos do MEB/GO e que representam a globalização do seu esforço na educação política dos camponeses de Goiás. No IV capítulo tratarei do I Congresso de Monitores e, no V capítulo destacarei o processo de criação na conjuntura após o golpe militar de abril de 1964, quando, o MEB/GO, ao aprofundar e suas experiências num contato mais direto com as comunidades locais, elaborou o *Conjunto Didático Benedito e Jovelina*.

CAPÍTULO IV

O I CONGRESSO DE MONITORES

... Cantos
E prantos
Que suspira
A lira
A alfombra
À sombra
Encontrei p'ra ti...
(Castro Alves)

... Mas as coisas lindas,
muito mais que lindas estas ficarão
(Carlos Drummond de Andrade)

Para Betinha, Iza, Nazira e Wellington

O I Congresso de Monitores do Movimento de Educação de Base realizou-se dentro do amplo quadro de mobilização social existente no Estado de Goiás no período do Governo Mauro Borges. Este quadro situa-se não só dentro de uma dinâmica em nível nacional, ou seja, a busca de participação política das camadas populares, mas é também devido a intervenções provenientes da estrutura técnico-administrativa dos órgãos do Governo do Estado, com o apoio do Governador. Em particular, através das Secretarias do Estado — fundamentalmente, a Secretaria de Trabalho e Assistência Social (SETAS) —, vinha sendo executada sob a orientação do Secretário Erides Guimarães, uma política de mobilização social que visava essencialmente os trabalhadores rurais, uma vez que o Estado de Goiás é fundamentalmente um Estado agro-pecuário, concentrando-se no campo o maior número de trabalhadores. É importante salientar que esta política de mobilização, situa-se de maneira coerente com as orientações do PTB, partido ao qual pertencia o Secretário, dadas em nível nacional. A criação de associações de lavradores e, mais tarde, de sindicatos era um dos objetivos a serem alcançados. A fundação dessas associações era marcada por grande ajuntamento de lavradores, sendo que em agosto de 1963, seis mil camponeses reuniram-se na cidade de Itauçu, conforme notícia "O ANÁPOLIS" em nov./63, número certamente exagerado se se compara com os aproximadamente mil participantes do I Encontro de Trabalhadores e Estudantes realizado em 1963. Este encontro, promovido e prestigiado pelo Secretário de Trabalho e Assistência

Social era uma espécie de preliminar ao Congresso de Trabalhadores que foi realizado em Belo Horizonte, no início de 1964. Durante o ano de 1963 foram fundadas 26 associações de lavradores pelo interior do Estado e, em dezembro de 1963, Erides Guimarães prestigiava a visita do deputado Francisco Julião à Goiânia, desenrolada dentro de um clima de grande mobilização.

Freqüentemente, era o Secretário de Trabalho e Assistência Social alvo das mais contundentes críticas por parte dos diversos setores e grupos dominantes, entre eles a Igreja e inclusive os próprios quadros do PSD, partido ao qual pertencia o Governador. Nesse sentido as divergências internas existentes dentro do PSD e, conseqüentemente, do Governo Mauro Borges, vão levar este partido a retirar seu apoio à orientação dada pelo PTB e fundamentalmente ao Secretário de Trabalho e Assistência Social. Em entrevista dada a Francisco das Chagas Evangelista Rabelo¹ por um militante do PSD, são mostradas as razões das divergências e da retirada do apoio deste partido ao PTB: "... deixamos de apoiar a política do PTB em Goiás, porque não estaríamos de acordo, pois ela estava sendo degenerada através de imediatos que não condiziam com a tradição e mesmo com o programa do PSD. E nos diretórios municipais, havia uma insatisfação geral pois não estavam satisfeitos com a atitude

¹ Rabelo, F.C.E. *Governo Mauro Borges: Tradicionalismo, Planejamento e Mobilização Social em Goiás* - UFMG. Tese de Mestrado, Belo Horizonte, 1985. (grifado no original)

do PTB porque o PTB estava seguindo toda aquela orientação do sr. Jango Goulart e do sr. Brizola. E isto já tirava as características do PTB de Goiás para se tornar um PTB de Goiás, como que mais nacionalizado, um PTB que já recebia orientação da sua central nacional e se incompatibilizava, deste modo, com a direção do PSD em Goiás..."

Para se compreender as causas dessas "insatisfações" dos pessedistas, é necessário lembrar que o PSD tinha sua força política fundamentada e comprometida com os chefes políticos locais, isto é, os fazendeiros, os senhores da terra. Estes não viam com bons olhos o processo pelo qual estava se encaminhando o Governo Mauro Borges. Entretanto, as oposições às mobilizações sociais e políticas no meio rural não partiam apenas de setores do PSD; elas eram exercidas pelos fazendeiros como um bloco e passaram a assumir uma radicalização maior após uma portaria e que regulava a sindicalização rural, baixada em novembro de 1962. Através dessa portaria, a SETAS imprimiu um novo ritmo à assistência ao trabalhador rural, com a campanha de sindicalização rural. A oposição dos fazendeiros passa a ser ameaçada com violência, tentando por todos os meios impedir a mobilização que estava então existindo. São exemplos desta reação dos fazendeiros as ocorrências em Nazário e Piracaujuba. Em Nazário, os fazendeiros tentaram impedir a organização do sindicato, com espancamento de camponeses e de pessoas que ajudavam nesta organização. Em Piracaujuba, quando se promovia um

encontro de lavradores, liderado pelo camponês José Porfírio e elementos do PTB, entre os quais o deputado estadual Gilberto Sant'Ana, o governador substituto Almir Turisco teria sido advertido que os camponeses invadiram a cidade, tendo o Governo enviado força policial para impedir o encontro.²

Mas, da oposição clara e objetiva ao processo de mobilizações, fundamentalmente às do meio rural, e das ameaças de concretização de violências por parte dos fazendeiros, partem estes para a busca de formas concretas de organização que venham representar diretamente seus interesses de classe, uma vez que já não tinham para dispor, ao seu belprazer, todo o aparato estatal, nem a máquina burocrático-administrativa, devido às divergências na condução política imprimida pelos Secretários de Estado, com o apoio do Governador. Assim é que, em 22.06.63, a *Folha de Goiás* publica o seguinte:

Em Nazário, dois secretários foram encontrar reunidos, mais de 100 fazendeiros exaltadíssimos, protestando contra a criação do sindicato, e os prefeitos de Nazário, Palmeiras, Firminópolis, Anicuns e representantes de Trindade e Turvânia. Na oportunidade foi convocada uma reunião em conjunto, sob a presidência do Juiz de Direito da Comarca, tendo sido deliberado que os camponeses poderão organizar seu sindicato, porém os fazendeiros também se organizarão em sindicato patronal.³

² Rabelo, F.C.E. Op. cit., p.113.

³ *Folha de Goiás*. Goiânia, 22 de junho de 1963, pág. 8.

Uma série de episódios mostram a radicalização existente, tanto do lado dos fazendeiros quanto do lado dos camponeses. Um desses episódios de radicalização da mobilização camponesa foi a agitação promovida por elementos que o PTB, com caminhões repletos de trabalhadores, invadiram a cidade de Formosa para impedir a realização de uma exposição agro-pecuária.⁴ Entretanto, se esta radicalização dos camponeses era feita com a aquiescência do Governo do Estado, quando ela escapava do seu controle, isto é, quando estes iam além dos limites estabelecidos pelo Governador ou pelas forças que o apoiavam, ele intervinha nestes episódios para garantir a ordem.

4.1 O Encontro de Trabalhadores e Estudantes

A realização do I Encontro de Trabalhadores e Estudantes em Goiânia, de 25 a 27.10.63, patrocinado pela Superintendência da Política de Reforma Agrária (SUPRA), contou com o apoio do Governo do Estado, através da Secretaria de Trabalho e Assistência Social, a qual teve atuação destacada na sua organização e execução; segundo o diário 'Folha de Goiás', o Governo Mauro Borges Teixeira, além de transporte e alimentação, forneceu cerca de um milhão de cruzeiros.⁵ Mauro Borges, apesar da ruptura com o PTB, não abria mão da mobilização social, dando

⁴ Rabelo, F.C.E. Op. cit., p.113.

⁵ Id. ibid., p.114.

seu apoio direto às atividades desenvolvidas neste sentido. Francisco Rabelo afirma que o Governador teria deixado claro sua posição diante das reformas, mostrando que a reforma agrária deve ser radical, não na maneira de obtê-la, mas no modo de ser executada.⁶

Mas, para a oposição ao governador isto não passava de demagogia, procurando sempre advertir e chamar a atenção para a intromissão de elementos de outras classes no movimento camponês para promover agitação, enquanto isso a imprensa oficiosa achamava-o como defensor intransigente dos trabalhadores. Esta advertência, bastante comum nos pronunciamentos dos parlamentares oposicionistas da época, era uma referência clara ao Encontro de Trabalhadores e Estudantes que era uma tentativa de estender a participação operária ao meio estudantil, objetivando a formação da "Aliança Operário-estudantil-camponesa".

Este Encontro foi realizado com a participação de delegações dos sindicatos rurais de mais de 40 municípios, reunindo cerca de mil e duzentos camponeses, além da participação de estudantes, operários e líderes das esquerdas e de linhas progressistas do País.

Contou ele com o apoio e a participação dos estudantes através da União Estadual dos Estudantes, dos Centros Acadêmicos,

⁶ Rabelo, F.C.E. Op. cit. (grifos meus)

dos Grêmios Estudantis Secundaristas e da União Goiana dos Estudantes Secundários. Foi apresentada através do Centro Popular de Cultura e do Instituto de Cultura Popular a peça de teatro *Mutirão em Novo Sol*, de Augusto Boal. É importante salientar que estes órgãos congregavam as diversas correntes das esquerdas então existentes: Partido Comunista, Ação Popular, Política Operária e Ação Católica (JUC e JEC), fundamentalmente.

Nele foram apreendidas e debatidas diversas teses sobre as reformas de base (urbana, tributária, bancária, universitária, etc.). Mas é a questão agrária, bem como as propostas políticas para a condução do processo revolucionário, a ser implantado para que se dessem as transformações radicais nas estruturas sócio-econômicas e políticas do País, que constituem o conteúdo fundamental do Encontro.

Entretanto, se todos acreditavam na importância da mobilização social dos camponeses e concordavam em realizá-la, isto não se dava nas propostas de condução deste processo. Os diversos grupos discordavam e divergiam quanto aos caminhos que levariam à revolução brasileira; a luta pelo controle hegemônico na própria condução do processo fazia com que as forças de esquerda tentassem conquistar e ganhar os diversos organismos de representação dos camponeses (associações, clubes e principalmente os sindicatos). Tendo assim uma possibilidade concreta de controlar a viabilização de suas propostas políticas. Este controle visava também aqueles camponeses que não se encontra-

vam integrados aos órgãos de classe, na busca da ampliação de quadros partidários que, evidentemente, poderiam com maior eficácia encaminhar, junto aos camponeses, as propostas políticas de cada uma destas forças, acelerando ou retardando assim, segundo a visão de cada um, o processo de transformação que se vislumbrava.

4.2 A Realização do I Congresso de Monitores

Dentro do quadro anterior, o MEB, como uma das forças que atuavam no campo e continha dentro dos seus quadros, como funcionários ou como colaboradores, militantes da Ação Católica (JUC e JEC) e da Ação Popular, vai expressar muito claramente a sua divergência nesta luta. E, ao expressá-la, propõe a realização do 1º Congresso Estadual de Monitores, um mês após o 1º Encontro de Trabalhadores e Estudantes.

Na correspondência entre o MEB-GO e o MEB-Nacional encontramos as justificativas para a realização deste Congresso:

- 1) Realizou-se há pouco, aqui em Goiânia, o 1º Congresso de Camponeses do Estado. Estiveram presentes cerca de 1200 camponeses. E foi nesse congresso que tivemos oportunidade de ver, em toda extensão, o rumo que vem tomando o movimento camponês no nosso Estado. É impressionante ver a massificação total de que estão sendo vítimas os camponeses, por parte de grupos que se fortificam cada vez mais no campo.

Depois que a gente tem uma idêia do que seja conscientização, chega a ser revoltante presenciar essa falta de respeito pelos lavradores, que estão sendo manipulados, usados em jogos políticos, em interesses de grupos. As sistimos a isso no Congresso de Camponeses, e bem podemos imaginar o que seria uma revolução brasileira feita nesses termos, sem a participação consciente do povo.

Pois bem, entre os camponeses presentes havia monitores e alunos nossos. E pudemos constatar que eles não estão preparados para a ação exigida deles no momento. Falta-lhes toda uma vivacidade para essa espécie de atuação. Falta-lhes essa "manha" política, enfim, esse "traquejo", como eles mesmo dizem. É verdade que temos procurado, nas aulas, forçar um espírito crítico.

Mas a teoria dissociada da prática pouco vale. E o nosso pessoal continua com a visão ingênua das coisas. Isso nos tem preocupado muito. A equipe de sindicalismo⁷ está com essa mesma preocupação. Veio-nos então a idêia de um congresso de monitores, para o qual convidaríamos também membros dos diversos sindicatos rurais já existentes. Se ria realmente um congresso, com presença de autoridades, apresentação de teses, comissões, discussão de assuntos ligados à realidade brasileira: problema agrário, analfabetismo, conscientização, etc. Valeria como uma tentativa de integrar o nosso pessoal numa linha mais política de atuação.

- 2) Preocupa-nos ainda a necessidade de levar uma fundamentação mais sólida aos monitores e alunos. Não será possí

⁷ Embora o sindicalismo não tenha sido uma atividade específica do MEB/GO, sempre existiu uma integração entre a equipe de sindicalismo que era formada por militantes da AP e da JUC e outros independentes que atuavam na área rural. Esta integração se dava através de profissionais pertencentes a Equipe Central destacados para esta atividade.

vel esperar deles uma atuação segura, se não estiver bem claro o "porquê" e "para que" do trabalho. Esse congresso seria uma oportunidade de examinar os grandes problemas de nossa realidade à luz de uma fundamentação.

- 3) Outro problema é a reação, mais ou menos aberta, que se vem esboçando, ultimamente, ao nosso trabalho. Está difícil não só a radicação de novas escolas para o próximo ano, como a continuação das já existentes. Alguns monitores e alunos mostram-se já amedrontados.

Torna-se necessário um esclarecimento maior, uma afirmação de pontos de vista, uma tomada de posição consciente que possibilite ao nosso pessoal enfrentar sem recuar, no próximo ano, uma luta que se anuncia difícil.⁸

Por seu lado os monitores expressavam a sua opinião sobre a mobilização e sobre a proposta de realização do Congresso:

Hoje reuni para ouvir o programa e transmiti alguma coisa do nosso congresso e todos ficaram entusiasmados com o movimento ao ouvir o programa e algumas explicação nossas. Pediram-me que enviassem o seu apoio de tudo que ai trata mos, já ficaram contente em saber que o camponês pode pelo menos clamar o que está sentindo.⁹

E o MEB, assim, não abriu mão de sua participação no processo de mobilização dos camponeses, tomando a si também a responsabilidade na condução das lutas que se travavam na disputa

⁸ Trecho retirado da carta enviada pelo MEB-GO ao MEB-Nacional em 19.11.63.

⁹ José, Oscavū. Correspondência à Equipe Central em 12.12.63.

pela hegemonia dentro do processo de mobilização social levado a efeito no Estado de Goiás. Ao assumir esta responsabilidade o MEB teve que definir mais claramente suas posições políticas diante deste mesmo processo de mobilização, que na perspectiva da época iria gerar a revolução da qual deveria vir as transformações radicais da sociedade brasileira.

Nesse sentido, é importante salientar que o MEB, enquanto movimento fundamentalmente voltado para a educação de base, já havia superado o caráter de escolarização supletiva, de campanha de combate à ignorância e ao subdesenvolvimento, dirigindo suas atividades para o concreto das situações de vida dos grupos sociais com os quais lidava. A responsabilidade na condução das lutas e pela hegemonia no movimento dos camponeses era também fruto do seu próprio trabalho e dos seus esquemas de funcionamento, no qual foram-se conformando cada vez mais ao dinamismo de um movimento permeável à participação popular.¹⁰ Do ponto de vista dos seus dirigentes e demais componentes da equipe, tratava-se de uma responsabilidade histórica, naquele momento específico, lutar para que as orientações derivadas de suas formulações teóricas e de suas origens cristãs ocupassem os seus lugares e demarcassem claramente as suas posições na condução dos processos de transformações político-sociais do país. O MEB acreditava profundamente nas possibilidades cultu

¹⁰ Bezerra, Aída. Op. cit.

rais e políticas das camadas populares, derivando daí a sua crença e a certeza de que a revolução brasileira viria da organização consciente do povo. Como veremos adiante, aí estão a origem e a razão das suas divergências com os partidos e correntes marxistas na condução da luta. É Herbert José de Souza, então coordenador da AP, quem vai afirmar em entrevista a Celso de Rui Beisegel: *O movimento estudantil, na época, e outros setores da intelectualidade de esquerda, mais do que os partidos políticos... a Igreja, o MEB etc., tinham uma profunda convicção de que a organização consciente do povo era um fato revolucionário.*¹¹

Embora a Equipe Central do MEB, em sua maioria, não fosse composta de militantes da Ação Popular, é a proposta desta organização que o MEB vai viabilizar:

"A AP opta, assim, basicamente, por uma política de preparação revolucionária consistindo numa mobilização do povo, na base do desenvolvimento de seus níveis de consciência e organização, firmando esta mobilização numa luta contra a dupla denominação capitalista (internacional e nacional) e feudal. Fortalecendo progressivamente seus quadros, a AP desempenhará cada vez mais o papel de promover e orientar cada mobilização, apoiando-a em intervenções diretas pela atuação coordenada de seus

¹¹ Beisegel, Celso de Rui. *Política e Educação Popular: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. São Paulo, Ática, 1982 (Ensaio 85) p.234.

*militantes dentro das estruturas atuais de poder. 'Ela se propõe a tarefa de elaborar com o povo, na base da contribuição deste, a nova sociedade'... Em relação ao problema no campo, as condições objetivas indicam a necessidade de outro tipo de trabalho... Aí, porém, o problema capaz de suscitar o espírito de luta é mais estrutural, ligado à propriedade da terra. De toda forma, é necessário considerar que o trabalho no campo só encontra raízes nos problemas concretos locais, sendo lento o processo de formação de consciências e extremamente difícil lançar palavras de ordem política.'*¹²

Após debatidas, entre a Equipe Central e a Equipe de Sindicalismo, as finalidades e a proposta do Congresso foram apresentadas e discutidas com os monitores e líderes sindicais que se encarregaram também da escolha dos participantes. As "teses" propostas para discussão, foram elaboradas pela Equipe Central e de Sindicalismo com a colaboração de algumas pessoas engajadas no trabalho político em realização no Estado de Goiás. O esforço para elaborá-las, foi feito com dificuldades que situavam, por um lado, no nível da formulação teórica, da qual sentia a equipe a necessidade de maior consistência. Mas acredito eu, que por outro lado, fosse ainda mais difícil fazer uma tradução didática dos conteúdos dos documentos e fontes, nos quais o MEB buscava se basear e fundamentar, possível de ser compreendida por camponeses.

¹² Ação Popular. Documento Base, s.l., 1963, mimeo. (grifos meus no original)

... eu me lembro que eu escrevi com a Alda aquela tese da Realidade Brasileira. Nossa! nós varávamos noites chegava 5 horas, não se conseguia escrever duas frases... Quando a gente terminou de escrever aquela tese, se você visse o rascunho, era de morrer de rir, de tão reescrito que era. Saiu uma coisinha pequena. Saiu bom, na verdade, bem claro. Mas a dificuldade era muito grande. (Maria Alice)

As "teses" procuravam pedagógica e didaticamente colocar, a partir do processo de desenvolvimento social, político, econômico e cultural pelo qual passava o mundo e o Brasil em particular, a visão de homem, mundo, cultura e transformação social do MEB fundamentadas principalmente nas propostas e visões da JUC e da AP.

O homem está colocado na natureza, isto é, no mundo. Pelo seu corpo, ele faz parte do mundo, pois seu corpo é matéria, como o mundo. Porém, o homem não é só corpo, só matéria. Ele tem em si alguma coisa completamente diferente da matéria, o que faz com que ele seja superior, que ultrapasse a tudo que é do mundo: a "consciência"... E então o povo vai percebendo que alguma coisa está errada. É a consciência popular que cresce.

E, à medida que se vai formando uma consciência popular, o povo vai entendendo também que é preciso mudar a situação e que ele pode fazer isso. Portanto, o desenvolvimento dessa consciência popular só pode levar a uma transformação, a uma mudança da situação do país.¹³

¹³ MEB/Goiás. I Congresso de Monitores, Tema I - Realidade Brasileira, Goiânia, dezembro de 1963, dat.

*Se o homem, como ser consciente, é pessoa, ele compreende a natureza e a transforma. Supera seus determinismos, é livre. Como tal, eleva-se ao universal, ao livre encontro com o outro. Socializa-se. É da pessoa, pois, que irradiam as três direções mestras da História: a libertação, a universalização, a socialização.*¹⁴

Através de exemplos tirados do dia-a-dia dos operários e camponeses, mostrava-se as contradições existentes dentro do sistema capitalista, bem como do desenvolvimento do Brasil. Porém, o MEB, como movimento de cristãos, vinculado diretamente à hierarquia católica, vai justificando a sua divergência fundamental, quanto ao processo revolucionário de transformação das estruturas: ... o homem, além da parte material, possui uma outra espiritual que o torna superior a tudo no mundo e tem uma porção de exigências.¹⁵ O MEB assumindo sua concordância com as teses fundamentais da AP continua afirmando: Alguns grupos entendem o homem assim. Esses grupos, então, trabalhando com o povo para uma mudança na situação do Brasil, procuraram fazer com que essa mudança seja justa e completa atendendo ao "homem todo", matéria e consciência.¹⁶

Mas, é dos partidos e das correntes marxistas que ele vai divergir neste momento: ... não basta apenas isso, não pode parar aí. O homem é também consciência, também parte espiritual.¹⁷

¹⁴ Ação Popular. Op. cit.

¹⁵ MEB/Goiás - Tema I - Realidade Brasileira, I Congresso de Monitores, Goiânia - dez. 1963, dat.

¹⁶ Id. ibid.

¹⁷ Id. ibid.

Entendendo que estes partidos e estas correntes, em suas práticas político/revolucionárias não consideravam esses valores fundamentais em sua concepção de homem, devido às suas tradicionais formas de manipulação das camadas populares e sua utilização em jogadas políticas, defende: *Portanto, é preciso levar em conta as exigências da consciência do homem: respeito à sua pessoa, à dignidade, ao valor que cada um tem; liberdade de escolher, de resolver pensando não só nele, mas em todos; direito e possibilidade de cada um participar das decisões, da vida política do país.*¹⁸

Ao divergir dos partidos e das correntes marxistas, o MEB não só deixa claro a sua visão cristã do homem e do mundo, daí derivando a sua posição diante do processo de transformação das estruturas, mas, de maneira clara e didática, e com competência político-pedagógica, também faz questão de explicitar para os camponeses as concepções que têm estes outros grupos. ... *Existem, porém, outros grupos que têm uma outra visão do homem, que entendem o homem de outra maneira.*

*Para eles o homem não tem nada de diferente da matéria, consciência não tem uma medida espiritual, e por isso, a natureza do homem é igual à natureza das coisas do mundo. O homem é resultado do aperfeiçoamento da matéria, e não foi criado por Deus, não tem uma alma.*¹⁹

¹⁸ MEB/Goiás. Id. *ibid.*

¹⁹ MEB/Goiás. Id. *ibid.*

O Congresso realiza-se assim num clima de disputa pela hegemonia na condução das lutas que se efetivam dentro do quadro de mobilização social do País e especificamente do Estado de Goiás. Portanto, era necessário nessa disputa deixar claras as posições, as afirmações de pontos de vista, uma tomada de posição consciente que possibilite ao nosso pessoal enfrentar sem recuar, no próximo ano, uma luta que se anuncia difícil.²⁰

Dele participaram monitores e alunos das escolas radiofônicas, líderes sindicais, representantes do MEB/Nacional e MEB/Minas Gerais, assim como representantes da União Estadual dos Estudantes, Diretórios Estudantis, Secundaristas e Universitários, Centro Popular de Cultura, Instituto de Cultura Popular, etc., num total de aproximadamente 170 pessoas.

No entanto, a participação de pessoas representantes de entidades e instituições, sem dúvida em sua grande maioria eram estas militantes ou simpatizantes da AP. Fato este facilmente explicável devido a hegemonia desta organização nos movimentos estudantis e de cultura popular na época. Quanto à liderança sindical, a participação foi heterogênea, dele participando líderes não só dos sindicatos controlados pela AP e pela Igreja, mas também de outras correntes e facções da esquerda.

²⁰ MEB/Goiás. *Uma experiência de educação de base: relatório-documento*. Goiânia, 1967. 25p.

A estrutura organizacional do congresso foi praticamente a mesma do I Encontro de Trabalhadores e Estudantes, constou de apresentação de "teses" para debates, utilizando-se de técnicas de trabalhos em pequenos grupos e assembléias para discussão das conclusões.

Os temas escolhidos para estas teses foram fundamentalmente os mesmos — A Realidade Brasileira, As Reformas de Base, A Cultura, O Processo de Conscientização — escolhidos para o anterior.

Não se trata apenas de uma coincidência de temas e/ou mesmo de conteúdos, mas, além de nas comissões organizadoras dos dois congressos estarem presentes as mesmas pessoas, tinham eles como meta o engajamento dos trabalhadores nas lutas pelas transformações estruturais do País, e nisto jogava papel importante a aliança operário-estudantil-camponesa. Esta aliança era então, a proposta concreta de articulação entre os setores médios e populares da sociedade brasileira, amplamente divulgada em nível nacional, visando o processo revolucionário. Ora, o MEB era não só o emergente setor camponês da AP, como também parte integrante do seu projeto pedagógico e, se ela não possuía ainda suas bases do operariado urbano, detinha, como já dissemos, a hegemonia do movimento estudantil, com força suficiente para colocar em discussão sua proposta política.

Na avaliação do Congresso feita por elementos pela Equipe de Goiás e por elementos das Equipes Nacional e de Minas Gerais

concluiu-se que o resultado mais positivo desse Congresso foi o funcionamento da estrutura do MEB no "papel exclusivo de as sessoria."

Entretanto, ao meu ver, embora concorde com esse pa pel exercido pelas equipes, não foi este o principal resultado, devendo-se ele muito mais às preocupações excessivas com os as pectos não-diretivist^{as} da época. O Congresso teve como principal função pedagógica explicitar as posições do Movimento diante do processo de mobilização social e deixar claras suas propostas pedagógicas na condução política deste processo. E com isso, evidentemente, ganhar aliados para as propostas e posições, suas ou aquelas por ele assumidas na conquista da hegemonia e do controle dentro do movimento camponês.

Se isto não ocorreu de forma homogênea dentro do movimento camponês como um todo, os monitores vão encarregar-se de difundir e divulgar em suas bases de trabalho estas posições.

... realizamos uma reunião no nosso último programa onde lemos algumas teses e fizemos explicações diversas, e contamos ao povo as maravilhas que vimos aí no nosso Congresso, o pessoal parece que impulsionou para o MEB.²¹

²¹ Moreira, José. Correspondência à Equipe Central, em 30.12.63.

Conclusão

A realização deste congresso e o fato do pessoal ter im
pulçado para o MEB, no dizer de José Moreira, ao meu ver foram
frutos dos trabalhos realizados durante o ano de 1963, dentro
e como conseqüência de que denominei no capítulo anterior de
nova perspectiva. Entretanto, se a colheita destes frutos foi
bastante generosa e gratificante, como aprofundamento das pro
postas e perspectivas para o trabalho do MEB e para o processo
de mobilização social como um todo, a conjuntura política do
País posterior a este período veio interferir na condução des
te mesmo processo de maneira bastante decisiva. A luta que se
anunciava difícil, não foi bem a prevista pelos dirigentes do
MEB/GO. Os recuos foram necessários para que se se pudesse en
frentar a conjuntura pós-golpe de abril de 1964, recriando den
tro desta mesma conjuntura a possibilidade de continuidade do
movimento e do processo.

CAPÍTULO V

A CRISE DE 1964 E O NOVO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Plantar carvalhos? Como, se já se de
cidiu que somente eucaliptos sobreviver
rão? Plantar tãmaras, para colher frutu
tos daqui a cem anos? Como, se já se
decidiu que todos teremos de plantar
abōboras, a serem colhidas daqui a
seis meses?

(Rubem Alves)

Para

Alda, Nei e Darcin

5.1 A Avaliação do ano de 1963

Os trabalhos realizados durante o ano de 1963 foram objeto de estudo e avaliação, durante a revisão feita em conjunto pela Equipe Central e Monitores, dentro do treinamento no início do ano de 1964.

Esta avaliação relevou aspectos do trabalho que deveriam ser motivo de aprofundamento durante o período seguinte, juntamente com a continuidade das atividades em andamento. Os aspectos, pontos críticos, levantados nesta época, referiam-se a um decréscimo nas escolas radiofônicas quanto ao número de escolas, número de alunos, à frequência e ao aproveitamento, apesar dos recursos técnicos e do conteúdo usados na radicação de escolas, nos treinamentos, nas aulas e nas supervisões.

No início de março de 1964, sob a coordenação de Raul Landim, autor do texto *Educação de Base e Processo de Conscientização*, foram realizados dias de estudo, dos quais participou toda a Equipe Central do MEB/Goiás, juntamente com outros componentes da Equipe Nacional. O tema básico destes estudos foi o mesmo do texto acima. Das discussões, das críticas realizadas sobre o trabalho e o aprofundamento das questões em torno da Educação de Base e da Conscientização, a Equipe Central de Goiânia, imediatamente aproveitando também as conclusões do I Congresso de Monitores e do Treinamento de Monitores realizados em fevereiro de 1964, elaborou um novo planejamento, que reafirmava:

- a) a validade das EE.RR. como "único meio de atingir a maioria dos lugares da zona rural" e o "único instrumento concreto de motivação para o trabalho do MEB";
- b) a necessidade de especialização da Equipe Central em metodologia, técnicas radiofônicas, supervisão, etc. de forma a responder melhor a diferentes níveis do trabalho;
- c) a exigência de um conhecimento mais profundo do processo de educação e de técnicas de alfabetização, em especial.

Enquanto a experiência das escolas radiofônicas era analisada, criticada e novos dados entravam no seu encaminhamento, a experiência de desenvolvimento de comunidade foi ocorrendo de modo ainda disperso e sem muita firmeza do objetivo, atingindo aos poucos, mais solidez e criticidade à medida em que foi sendo assumido em plano de trabalho, também de assessoria, especialmente através do *Programa de Sábado*.

Por outro lado a participação de monitores na elaboração dos treinamentos, programas radiofônicos e na programação geral trouxe para a Equipe Central contribuições fundamentais para um melhor entendimento das questões do seu trabalho assim como para o seu planejamento. Assim foi colocado em execução o plano elaborado em conjunto, tendo em vista as críticas anteriores, buscando ao mesmo tempo novos instrumentos de comunicação e ação, um aprofundamento das questões em torno das escolas radiofônicas e também do processo de alfabetização e escolarização.

Entretanto, se as perspectivas eram bastante promissoras para o ano de 1964, o golpe militar e os acontecimentos posteriores a ela, vieram interferir profundamente na execução da programação. Ficando a Equipe impossibilitada de manter contato com as comunidades, procurou ela superar este problema, colocando para o pessoal pontos de reflexão sobre os fatos e acontecimentos que se desencadearam no País, através do Programa "A Comunidade se Reúne".¹

O acirramento do processo de repressão, as prisões e IPMs, o fechamento de todas as outras instituições que até então vinham realizando trabalhos de mobilização popular e de cultura popular (Instituto de Cultura Popular, Centro Popular de Cultura), as intervenções imediatas na quase totalidade dos órgãos estudantis, esvaziando-os dos conteúdos político-ideológicos, por eles assumidos, levou a uma desarticulação das atividades realizadas, com conseqüências diretas nos trabalhos do MEB, uma vez que, embora cada uma destas instituições possuísse autonomia para desenvolver seus programas, havia entre elas profundas vinculações, políticas, ideológicas e metodológicas bem como a realizações de trabalhos conjuntos.

Estas vinculações davam-se principalmente através dos militantes da Ação Católica, em especial da Juventude Universitária Católica e da Ação Popular, que tinham o exercício de suas

¹ MEB/Goiás. *Uma experiência de educação de base: relatório-documento*. Goiânia, 1967. 25 p.

militâncias nesses órgãos, sendo que na maioria dos casos eram as mesmas pessoas que atuavam no movimento estudantil, no CEP, ICP, nos trabalhos da área camponesa no MEB.

Entretanto, para se compreender todo este processo, necessário se faz retornar à conjuntura política particular do Estado de Goiás, neste período, já abordada em parte no capítulo anterior.

5.2 *O Governo Mauro Borges*

Não é intenção, nem é objetivo deste trabalho fazer um estudo aprofundado do Governo Mauro Borges. Interessa apenas, nos limites pretendidos, delinear os traços básicos fundamentais da conjuntura política do período, na qual estão inseridos os trabalhos realizados pelo MEB/Goiás.

As eleições de 1960 representaram um marco no processo político que vinha desenvolvendo-se no Estado de Goiás. A condução, através do processo eleitoral, do Coronel Mauro Borges Teixeira ao Governo do Estado vai representar o coroamento da dinâmica que vinha tornando-se cada vez mais efetiva, neste Estado, a partir de 1930, com a ruptura da dominação política restrita à família Caiado e seus aliados, durante a República Velha, principalmente no período que antecede à Revolução de 30.

Na conjuntura de 1961-1964, em Goiás, constata-se um forte aprimoramento do aparelho do Estado e a tentativa do Govern

dor em concentrar o poder em torno de sua pessoa, articulando acordos políticos entre frações e grupos sociais representantes da sociedade civil. Estas articulações visavam, em última instância, um acordo em torno do seu plano de governo, no sentido de mobilizar os grupos e classes sociais, que se encontravam à margem do processo político: operários rurais, trabalhadores rurais e estudantes.²

Por outro lado a penetração e expansão capitalista em Goiás se insere dentro da consolidação do capitalismo perifêrico no Brasil.³ Nesta consolidação o Estado desempenha papel fundamental, seja como organizador, seja como empreendedor do proceso de produção. Em Goiás, a dinâmica do capitalismo perifêrico brasileiro para sua expansão vai ocorrer através dos avanços das fronteiras agrícolas, onde predomina o padrão de acumulação primitiva. A especificidade particular de um tal modelo consistiria em reproduzir e criar uma larga 'periferia' onde predominam padrões não-capitalísticos de relações de produção, como forma e meio de sustentação e alimentação do crescimento dos setores estratégicos nitidamente capitalistas, que são a longo prazo a garantia das estruturas de dominação e reprodução do sistema.⁴ Segundo Francisco Rabelo⁵ é neste processo de

² Rabelo, F.C.E. *Governo Mauro Borges: Tradicionalismo, Planejamento e Mobilização Social em Goiás*. UFMG, Tese de Mestrado, Belo Horizonte, 1975. 175 p.

³ Id. *ibid.*

⁴ Oliveira, Francisco. *A Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista*. *Estudos CEBRAP*, São Paulo 1:7-78, 1975.

⁵ Rabelo, F.C.F. *Op. cit.*

intervenção estatal que se pode inserir o Plano de Desenvolvimento Sôcio-econômico do Estado de Goiás do Governo Mauro Borges Teixeira. Entretanto, na medida em que o processo de expansão do capitalismo ocorresse no Estado de Goiás, seja pela sua própria dinâmica, seja pela do processo político, iria ser questionada a estrutura do poder rural vigente. Mas, o processo de expansão do capitalismo periférico no Brasil, exigiu que o Estado aumentasse sua capacidade de intervenção e que também se redefinissem as relações entre grupos e classes sociais. E, nesse sentido, grupos e classes sociais que sempre estiveram fora destas relações, agora direta ou indiretamente passam a participar das alianças que são feitas e compõem o bloco do poder. Assim o Governo Mauro Borges, pelas características levantadas anteriormente, aproximou-se da política populista desenvolvida no Brasil, tendo como referência os centros urbanizados após os anos 30.

Porém, segundo Francisco Weffort,⁶ o populismo brasileiro se insere no clima de crise orgânica que atinge a sociedade brasileira a partir dos meados da década de vinte e do processo de desenvolvimento urbano-industrial que ocorre principalmente após os anos 30. No entanto, estes elementos estruturais que fundamentam o populismo brasileiro não estavam presentes em Goiás; por conseguinte qualquer tentativa de explicação do Go

⁶ Weffort, Francisco. *O Populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro, 1978, Paz e Terra, 181 p.

verno Mauro Borges deve considerar que, dada a *dinâmica interna da estrutura sócio-econômica de Goiás*, a *implantação de uma política de desenvolvimento pelo Estado* provoca uma *diferenciação de tempos entre o que se projeta ao nível do político e o que ocorre naquela esfera*.⁷

Assim o processo político desencadeado, então, pode ser analisado da perspectiva de redefinição das forças sociais participantes no poder, para respaldar a ação do Estado e tendo em vista um reajustamento no campo dos interesses.⁸ Francisco Rabelo levanta e discute em seu trabalho a hipótese de que o processo político ocorrido no Governo Mauro Borges foi fruto de uma conjuntura política nacional favorável, na qual se delineava a crescente intervenção do Estado na economia, a prática de alianças políticas e de mobilizações de setores populares através de uma ideologia nacional desenvolvimentista convenientemente manipulada por líderes políticos de tipo populista. Mas, devido a radicalização do processo político (intervenção estatal, mobilização e organização das classes populares, apelo ideológico, etc.) aumentou a pressão política das forças oposicionista (inclusive de fração da força política dominante, os pesedistas tradicionais) sobre o Governo Mauro Borges, que redefiniu a sua orientação aderindo à doutrina social da Igreja,

⁷ Rabelo, F.C.F. Op. cit.

⁸ Portantiero, J.C. *Classes Dominantes e Crise Política na Argentina atual* Estudos Cebrap. São Paulo, 6: 79-123, out./dez. 1973.

influenciando também por grupos de militância cristã dentro do Governo.

Entretanto, nem esta redefinição de orientação nem as articulações do Governador Mauro Borges durante o golpe de 31 de março de 1964, sendo mesmo um dos primeiros governadores a declarar o seu apoio aos novos detentores do poder, foram suficientes para que ele pudesse dar continuidade ao seu Governo. A participação ativa do Governador Mauro Borges na indicação do Marechal Humberto Castelo Branco para a presidência da República e sua adesão ao golpe militar, tão logo este havia ganhado forças com a adesão de Ademar de Barros e do Comandante do II Exército, foram pouco significativas diante das intrigas tramadas pela oposição de Goiás ao seu governo.⁹ Dentro do jogo político do Estado, a composição de forças políticas que se colocou contra o Governo Mauro Borges foi praticamente a mesma do período anterior ao golpe de 31 de março, acrescida dos aliados militares. Os serviços prestados não garantiram, como pensava o Governador, a continuidade de sua administração e a execução de seu plano do Governo.

Após o golpe são fechadas as alternativas, rompidas as alianças anteriores a este período e é instaurado no Estado de Goiás o processo que vai se encarregar, através de intervenções

⁹ Stepan, Alfred. *Os militares no Poder*. Rio de Janeiro, Atenense, 1975. pág. 160.

nos diversos organismos do Estado e da sociedade civil, de prisões e da repressão às forças sociais que até então atuaram junto aos setores populares. A administração Mauro Borges assiste então a um gradativo espurgo político que vai atingir decisivamente a execução do plano que fora o elemento básico de sua estratégia política.

Após IMPs, conspirações e acusações não comprovadas de conivência com comunistas, contrabando de minerais radioativos para os países comunistas, há reticências dos meios militares quanto ao afastamento do Governador, no período imediatamente posterior ao golpe. Entretanto a oposição não desiste e vai lutar para depô-lo. E na articulação do golpe em Goiás vão participar, não são as forças oposicionistas como também o velho PSD, inclusive Pedro Ludovico Teixeira, que também foi ouvido e participou indiretamente das negociações que culminaram com a fórmula do afastamento definitivo de Mauro Borges. Certamente, tudo isto significava a redução do poder de Pedro Ludovico Teixeira, que posteriormente teve o seu mandato de Senador Cassado, mas de qualquer forma, para o movimento implantar-se em Goiás, teve que contar com o apoio da força socialmente dominante e esta, na tentativa de readquirir sua hegemonia, a ele aliou-se.¹⁰

¹⁰ Rabelo, F.C.F. Op. cit.

Se o desfecho que marca o fim do Governo Mauro Borges, não tem o poder de encerrar definitivamente, como desejariam seus opositores, todos os trabalhos até então desenvolvidos, é sem dúvida melancólico. Considerando que o período de seu governo foi, fundamentalmente, marcado por intensa mobilização social e participação política ativa dos vários grupos da sociedade civil e ainda mais se relembrarmos que Pedro Ludovico Teixeira, pai de Mauro Borges, líder máximo do PSD, foi o revolucionário de 30 em Goiás, tendo sido a maior expressão de liderança política do Estado de Goiás desde então. Deixamos aqui ao próprio Mauro Borges a palavra para descrever este processo:

Depois de várias demarches com dois deputados federais do PSD de Goiás, acertou-se a fórmula-solução: a Assembleia Legislativa julgaria como bem entendesse os IMPs relativos a Mauro Borges, aprovar-se-ia uma lei reduzindo os prazos para esse julgamento, criar-se-ia a figura jurídica do "estado de necessidade" para propiciar a declaração de vacância do cargo de governador e se elegeria um deputado federal do PSD goiano para o meu lugar. Surgiu um impasse: o PSD contava com 23 e possivelmente 24 deputados para a eleição do novo governador. Mas eram necessários dois terços, neste caso 26. A UDN e seus satélites na Assembleia Legislativa resolveram usar dessa circunstância para recusar a eleição de um pessedista. O nome suscitado e mesmo escolhido era o do Sr. Benedito Vaz, muito justamente considerado "autêntico revolucionário". Durante vários dias desenvolveu-se a intensa luta política em torno desse impasse. Finalmente os deputados federais pessedistas que se tornaram porta-vozes do seu partido nesses entendimentos, aceitando a sugestão do presidente Castelo Branco, propuseram à bancada

estadual a aceitação do nome do Marechal Emílio Rodrigues Ribas Júnior.¹¹

Mas, se é melancólico o desfecho, o encaminhamento posterior é irônico e trágico. Damos a palavra ao deputado goiano, para encerrar este desfecho e anunciar o período que se iniciou após a queda de Mauro Borges em novembro de 1964 e a intervenção do Coronel Meira Mattos.

*Hoje passamos a uma nova fase no Estado de Goiás. Recebemos um novo governador. Qual é esse governador? Sr. Presidente e Srs. Deputados quem é esse Governador que ninguém conhece? Nenhum de nós sabe quem é o Marechal que vai governar Goiás. Não somos contra a eleição do Marechal, mas somos contra que façamos aqui dentro a eleição de um homem que nunca vimos, que não sabemos de quem se trata.*¹²

5.3 O exercício de criação dentro da repressão

O período que se segue à deposição do Governo Mauro Borges e a Intervenção no Federal no Estado de Goiás é caracterização por uma profunda retração nas mobilizações sociais até então desenvolvidas. O processo de repressão e as prisões das lideranças desencadeadas no País, que atingiu profundamente estes trabalhos em todo o território nacional, não isentou evi

¹¹ Teixeira, Mauro Borges. *O Golpe em Goiás - História de uma Grande Traição*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

¹² Sebba, José. Discurso. *Diário da Assembléia*, 1542: 4 set., 1965, citado por Rabelo, op. cit.

dentemente o Estado de Goiás e dentro dele as áreas de atuação do MEB.

Mas, mesmo antes da deposição do Governador e da intervenção federal, a Equipe Central do MEB/Goiás, logo após o golpe de abril, retomou os seus trabalhos, redirecionando-os a partir da nova conjuntura política do País.

Com o acirramento das dificuldades houve quase que uma estagnação do trabalho. As barreiras se apresentavam mais ou menos intensas, tomando um caráter mais forte, para Goiás, no 2º semestre (deposição de Mauro, intervenção). A própria documentação ficou prejudicada, já que o clima de apreensão apontou a necessidade de consumir grande parte do material. O trabalho só foi realmente retomado a partir de novas reflexões, que levaram a Equipe a concluir pela necessidade de:

- continuar fiel à Mensagem do MEB;
- dosar o trabalho de acordo com o momento, não somente como medida tática, mas porque a Equipe se descobria distante do "real", empenhando-se na solução de necessidades reais, mas não sentidas pelas comunidades.¹³

Por outro lado, se é verdade que aconteceu uma retração e um descêncio nas mobilizações sociais neste período, devido as dificuldades já apontadas, logo no 1º semestre de 1965, setores da esquerda dão mostra de sua articulação e entre estes

¹³ MEB/Goiás. Op. cit.

incluem-se a JUC, a AP e os militantes profissionais do MEB. Esta articulação evidentemente vai se processar dentro da conjuntura instaurada no País, com as dificuldades a ela inerentes, tendo vários de seus líderes, na prisão, vivendo clandestinamente no País ou exilados. O golpe e a nova ordem que se instaurou com ele não conseguiu desarticular totalmente todas as forças a ele contrárias, nos primeiros anos.

As articulações que se dão no período, fundamentalmente, vão ser mais expressivas nos setores médios da sociedade. Exemplo disto são a retomada dos órgãos estudantis pelos setores da esquerda, ou por setores a ela aliados, promovendo manifestações de protestos contra a ditadura, a repressão, as prisões, a política educacional etc., em todo o País.

O MEB tendo seus trabalhos fundamentalmente na área camponesa, tornou-se o instrumento principal para a atuação nesta área pelos setores que nele atuaram. E em Goiás o processo não é diferente. Nesse sentido, o MEB ao redirecionar as suas atividades, vai encaminhá-las para o aprofundamento dos trabalhos em comunidades e para a formação de lideranças camponesas. Isto não era novo, mas durante o 1º Encontro de Animação Popular do MEB/Goiás, realizado em julho de 1964 aprofunda os objetivos desta formação compreendendo ser no momento de fundamental importância para a animação das comunidades.

Neste período, o MEB enfrenta dificuldades políticas, com seqüência não só do seu trabalho, mas também das tensões gera

das no seio das relações entre a Igreja e o Estado, após o golpe de 1964. A Igreja que havia não só apoiado o golpe, mas contribuído para a sua efetivação, através das mobilizações contra o Governo João Goulart, já não tinha livre trânsito dentro do Poder. Se as alianças não foram totalmente rompidas, estão estremecidas e não só os militantes de esquerda da Igreja são considerados pelo poder vigente de comunistas, mas também setores da hierarquia e até bispos o são. Este estremecimento vai afetar diretamente aqueles trabalhos considerados contrários à nova ordem, através de prisões, perseguições e através do corte e retenção de verbas e financiamentos concedidos pelo Poder Público.

Os cortes e retenção de verbas vão interferir diretamente nos trabalhos realizados em Goiás. Encontrando-se o MEB em situação financeira difícil, sua equipe é reduzida, falta material e condições de contatos mais constante com as comunidades, supervisão, reuniões, encontros etc., os quais sempre representaram a fonte viva e crítica para a sua elaboração e ação. Assim é que a Equipe Central *vê empobrecida a tarefa de assessoria.*¹⁴

Porém se a tarefa de assessoria da Equipe Central é de fundamental importância, ela não é o único instrumento para o encaminhamento das atividades. E o MEB como educador vê a rea

¹⁴ MEB/Goiás. Idem.

lização concreta de seus ideais. A correspondência dos monitores e líderes à Equipe Central não nos deixa dúvida para a afirmação de que os mesmos se encontravam, não só ideologicamente comprometidos com o MEB, mas também preparados tecnicamente para o trabalho político-pedagógico ao qual o MEB se propôs.

*... Estamos com uma turma de 14 homens combinado para todo sábado ajudar os outros já estamos com 4 sábado que é uma grandesa todos pega com coragem de sedo a noite e todos contentes.*¹⁵

Do ponto de vista das possibilidades de mobilização e articulação *intra* e *entre* grupos e classes sociais no que se refere aos setores sociais considerados historicamente como apáticos e incapazes de se organizarem, o MEB veio mostrar a falsidade ideológica destas posições desvendando, através do seu trabalho, as possibilidades destas articulações e organizações. Nesse sentido não podemos deixar de transcrever, pelo seu conteúdo e beleza de linguagem, um discurso cheio de esperança e fé na solidariedade humana e na capacidade dos homens se reunirem em torno do bem comum. Este discurso foi escrito e lido pelo monitor José Moreira na inauguração da Capela da comunidade de Lageado, onde compareceram várias pessoas da comunidade de Serrinha. É importante salientar que o comparecimento de pessoas desta comunidade tinha o objetivo de estreitar o intercâmbio

¹⁵ Porto, Arnaldo. Correspondência à Equipe Central em 11.12.65.

bio de experiências e trabalhos entre os grupos e as comunida
des locais.

... Eu na qualidade de líder do MEB. Não podia de nenhuma forma deixar de prestar minhas homenagens ao heroico povo de Lagiado, embora eu não conheço o lugar, nem o povo nele existente, mas conheço muito bem seus problemas através de seus representantes e líderes D. Maria Joana, o Senhor Geraldo, Vicente e Erico, os quais já tivemos diversas vezes agradáveis troca de ideias essas que nos deu oportunidade de conhecer os problemas uns dos outros, mas não basta saber uns, o que os outros estão sofrendo, o necessário é compartilhar do sofrimento um do outro, e por saber disto é que D. Maria Joana e seus companheiros põe essa comunidade em marcha em busca de dias melhores. Ai está um grande exemplo que prova aquele velho dito, "A união faz a força".

Hoje fãz tres meses e nove dias que inauguramos na F. Serrinha uma obra como esta, D. Maria que estava presente disse ao senhor Geraldo, eles estão terminando e nós quando iremos terminar? estava ainda em alicerces disse D. Maria, mas ela que tem fê em Deus, e confiança em seus companheiros não desanimou, e por isso, Lagiado e suas comunidades vizinha inaugura hoje essa Maravilhosa capela para o bem de tanta gente. Acredite vocês que estou imocionado com o eroisdestas comunidades, permita Deus que esse eroismo não desfalêssa mas aumente cada vêz mais. E como é meu costume aproveitar estas ocasiões para falar alguma coisa de nosso famoso M.E.B.; vou fazer uma comparação para mostrara de que maneira eu cumprindo o mesmo, comparo a equipe central com o semeador, os líderes é a terra a ser plantada, a equipe sai a procurar onde plantar a semente encontram terras que elas mesmas prepararam, planta uma sementesinha a semente nasce e cresce com a assistência do semeador, dão frutos mais abundantes, vão madorecendo e caem novamente na terra, muitas

vezes não precisa mais ser plantadas, basta o sementeiro ze
 lar para que não fique abandonadas, e vamos chegar a um tem
 po em que toda terra tem sua semente nativa, é assim meu mo
 do de interpretar o movimento de educação de base, e poris
 so dou meus parabéns ao Lagiado com suas terras fertilisan
 tes e que seus frutos madureçam e multiplique, e parabéns
 também aos semeadores que teve o prazer de ver os frutos de
 seus trabalhos.¹⁶

Entretanto, é nesse período de repressão política, de cri
 se, mas também de esperança em realizar trabalhos conjuntos en
 tre professores, pedagogos, monitores etc., que o MEB/Goiás
 aprofundou as questões relativas à alfabetização. Aceitando e
 enfrentando assim o desafio de produzir um material didático,
 que viesse ao mesmo tempo responder aos justos anseios dos ci
 dadãos pela aquisição e apropriação da leitura e da escrita,
 mas também contribuir para todo o processo político-educativo
 no qual se encontrava envolvido.

5.4 Desafio da alfabetização

O primeiro treinamento que nós fizemos, com as fichas de
 cultura, com Paulo Freire, com debate, aconteceu uma coisa até.
 Nós tínhamos nos preparado bem, tínhamos feito as fichas e acon
 teceu um negócio..., a luz estava apagada, estava no escuro e,

¹⁶ Moreira, José. *Discurso*, Fazenda Lageado em 11.12.65 - manuscrito.
 Transcrito de MEB/GO. Op. cit.

a Alda e eu estávamos fazendo o debate. Não sei se vocês estavam na sala ou se nós estávamos sozinhas. O pessoal ali fazendo aquela primeira etapa de treinamento, a projeção de slides, as fichas de cultura e o debate. Então o pessoal se entusiasmou muito com a discussão sobre aquela descoberta de fazer cultura. Um deles comparou com a lâmpada e tirou a conclusão, bom: "a lâmpada é cultura e tal e, a minha cultura ainda tá na lamparina, a minha lâ do meu rancho". No meio da discussão um deles perguntou: "eu queria saber se essa cultura que nós tamo falando aí é a mesma cultura que nós fazemos, quando a gente planta a terra nós tamo fazendo cultura?". É uma expressão comum deles. "Então qual veio primeiro, essa que nós tamos discutindo ou aquela lâ?" Antes que a Ada e eu pudessemos responder que a deles era a primeira, Dona Antonia levantou-se e falou assim: "Ih, pera aí, mas cê tá misturando tudo. Aquilo que nós faz lâ é cultura, isso que nós tamo falando aqui é cultura". (Betinha)

A situação narrada por Betinha em entrevista ao autor, aconteceu em 1964. Entretanto desde o início dos trabalhos no MEB já existiam as preocupações com as questões concretas da alfabetização. Para o MEB alfabetizar nunca significou apenas a transmissão de códigos ou, muito menos, ainda a aprendizagem das primeiras letras, para ensinar o nome. Ao pensar a alfabetização como um processo cultural e crítico, dentro do qual se inclui a apreensão dos códigos de leitura e de escrita, fez também com que se defrontassem os seus profissionais diretamente

com os recursos didáticos para a alfabetização até então existentes no País, confrontando as práticas escolares, formais, e informais, com os amplos trabalhos realizados pelo movimento junto às camadas populares.

Evidentemente estes confrontos e as dificuldades a eles inerentes não eram particulares dos trabalhos do MEB; eram integrantes de toda a mobilização e de toda a discussão que se fazia na época em torno da questão da alfabetização. Os movimentos de educação e de cultura popular de início dos anos 60 tiveram no seu bojo a discussão ampla da alfabetização, colocando dentro desta discussão, a questão dos recursos didático-pedagógicos, aí incluindo especificamente a questão da cartilha.

As razões do questionamento e das críticas sobre material didático, em específico sobre as cartilhas, são encontradas inicialmente quanto aos conteúdos das diversas, então em uso no País, as quais também foram utilizadas pelo MEB, como a *rádio cartilha*, editada pela SIRENA. Foram também "utilizados os folhetos Ler e Saber, respectivamente primeiro e segundo guias de leitura, e o Caderno de Aritmética, pouco mais que uma tabuada, preparados pelo Serviço Nacional de Educação de Adultos, ainda nos anos 50".¹⁷

¹⁷ Fávoro, Osmar. *Uma Pedagogia de Participação Popular - Análise da Prática Pedagógica do MEB - Movimento de Educação de Base, 1961-1966*. Tese de doutorado, PUC-SP, São Paulo, 1984.

No sentido de buscar soluções para o analfabetismo e pistas para elaboração de cartilhas, os *movimentos* de educação e cultura popular do início dos anos 60, partiram não só para elaboração próprias, como também inspiram-se em exemplos de outros países, através de manuais do UNESCO e textos diversos. E entretanto, "*o ovo de Colombo*, acredito, foi a cartilha de alfabetização de Cuba — *Venceremos*, elaborada em 1961, ano da educação desse país, e trazida ao Brasil pelo grupo de estudantes que, em caravana da UNE, foram conhecer o início da experiência da construção de uma sociedade socialista na América Latina. Entre nós, procurava-se um método e instrumentos para alfabetizar e, simultaneamente, conscientizar. Pretendia-se ensinar não apenas a ler palavras, mas a ler o mundo através das palavras, como diz Paulo Freire. Então, se A, E, I, O, U, nada podia significar para um adulto que se alfabetizava, OEA, que aparecia na primeira lição da Cartilha de Cuba, significava muito naquele momento, não só para os jovens e adultos desse País, mas para os jovens e adultos de todas as Américas".¹⁸

A visita a Cuba pelos estudantes, e as diversas experiências de educação e cultura popular em desenvolvimento no País, possibilitaram a aqueles que, envolvidos pelos trabalhos de alfabetização e preocupados com as cartilhas brasileiras, pudessem dar início a um processo de criação e elaboração. Este processo, ao mesmo tempo que inovava metodologicamente, rompia também com os conteúdos utilizados para a alfabetização.

¹⁸ Fávero, Osmar. Op. cit.

O ano de 1962 é particularmente importante para este trabalho. O CPC de Belo Horizonte, sobre a coordenação de Maril da Trancoso, elaborou e editou *Uma família operária, manual de alfabetização de adultos e adolescentes*. Em Recife Josina Gody e Norma Coelho, elaboram o *Livro de Leitura para Adultos* do MCP. Em Goiânia, Alda Maria Borges e Maria José Jayme, produzem o *Livro de Leitura para Adultos* do CPC de Goiás.

O fundamental encontrado nestas produções é que, por um lado, elas inovaram quanto ao método — pois, partiam para alfabetizar diretamente da palavra, como unidade básica da língua que possui significado —, ao mesmo tempo romperam com as formas tradicionais de infantilização dos adultos e adolescentes analfabetos. Por outro lado, traziam para a alfabetização, pela primeira vez em nossa história, uma mensagem política-ideológica explícita, associada ao conjunto de palavras escolhidas para o diálogo com os analfabetos, através do qual estes deveriam aprender a ler e a escrever. Em todos os textos didáticos vamos encontrar palavras como *voto*, *povo*, *casa* e outras, que trazem em seu próprio conteúdo discussões básicas e fundamentais da sociedade brasileira.

É contra este salto qualitativo, que vão se insurgir os setores conservadores do País, criticando os textos duramente e denunciando-os como subversivos em todas as regiões do País. Em defesa do *Livro de Leitura para Adultos* do MCP, levantou-se Anísio Teixeira, entre outros, considerando-o a melhor cartilha

para adulto já editada no Brasil: "O livro efetivamente ensina a ler como se iniciasse o analfabeto nordestino na sua própria vida". Entretanto, nem a defesa do mais importante educador do País, impediu que alguns autores de cartilhas deste período fossem presos e duramente perseguidos no período posterior ao golpe de 1964. E nós concordamos com os críticos acima referidos; se *subversivo* é tomado como equivalente a revolucionário, continuam estes textos tendo a primazia de serem os primeiros que levaram para dentro das salas de aulas as discussões fundamentais da sociedade brasileira, desvendando pedagogicamente as suas contradições e, permitindo assim que os analfabetos tomassem contato com realidades até então apresentadas de maneiras distorcidas e camufladas, através de textos como: *Eva viu a uva* ou *Ivo vê a ave*.

Assim, nada mais esclarecedor que o depoimento de Josina Godoy: Nós poderíamos dizer que IVO VÊ A AVE ... mas dizemos que *o voto é do povo*. O método empregado no *Livro de Leitura para Adultos* tem a finalidade de despertar no homem do Nordeste a consciência de seus problemas, para que ele não seja um mendigo que espera, todos os anos, que o sul lhe mande roupa e comida (1962).¹⁹

Por outro lado, é também no bojo das questões e discussões vividas pela sociedade brasileira neste período, que Paulo Freire

¹⁹ Fávoro, Osmar. Op. cit.

realiza as primeiras experiências que vão gerar o seu *Método de Alfabetização*, revolucionando os conceitos de alfabetização e interferindo decisivamente na história educacional do País.

Em 1963, já com a sistematização de Paulo Freire em torno da Alfabetização de adultos, experiências são implantadas em diversas regiões do País.²⁰ Paralelamente uma equipe de professores do MEB elaborou o 1º e 2º livros de leitura para adultos, respectivamente: *Saber para viver* e *Viver é Lutar*, que buscavam direcionar seus trabalhos ligando intimamente alfabetização e conscientização, partindo de situações reais da vida e do trabalho dos camponeses.²¹

Entretanto, os problemas dos textos utilizados para a alfabetização, não se situavam apenas na área do conteúdo; referiam-se também ao método, dando sempre aos adolescentes e, mais sério ainda, aos adultos um tratamento idêntico ao dado às crianças, num eterno desconhecimento e negação da problemática do analfabetismo adulto no País. Por outro lado no que se refere aos alunos do MEB é importante acrescentar que estes textos não só desconheciam, como desconsideravam totalmente as realidades locais, regionais e estruturais dos camponeses.

Nesse sentido, logo no início dos trabalhos, surgiram dificuldades concretas com conteúdos, linguagem, métodos e técnicas.

²⁰ Sobre Paulo Freire, ver Carlos Rodrigues Brandão e Celso de Rui Beisegel, op. cit.

²¹ Sobre o Conjunto Didático "Viver é Lutar", ver Osmar Fávero, op. cit.

cas. Se por um lado a Equipe Central, ao perceber estas dificuldades, tentava contorná-las através da produção radiofônica de aulas mais dinâmicas e criativas, restava a questão concreta do trabalho dos monitores junto aos alunos. É importante lembrar que estes monitores, embora passassem por treinamentos sucessivos, eram, em grande maioria, pessoas cuja formação específica e experiência de sala de aula (quando existiam, caso daqueles que eram professores primários eram bastante restritas e sempre referenciadas à criança.

Diante das questões levantadas, tornou-se evidente a necessidade de se produzir um material didático que viesse responder às dificuldades enfrentadas pelo trabalho como um todo e, em específico, suprisse às necessidades referentes ao processo de alfabetização.

As sementes plantadas por todos os trabalhos no período anterior ao golpe de 1964, os quais foram por ele formalmente banidos, vão produzir seus frutos, no caso do MEB/GO, no período imediatamente posterior.

Assumindo o desafio da produção de um material didático que respondesse às necessidades para o trabalho junto aos camponeses goianos, a Equipe Central do MEB/GO, durante o ano de 1964, elaborou um Conjunto Didático original, que, ao nosso ver, ainda não foi superado, técnica e pedagogicamente, no que se refere à alfabetização de adultos.

Evidentemente, não se pode afirmar que se trata apenas de uma aplicação mecânica e imediata, dentro de uma conjuntura re

pressiva, dos métodos e técnicas, apreendidos então. A elaboração deste *Conjunto Didático* exigiu não só um exercício de criação dentro da repressão, como também significou o esforço de repensar metodologicamente a questão da alfabetização. O processo de construção dele envolveu toda a Equipe Central, recuperando toda a experiência do trabalho anteriormente desenvolvido. Esta recuperação permitiu à Equipe reinventar as escolas radiofônicas, utilizando todos os recursos criados e experimentados junto aos monitores, alunos e às comunidades camponesas locais, ao mesmo tempo que incorporava a elaboração metodológica de Paulo Freire sobre a alfabetização. E, da conjugação destes esforços veio resultar no *Conjunto Didático Benedito e Jovelina*, que serviu, desde o início de 1965 até ao encerramento dos trabalhos do MEB/GO como material didático para a alfabetização.

É importante salientar que o próprio trabalho realizado pelo MEB na área, já havia demonstrado que a questão da alfabetização, isto é, da aprendizagem da leitura e da escrita, não podia ser reduzida apenas a uma questão de métodos e técnicas. Daí a resistência da própria Equipe Central do MEB/GO em chamar ou considerar o conjunto didático como método de alfabetização. Aparecida, não gostava que se chamasse o *conjunto de método*, era *processo de alfabetização* (Nazira). Para toda a Equipe Central, tratava-se de um instrumento didático-pedagógico, dentro da qual se insere a aprendizagem da leitura e da escrita.

ta, que eram partes integrantes do amplo trabalho político-pedagógico pretendido.

Nesse sentido, a inovação e o avanço conseguidos estão em que as preocupações para a sua elaboração se colocaram muito mais na questão política da educação, onde a metodologia já desenvolvida e experimentada no próprio trabalho com os monitores e alunos, foi o instrumento mais rico e poderoso, permitindo assim que a cada momento de sua produção se se pudesse criticá-lo, reformulá-lo e recriá-lo. Este processo, a nosso ver permitiu à Equipe Central do MEB/GO fugir conscientemente daquilo que Berta Braslavsky²² chama de "querella de los métodos", onde a questão da alfabetização está colocada em termos de estratégias perceptivas em jogo no ato da leitura, reduzindo-se inevitavelmente a alfabetização apenas à tradicional divisão entre métodos sintéticos e analíticos, ou quem sabe, nos bons aspectos de um e de outro, formando um *misto*.

Preocupada em encontrar instrumentos pedagógicos, que permitissem viabilizar os projetos políticos, nos quais o MEB e seus profissionais encontravam-se inseridos e comprometidos, a Equipe Central foi buscar através das próprias raízes históricas e regionais do camponês goiano a construção do seu Conjunto Didático. E assim, foi através da produção agrícola de uma

²² Braslavsky, Berta P. *La querella de los métodos en la enseñanza de la lectura*. Buenos Aires, Kapeluz, 1973.

família camponesa, sua história de vida, do trabalho rural, da comercialização das suas alegrias e tristezas, que vão ser encontrados os fios que tecerão a rede - as palavras e as situações - que permitiriam, ao mesmo tempo, a aprendizagem da leitura e da escrita e as discussões desde as situações concretas locais às amplas questões nacionais e universais.

"A gente marretou a cabeça para chegar a essa possibilidade, não sô de usar o universo vocabular, mas de ligar tudo, porque nós fizemos até prá começar num determinado mês. Enquanto eles estavam cumprindo aquelas etapas, eles estavam realizando o trabalho na roça." (Betinha)

Carlos Brandão,²³ em seu livro *O que é o Método Paulo Freire*, afirma: No Estado de Goiás, o Movimento de Educação de Ba se enfrentou o desafio de recriar o método para a situação de um trabalho de alfabetização através do rádio, de escolas ra diofônicas. As pistas do trabalho de ensinar-aprender eram di tas pelo rádio a um monitor-animador em cada escola. Ouvindo a fala do "programa" com o seu círculo de alfabetizando ele de veria realizar o trabalho do diálogo da alfabetização, de que as discussões sugeridas por palavras são um momento. Com o le vantamento em várias comunidades agrárias das regiões do Esta do onde seria implantado o trabalho, foram escolhida estas pa lavras:

²³ Brandão, Carlos Rodrigues. *O que é o Método Paulo Freire*. São Paulo, Bra síliense, 1981. (Primeiros Passos) grifado no original.

Benedito, Jovelina, mata, fogo, sapato, casa, enxada, roçado, bicicleta, trabalho, bezerro, máquina, safra, arma zêm, assinatura, produção, farinha, estrada.

Entretanto, ao meu ver, O *Conjunto Didático Benedito e Jovelina*, só foi possível porque, representou não só a resposta a um desafio assumido pela Equipe Central do MEB/GO, mas significou, sobretudo, a síntese de vários trabalhos realizados anteriormente no País sobre a alfabetização, dos quais participaram profissionais do MEB/Goiás, do CPC e do ICP, conjugados com o aprofundamento e a renovação das experiências da *supervisão*, dos *encontros*, dos *programas radiofônicos*, as quais, dentro de uma perspectiva de animação popular, permitiram que a equipe de profissionais do MEB/Goiás encontrasse as pistas que viessem reunir num só instrumento, ao mesmo tempo o uso didático-pedagógico do rádio e os conteúdos, com os quais estavam preocupados e desejavam ver reelaborados pelos camponeses.

A sua sistematização didática procurou seguir os passos e as etapas do calendário agrícola do Estado de Goiás, permitindo assim que o aluno pudesse fazer a correlação entre o seu trabalho e as etapas do processo de alfabetização.

Basicamente, o *Conjunto* era composto de material a ser manejado em sala de aula por monitores e alunos, os quais eram orientados através do rádio pelo professor-locutor. Este material constava de: cartaz da *grava*ra, ficha de reconhecimento, cartaz das famílias, cartaz da descoberta, *fi*cha-resumo. Para sua aplicação foram realizados treinamentos dos monitores elaborados guias e orientações que tinham a finalidade de *favore*cer o trabalho, *ajudar a tarefa de educar*.²⁴ Pela sua importân

²⁴ MEB/Goiás. Guia do Monitor, dat. s/d. (1964?)

cia, anexamos a este trabalho tanto as lições do Conjunto Didático, como as instruções constantes do Guia do Minitor.

As situações didáticas foram criadas durante as *supervisões*, experimentadas e testadas nas discussões que se faziam nos *encontros* para que se pudesse chegar a globalização dos temas e, sô então foram assumido a forma finalizada de *material didático*.

- Inicialmente fazíamos as aulas, de matemática, de *linguagem*, de conhecimentos gerais etc. (Isa)
- Havia aulas de técnicas agrícolas, de saúde. (Alda)
- Mas depois fazíamos uma aula sô, envolvendo a abrangência de todas as matérias, eram globalizadas. (Maria Alice)
- Eu me lembro que na parte final da elaboração do *material*, o que se fazia era uma forma de diálogo. Quase um bate-papo que ia acontecendo entre as pessoas e dentro disso iam os ensinamentos, algumas técnicas entre outras coisas. Depois então era criada a circunstância para que a escrita acontecesse. Havia pausa para que se fizesse discussão a respeito da tema. Inclusive o número de *pau* sas era bem maior do que na fase inicial, quando nós *tĩ* nhamos as coisas bem mais estruturadas. (Alda)
- O pessoal comentava muito a precisão, a necessidade de conversar mais sobre aquelas coisas, porque o tempo do *rã* dio era pouco para aquelas conversas. As conversas sobre os grandes temas da realidade, sobre as necessidades.

(Nazira)

O processo continuado de discussão, com os próprios monitores e alunos, foi possibilitando a sistematização a partir das perspectivas pedagógicas, no sentido da construção coletiva do processo educativo, nas quais a equipe não só se apoiava, como acreditava, como também buscava aprofundar, quanto ao método, as técnicas e a linguagem.

- Pois é, o que eu acho Nazira é que realmente houve uma volta muito grande, quer dizer, parece que começou a surgir uma nova concepção de trabalho educativo e de alfabetização. Nesse momento eu acho que começou a formação de um novo trabalho educativo, vocês não acham? E nisso tudo começamos a repensar a função da escola, as reuniões com as comunidades, os encontros, a transação das festas e das próprias manifestações da região. (Maria Alice)
- E a questão da linguagem, como é que foi sendo construída? (Peixoto)
- Houve só uma época em que foram feitas algumas observações ligadas à linguagem, mas que já entravam nessa visão, era também uma necessidade. E outra coisa, quando o método foi mudado, era um interesse nosso, de certa maneira nós mudamos. Foi quando eu cheguei lá com algumas sugestões, as quais estávamos com receio de testar, por exemplo: de os exercícios não fossem os exercícios crus como os dados antigamente, de formar plural, formar singular etc., porque isso nós já tínhamos visto que não adiantava. A idéia era de sugerir que seu fulano, como exercício escrevesse um bilhete p'ro vizinho pedindo a exnada em prestada, ou p'ra fazer um pedido de documento, ou dizendo que tinha que ir à cidade arrumar um documento ... Eu me lembro que essas coisas foram feitas p'ra ver como é que eles receberiam e eu me lembro também que nas supervi

sões seguintes a essa mudança, eles disseram que estavam gostando mais do jeito que estava sendo dado agora. Nas aulas de aritmética a Aldinha começou a fazer exercícios de cálculo, tudo pelo assunto deles, com dados assim: quantas sacas disso foram colhidas? quantas sacas de feijão? quantas de arroz? etc. A Darcy fazia a produção geral.

(Betinha)

No capítulo 3 pág. 78 já me referi em parte a fase de mudança nas orientações dos trabalhos do MEB/Goiás. Entretanto acredito ser oportuno trazer de novo neste momento a fala de Darcy que a meu ver é também esclarecedora desta fase de construção e recriação do processo de alfabetização.

... os encontros da comunidade no domingo e o programa de sábado, passaram a ser mais importantes que as aulas. Todo o processo das aulas, aquele blã. blã, blã todo, durante a semana, aquilo tudo era uma espécie de suporte p'ra manter um trabalho que era muito mais importante, que era o contato direto através dos encontros de comunidade. E o programa de sábado, que de um programa para monitor ..., houve toda uma evolução, passou a ser um programa da comunidade. Passou a ser um negócio mais amplo, porque inclusive não era só feito pelo pessoal do MEB. E havia lugares em que o programa de sábado era ouvido com muito interesse, lugares onde não tinham nem MEB... (Darcy Costa)

Por outro lado, o processo de construção do material didático — cartaz de gravura, ficha de reconhecimento, cartaz das famílias, cartaz da descoberta e ficha resumo — sendo fruto ao mesmo tempo das experiências anteriores, do MEB/Goiás e fora

dele, exigir da equipe uma busca, pesquisa e criação coletiva, no sentido que pudesse representar o universo do campones goiano.

- Foi-se começando o trabalho com todo aquele processo de criação de palavras, criação de textos. Nessa época as aulas já eram realmente quase todas feitas com material vindo lá do pessoal. Inclusive os textos eram frases que o pessoal fazia e nós recolhíamos na supervisão. E na base do bate-papo durante a supervisão nós fazíamos a montagem das aulas. Neste momento já havia textos. Nessa época havia o uso de uma parte do Paulo Freire. Nós fomos readaptando em muita coisa para aquilo que era a nossa experiência. Nesse sentido acho que nós recriamos muito o Paulo Freire. (Alda)

- Inclusive eu acho que era muito mais bem bolado que o Paulo Freire. (Carlos)

- Nós usávamos aquelas folhas separadas que no final compunham a cartilha do aluno, que o Paulo Freire não tinha.

(Irene)

Como já afirmamos na página 198, a intencionalidade em encontrar instrumentos pedagógicos e construir um material didático que permitisse a viabilização de seus objetivos políticos e educativos, levou o MEB/Goiás a mergulhar na realidade do mundo rural, buscando entender os próprios processos de comunicação e de sobrevivência desse mundo. E só assim é que foram encontrar a *história* que compusesse o *Conjunto Didático* e as palavras que permitissem compor o universo vocabular através do qual se se pudesse aprender a língua portuguesa. Dos depoimentos que se seguem podemos ver como isto aconteceu.

- A Cartilha não era toda não. Ela era solta, em folhas. O aluno ia compondo a cartilha. (Darcy)
- Primeiro a família, depois a família trabalhando na lavoura o ano todo. Eram o Benedito e a Jovelina. Formavam-se as palavras e depois os textos. Os alunos faziam as frases, mas nós tínhamos um texto também. (Irene)
- Um texto que era Jovelina vive na labuta. Agora, uma das coisas mais interessantes era que em cada palavra que entrava dentro do texto, só apareciam todas as sílabas aprendidas nas palavras anteriores. Então era um muito rico, no entanto só tinha esse conjunto Benedito e Jovelina. Só esse conjunto de sílabas é que aparecia no texto... (Alda)
- Essa era a primeira página da cartilha: Benedito e Jovelina e todos os outros iam retomando as anteriores. Não haviam nenhuma coisa fora. (Iza)
- Era a estória de Benedito e Jovelina, do trabalho deles, da luta dele para viver. Da luta com a terra, em relação aos outros, em relação à saúde. A luta deles com os filhos... Todos os temas que queríamos abordar numa discussão, entravam como dados da vida dessa família. Então a discussão ficava muito natural e ia ampliando-se cada vez mais as estórias. (Alda)

Ao meu ver, no momento da construção desse Conjunto Didático o MEB/Goiás, pode ver aprofundadas suas perspectivas pedagógicas no sentido da construção coletiva de um novo processo educativo onde os educadores e educandos se envolvem conjuntamente na busca de soluções que venham, não apenas adequar métodos e técnicas a experiências e realidades diferentes, mas pro

curem dentro de uma troca constante e num confronto real de conhecimentos a criação e a produção daquilo que seria o conhecimento novo. Isto evidentemente foi sem dúvida consequência do intenso trabalho desenvolvido junto as bases do movimento, o qual foi dando a equipe do MEB/Goiás a certeza de que este era o caminho a ser seguido.

- ... Por que nessa época nós já tínhamos algumas experiências anteriores. A "animação popular" foi feita de maneira muito intensa antes de toda a elaboração do Conjunto Didático. Nós tínhamos nessa época uma preocupação muito grande no sentido do envolvimento das pessoas, dos alunos, dos monitores, do trabalho deles na produção deste material. (Alda)

- Nós fazíamos muito treinamento de monitor. (Maria Alice)

- Muito treinamento e muita participação deles para elaborar esse novo tipo de material que desejávamos fazer...

(Alda)

Todo este esforço e esta busca em responder a questão da alfabetização, levou o MEB/Goiás a utilização da linguagem regional e popular o que evidentemente, nem sempre está de acordo com o que é consagrado pela norma culta, cujos padrões, estavam baseados as cartilhas até então.

- As palavras eram as deles, do trabalho deles e saíam dos treinamentos, das supervisões etc. Toda a seleção das palavras foi feita assim. (Darcy)

Este problema do uso da linguagem regional e popular dentro da escola sempre foi considerado como um tabu, representando um desrespeito à Língua Portuguesa, à norma culta. Mas, o mais difícil foi enfrentar a questão do aprendizado da escrita, como um recurso de comunicação entre as pessoas. O problema da escrita se coloca na medida em que o esperado é quase sempre que o alfabetizando, seja ele adulto ou criança, escreva já durante o seu processo de alfabetização dentro dos padrões estabelecidos pela própria norma culta. Evidentemente ao se esperar que isto aconteça, não se está considerando os diversos elementos que compõe a apreensão do código escrito e da própria construção deste processo de apreensão. Não pretendo discutir nos limites desta dissertação tais questões mas, por um lado, lembrar que elas não se situam apenas dentro do ensino das regras que compõe toda a estrutura de uma língua. Por outro, mostrar como isto se deu mesmo internamente no MEB através dos depoimentos seguintes:

- Esses problemas de linguagem eu acompanhei muito, por que era a minha área de formação acadêmica. Houve um encontro que tinha um pessoal de fora, do nordeste. Uma professora ficou braba porque eu estava quebrando a unidade da língua nacional, não exigindo que os alunos escrevessem corretamente. Foi uma grande discussão por causa dos exercícios que nós davamos. Ela disse que os alunos não escreviam corretamente. Escreviam "ç" em vez de "s", por exemplo. Ela assistiu uma reunião nossa com os monitores, onde eles já haviam sido treinados para trabalhar com o nosso material e nós estávamos com os primeiros exercícios,

com as primeiras coisas que tinham sido feitas na primeira etapa, no começo da experimentação. Ficou muito preocupada porque não davamos nenhum exercício gramatical, nenhum exercício pronto. Ora, não o nosso caminho não era através do vernáculo, mas era instrumento para que eles pudessem utilizar a alfabetização e a linguagem para se comunicarem, para se expressarem, para escrever seus versos, para o que eles achassem melhor. Isto ela levantou que significaria a quebra da unidade da língua nacional. Nós estávamos era reforçando a linguagem deles, e nisso havia uma discussão riquíssima. (Betinha)

Resta neste capítulo mostrar como se deu a utilização do rádio nesta fase do trabalho. O rádio sistema radiofônico foi desde o início do MEB um instrumento de fundamental importância. Entretanto com o desenvolvimento dos trabalhos nos prôprios locais, através das diversas atividades já analisadas no capítulo 3, esta importância foi se tornando cada vez menor e acrescesse a isto ainda, o fato de que no período pós-golpe de abril de 1964 o seu uso sofreu bastante restrições, tornando-o um recurso menos poderoso do que era quando no início do MEB.

- ... a idêia de sistema radiofônico, son, estava deixada de molho. Uma parte importante do trabalho já era realizada pelas comunidades. (Iza)
- A prôpria função do rádio já era muito menor, quase que era um trabalho feito pelo monitor. Este já muito valorizado, com quem se coordenava e se fazia o trabalho. Inclusive havia discussão feita entre o próprio pessoal, tipo círculo de cultura como diz Paulo Freire. (Alda)

- Houve até um momento em que as aulas eram só para conservar aquele espaço, aquela hora. Mas, era quase o tempo todo com música e quando a música era cortada a locutora interrompia só para animar a aula. Nesse momento deixou de ser "a aula". A locutora interrompia e dizia: como é, estão encontrando as sílabas? Mas, não ditava as coisas, era só para conservar aquele espaço em aberto, para ir animando. Depois de algum tempo nós dizíamos: Monitor, agora vamos dar um tempo para discutir com os alunos sobre esses assuntos que nós comentamos. Dava-se um espaço grande. Passou a ser muito mais função do monitor do que do locutor. (Maria Alice)

Neste período a experiência do uso do rádio das suas limitações e das suas possibilidades já estava bem mais amadurecida pelo MEB, possibilitando uma adequação maior do uso deste instrumento à conjuntura política da época e também ao trabalho educativo. Nesse sentido, no que se refere à alfabetização durante o período em que se empregou o novo processo, havia uma perfeita conjugação entre os diversos componentes do material didático e o rádio. Através deste o locutor ia dando as dicas que serviam para as aulas de cada dia, porque em termos do processo da aula o que era mais importante era o que estava acontecendo lá na sala de aula e não o que se estava irradiando. Entretanto, não se pode negar que o rádio foi um instrumento de fundamental importância nos trabalhos do MEB e a meu ver, continua sendo o mais poderoso meio de comunicação, fundamentalmente nas áreas de difícil acesso para outros meios e sem dúvida é ele educador extremamente poderoso. Não é sem razão que Alda Borges, locutora por

longo período no MEB/Goiás e uma das principais elaboradoras do Novo Processo de Alfabetização, vai posteriormente afirmar:

La voz ciega de la radio considerada aisladamente, puede parecer en sí pobre como vehículo de una educación liberadora, radicada sustancialmente en un intenso proceso de comunicación dialógica.

Sin embargo, observamos que los programas radiofónicos, portadores de datos aparentemente limitados, a la medida en que proveen temas significativos del pueblo, se tornan capaces de mover una viva actividad en el interior de las personas, accionando un rico esquema perceptivo con datos añadidos de experiencias ya adquiridas.

Los estados de conciencia del educando se intensifican. En esa reconstrucción de la imagen perceptiva colaboran sus experiencias pasadas, hábitos, estados afectivos, escala de valores, su visión del futuro, etc.

La imagen total que se construye el educando oyente será en gran parte creación personal, trabajo propio. Escuchar es el método por el cual aprende la mayoría de la gente; escuchar es el medio por el cual se transmiten las tradiciones culturales; escuchar es el complemento recíproco de hablar.

*La valorización de la expresividad y del carácter de la voz humana es, sin duda, uno de los cometidos más relevantes en un sistema radio-educativo, en que la acción de escuchar y la acción de hablar son integradas críticamente por Profesores, Auxiliares y Comunidades, en un intercambio de experiencias que se propongan tenerlas en común.*²⁵

²⁵ Cunha, Alda Borges. Aspectos Metodológicos del uso de la radio en la educación de adultos. Documento confeccionado para el "Encuentro Latinoamericano sobre Planeamiento de la Educación destinada a los Sectores Populares". SEDECOS, Santiago de Chile, agosto de 1970.

Conclusões

No início deste trabalho, a intenção foi a de desvendar algumas questões que permaneciam e permanecem, ao meu ver, ainda obscuras sobre os movimentos de educação popular que tiveram a sua atuação no início dos anos 60. É bem verdade que vários estudos já foram realizados sobre este período, em particular sobre a Educação Popular, cujas contribuições são, sem dúvida alguma, no sentido de esclarecer tais questões. Entretanto, em que pese, o valor qualitativo destes estudos, parece fazer falta estudos mais detalhados sobre a prática político-pedagógica realizada por cada um destes movimentos. Acredito, que além da clareza teórica e do rigor metodológico é também necessário que se debruce sobre o trabalho concreto e cotidiano destes movimentos, para que se possa compreendê-los, dentro da dinâmica do processo vivido pela sociedade brasileira naquele período.

Assim é que, para desenvolvê-lo, fui buscar, por um lado, nas raízes, origens e possibilidades de surgimento do Movimento de Educação de Base, as razões que fundamentaram as hipóteses de trabalho e por outro trouxe para o debate destas hipóteses o dia-a-dia do MEB/Goiás.

A perspectiva teórica foi a de mostrar, através da análise histórica deste dia-a-dia, a sua dinâmica e o quanto pode

ser feito e realizado no campo da educação popular no País e em específico no Estado de Goiás, pelo Movimento de Educação de Base, por intermédio de todas as pessoas que o fizeram. Não se tratou neste trabalho de nenhuma comprovação empírica de hipóteses, nem do enquadramento analítico deste movimento. Mas sim, a partir de referenciais teóricos e dos instrumentos que as Ciências nos dão, analisá-lo e compreendê-lo no conjunto das demais práticas sociais, enquanto um processo pedagógico e a elaboração de uma perspectiva de educação que, em particular, permita às classes populares a elaboração e construção do seu processo de libertação, buscando com a clareza possível, os seus aliados nos outros setores da sociedade.

O caminho percorrido pelo MEB/Goiás pode mostrar as possibilidades que se abriram dentro da perspectiva de educação popular aqui assumida. E, se não há elementos para prever o desfecho deste processo, se ele pudesse ter sido continuado dentro de uma conjuntura de liberdades democráticas, é possível vislumbrar o sonho de uma sociedade, sem dúvida diferente da sociedade brasileira atual. E, é por isso também que aquele processo foi interrompido: os setores hegemônicos das classes dominantes da sociedade brasileira não puderam suportá-lo, enquanto realizasse trabalhos nessas perspectivas.

Entretanto, algumas questões devem ser consideradas nestas conclusões, no que diz respeito às vinculações concretas do MEB. A primeira delas trata-se das históricas relações Igre

ja/Estado. Ao meu ver, o MEB é um projeto fruto das alianças estabelecidas por estes dois poderes, enquanto materialização de interesses concretos, mas é fundamentalmente uma proposta da Igreja, para a realização de seus objetivos junto às camadas populares, enquanto educadora universal e responsável pela condução dos homens através da História.

Porém no interior da Igreja enquanto instituição da sociedade civil, convivem, sob o mesmo manto da fé, setores hierárquicos e laicato, que podem convergir, mas também podem divergir quanto ao processo de condução dos homens através da História. E, nesse sentido, tanto as convergências, quanto as divergências existem *intra* e *entre* esses dois grupos. No momento de formulação do MEB e no desenrolar de suas atividades, estas convergências e divergências estavam polarizadas de uma maneira geral da seguinte forma: setores progressistas da hierarquia *versus* setores conservadores desta e setores revolucionários do laicato *versus* setores conservadores deste mesmo laicato. É evidente que cada um destes setores tinham seus projetos para a sociedade brasileira no sentido de transformar ou conservar o *status quo* e possuíam seus fortes aliados dentro da sociedade política e da sociedade civil mais ampla, buscando interna e externamente a conquista da hegemonia na condução do processo brasileiro de então.

A aliança entre os setores revolucionários do laicato, representados fundamentalmente pela Juventude Universitária Cató

lica, com os setores progressistas da hierarquia tornou possível ao MEB desenvolver o seu trabalho dentro de uma perspectiva que apontasse caminhos para uma pedagogia de transformação social. Ele torna-se então não mais só um projeto da hierarquia da Igreja, mas fundamentalmente um projeto do setor revolucionário dos leigos católicos, que vão levá-lo adiante, materializando assim o projeto destes no campo da educação popular. E aí encontram-se as raízes de suas contradições dentro da Igreja e conseqüentemente no campo das relações e alianças político-ideológicas desta com o Estado brasileiro.

Entretanto, se em nível nacional, o MEB foi um dos fatores que contribuíram para que se pusesse em discussão a importância e o significado dessas alianças, para a Igreja Católica e para a sociedade brasileira, trazendo para o debate suas experiências com os setores populares com os quais trabalhava, ao meu ver é no campo da educação popular que sua contribuição tem um significado maior.

Assumindo os desafios impostos pela diversidade de realidades do País e dos trabalhos implementados por seus profissionais, pode desenvolver um processo de experimentação pedagógica até então inédito em nossa História. Nesse sentido traz contribuições e soluções originais que podem representar saídas e encaminhamentos para os problemas relativos à educação popular e especificamente, ao meu ver, no que diz respeito à alfabetização.

Consciente da importância política da educação, da sua res
ponsabilidade em socializar o conhecimento, realizando uma es
pecificação que lhe é própria, o MEB/Goiás pode buscar aprofun
dar e entender mais amplamente a questão da alfabetização.

Entendendo a alfabetização, não como uma aquisição de cô
digos que traduzem a linguagem oral, mas sim, como um processo
global que se inicia a partir da própria realidade do aluno;
dos seus problemas, das suas necessidades, da sua relação com
os homens e com mundo, levando-o a sentir, pensar e a agir, po
de também entender que não era possível dissociá-la dos outros
níveis do conhecimento.

Se o tempo físico, apenas cinco anos de existência, não
permite que se possa afirmar conclusões definitivas sobre este
processo, que a meu ver, mesmo assim, é possível dizer com se
gurança que o avanço foi na profundidade das questões. O cami
nho percorrido pelo MEB/Goiás neste sentido foi longo e histo
ricamente assume um significado maior de que os restritos limi
tes de sua existência e portanto do seu próprio amadurecimen
to.

Este processo só foi possível a partir do dinamismo impr
mido em sua própria prática, por um lado e, por outro através
da abertura e da disponibilidade, demonstrada pela Equipe Cen
tral em trabalhar cotidianamente as questões enfrentadas pela
sua própria prática político-pedagógica. Foi da revisão críti

ca dos instrumentos pedagógicos e dos recursos didáticos, até então utilizados no País e da coragem de criar, experimentar e recriar novos instrumentos e recursos que vieram não só a riqueza da produção em nível de conteúdo, métodos e técnicas, mas a sua interferência decisiva para a educação popular.

Evidentemente, como se vê ao longo desta dissertação, o processo desenvolvido pelo MEB/Goiás foi também fruto de sua capacidade em se aliar aos diversos grupos que militavam naquele Estado, buscando resguardar a sua especificidade de movimento político-educativo, voltado para a educação de base cujos trabalhos foram realizados fundamentalmente na área camponesa. São assim pode ele, ao mesmo tempo que estava inciso numa realidade social e numa conjuntura historicamente situada e datada, ser participante de todo o processo e do debate político-ideológico travado então e ter seu lugar definido, crescer e contribuir para este mesmo processo e debate. Isto na medida em que se situava na linha de frente das questões educacionais, portanto político-pedagógicos.

Nesse sentido é importante salientar aqui também o papel desempenhado pelos monitores, alunos e demais líderes e participantes nas diversas localidades de sua atuação. A relação construída entre a Equipe Central e estas, sem dúvida foi determinante para a prática desenvolvida no Estado de Goiás, uma vez que essas se davam num nível de participações reais, como se pode ver ao longo desta dissertação. Estas participações impli

caram no reconhecimento da existência de um saber e de um conhecimento trazidos pelos alunos, monitores e líderes, que sendo valorizado e explicitado nas diversas situações didático-pedagógicas, a sala de aula por exemplo, permitiu que a conscientização assumisse a característica de um processo de troca dos referidos saber e conhecimento, onde a equipe, de um lado, apreendesse os reais interesses daqueles, enquanto camada social e de outro, fornecesse informações do mundo letrado. Estas informações incorporadas ao saber e ao conhecimento já trazidos, pelos alunos, monitores e líderes, possibilitava então o entendimento das questões que lhes eram colocadas pela vida.

Como já afirmei em outros momentos, a intenção deste trabalho é a de contribuir para o debate das questões relativas à educação brasileira e em especial à busca de novas propostas para as soluções dos seculares problemas da educação popular. Assim, a minha contribuição vai no sentido de se repensar historicamente as experiências que alcançaram sucesso e, acredito eu, esta é uma delas. O MEB/Goiás tem um período de existência relativamente curto, se pensarmos em qualquer processo educativo, mas este período foi imensamente rico e ele cumpria o seu papel dentro da educação brasileira. Estudá-lo e criticá-lo significa não só uma recuperação e um resgate para a história do Brasil, daquilo que foi o projeto de transformação social sonhado pela geração dos anos 60, mas também buscar encontrar em nossas raízes indicadores que possam orientar as atuais

e futuras formulações de políticas educacionais para o País e assim contribuir para a construção de uma nova sociedade, mais humana e mais justa.

/pm.

BIBLIOGRAFIA

Ação Popular - Documento Base, s.l., 14p. mimeo, 1963.

Aristeu, *Correspondência à Equipe Central do MEB/GO em 23.09.66.*

Ata de Reunião realizada na Fazenda do Senhor Ilete Bueno em 15.05.65, ma
nuscrito.

Beisegel, Celso de Rui - *Estado e Educação Popular; um estudo sobre a edu*
cação de adultos, São Paulo, Liv. Pioneira Ed. 186p. (Biblioteca Pioneir
a de Ciências Sociais. Sociologia).

_____. *Política e Educação Popular: a teoria e a Prática de Paulo Freire*
no Brasil, São Paulo, Ática, 1982 (Ensaio 85).

Berlinck, Manoel Tosta - *Um projeto para a cultura brasileira nos anos 60:*
análise sociológica do Centro Popular de Cultura (da UNE)/Relatório de
pesquisa. s-n-t- 139p. (1975)

Bezerra, Aída - *Atividades em Educação Popular*, in: *Educação Popular I*, Rio
de Janeiro, Tempo e Presença (CEI, Suplemento 22).

_____. *Atividades em Educação Popular*, in: *Educação Popular II*, Rio de Ja
neiro, Tempo e Presença, (CEI, Suplemento 22).

Bispos do Nordeste - *Declaração do II Encontro de Bispos do Nordeste*, Na
tal, R.G.N., maio 1959, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1959.

Brandão, Carlos Rodrigues - *O que é o método Paulo Freire Freire*, São Paul
o, 1981, Ed. Brasiliense, 113p.

Braslavsky, Berta P. *La querella de los métodos em la enseñanza de la lec*
tura. Buenos Aires, Kapeluz, 1973.

Cardoso, Miriam Limoeiro - *Ideologia do Desenvolvimento - Brasil: JK-JQ*,
Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, 371p. (Estudos Brasileiros, v.14).

Chauí, Marilena - Notas sobre a Cultura Popular. *Arte em Revista*, São Paulo, 2(3): 15-21, março, 1980.

_____. Considerações sobre alguns "Cadernos do Povo" e o "Manifesto do CPC". In: *Seminários: O Nacional e o Popular na cultura Brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

_____ & Franco, Maria Sylvia de Carvalho - *Ideologia e Mobilização Popular*, Rio de Janeiro, CEDEC/Paz e Terra, 209p.

Conceição, Manoel da - *Essa Terra é Nossa: depoimento a Ana Maria Galasso sobre a vida e as lutas dos camponeses no Estado do Maranhão*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1980.

Cunha, Alda Borges - Aspectos metodológicos del uso de la rádio en la educación de adultos. Documento confeccionado para el "Encuentro Latinoamericano sobre planeamiento de la Educación destinada a los Sectores Populares" SEDECOS, Santiago de Chile, agosto de 1970.

Fávero, Osmar - *Uma Pedagogia de Participação Popular - Análise da Prática Pedagógica do MEB - Movimento de Educação de Base, 1961-1966*. Tese de Doutorado, PUC-SP, São Paulo, 1984.

Folha de Goiás - Goiânia, 22.07.63, p.8.

Goes, Moacir - *De Pê no Chão também se Aprende a Ler (1961-1964): uma escola democrática*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980, 209p. il.

Jacoud, Vera - *Telenovela "20 Anos Depois" (na verdade 23-25 anos)*, Rio de Janeiro, 1980, manuscrito.

José, Oscavū - *Correspondências diversas e Equipe Central do MEB/GO*.

JUC - Juventude Universitária Católica, *Boletim Nacional* nº 2, Belo Horizonte, jul. 1959.

Kadt, Emanuel de - *Catholic radicals in Brazil*, London, New York, Oxford Univ. Press, 1970, 304p.

Kubitschek de Oliveira, Juscelino - *Mensagem ao Congresso Nacional*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1958.

_____. *Mensagem ao Congresso Nacional*, Imprensa Nacional, 1959.

_____. *Discurso Encerramento II Encontro dos Bispos do Nordeste*, Natal, R.G.N., maio 1959.

_____. *Discursos*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1958.

_____. *Discursos*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1959.

_____. *Discursos*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1960.

Lima, Neusa de Souza - *Correspondência a Equipe Central do MEB/GO*, em 09 de setembro de 1965.

Mattos, Luiz Alves de - *Primórdios da Educação no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. Aurora, 1958.

MEB, *MEB em 5 anos*, Rio de Janeiro, 1966, mimeografado.

MEB - *1º Encontro de Coordenadores*, Conclusões/1, Rio de Janeiro, 1966, mimeografado.

MEB/Goiás - *Campanha de Alfabetização*, Goiânia, 1963, mimeo.

MEB/Goiás - *Relatório do 1º Semestre de 1965*, Goiânia, jul 1963, datil.

MEB/Goiás - *Correspondência ao MEB-Nacional em 19.11.63*.

MEB/Goiás - *Relatório de Animação Popular - Encontros*, Goiânia, out. 1964, 11p. datil.

MEB/Goiás - *Realidade Brasileira*, I Congresso de Monitores, Tema I, Goiânia, dez, 1963.

MEB/Goiás - *Conjunto Didático*, s.l., Goiânia, 1965, p.irreg. il.

MEB/Goiás - *Roteiro para o Programa*, II Programa, Goiânia, 13.10.66, dat.

MEB/Goiás - *Relatório Documento*, Goiânia, jan. 1967, datilografado.

Moreira, José - *Correspondências diversas à Equipe Central do MEB/GO*, ma
nuscrito.

_____. *Discurso*; Fazenda Lageado, em 11.12.65, manuscrito.

Oliveira, Francisco - *A Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista*, Es
tudos CEBRAP, São Paulo 1: 7-78, 1975.

Paiva, Vanilda - *Educação Popular e Educação de Adultos*, Ed. Loyola, Rio
de Janeiro, 1972.

Peixoto Filho, José Pereira - *Educação de Adultos: Uma Questão de Métodos?*
In: *Tecnologia Educacional*, 40, maio/jun. 1981, Rio de Janeiro, ABT.

Portantiero, J.C. *Classes dominantes e Crise Política na Argentina atual*,
Estudos CEBRAP. São Paulo, 6: 79-123, out./dez. 1973.

Porto, Arnaldo - *Correspondência à Equipe Central do MEB/Goiás em 11 de de*
zembro de 1963.

Quadros, Jânio - *Compromissos com a Vitória*, In: *O Cruzeiro*, 08.10.60.

_____. *Mensagem ao Congresso Nacional*, Imprensa Nacional, Brasília, 1961

Rabelo, F.C.E. - *Governo Mauro Borges: Tradicionalismo, Planejamento e Mo*
bilização Social em Goiás, U.F.M.G., Tese de Mestrado, Belo Horizonte,
1975.

Rosas, Paulo - *O Movimento de Cultura Popular - MCP* - Rio de Janeiro, 1980,
5. ed. 2p. mimeogr.

Saldanha, Edgar - *Educação de Base no Processo de Desenvolvimento de comu*
nidade - Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Serviço Social,
U.GO, 1966 - datilografado.

Sebba, José - *Discurso*, Diário da Assembléia, 1542: 4 set. 1965, citado por
Rabelo.

Souza, Herbert José de. et alii. *Cristianismo Hoje*. Rio de Janeiro, Ed. Universitária, 1962. (Caderno de hoje, 1).

Souza Lima, Luiz Gonzaga de - *Evolução Política dos Católicos e da Igreja no Brasil. Hipóteses para uma interpretação*, Ed. Vozes Petrópolis, Petrópolis, 1979.

Stepan, Alfred - *Os militares no Poder*, Ed. Ateniense S/A., Rio de Janeiro, 1975, 223p.

Teixeira, Mauro Borges - *O golpe em Goiás - História de uma grande Traição*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

Vaz, Henrique de Lima - *Consciência Histórica, Cultura e Ideologia*. Transcrição de notas de aulas, s.d.

_____. *Uma Reflexão sobre a ação e a ideologia*. Transcrição de exposição oral no Encontro de fundação da AP, Belo Horizonte, junho 1962.

_____. *Consciência e realidade nacional. Síntese Política, Econômica e Social*. Rio de Janeiro (14): 92-105, abr./jun. 1962.

Weffort, F.C. - *O Populismo na política brasileira*, Rio de Janeiro, 1978, Paz e Terra, 181p.

Documentos MEB/Goiás

Esta bibliografia comentada constitui-se parte integrante do Relatório de encerramento das atividades do MEB/Goiás. São documentos selecionados pela própria equipe e anexados ao citado Relatório.

MEB/Goiás. *Uma experiência de educação de base: relatório - documento*. Goiânia, 1967. 25p.

____. *Escola radiofônica* [panfleto] Goiânia, s.d. 1p.

____. *Escolas Radiofônicas de Goiás. Campanha de Alfabetização* [objetivos, funções do comitê local e calendário] Goiânia, s.d. 2p.

MEB/Goiás. *Guia do monitor*. Goiânia, s.d. 6p.

Conteúdo: "Qualidade do monitor"; "O monitor nunca deve"; "Sugestões para o monitor"; "Guia do monitor para a aula de linguagem"; "Guia do monitor para a aula de aritmética"; Guia do monitor para as aulas intermediárias".

____. *Questionário para levantamento do município*. Goiânia, s.d. 3p.

____. *O homem e a história*. Goiânia, s.d. 6p. (Tema para Debates com Monitores; 1)

____. *Relatório de animação popular*. Goiânia, 1964, 9p.

CONGRESSO ESTADUAL DE MONITORES (1º) *Tema 1 - Realidade brasileira: pontos para debates com monitores*. Goiânia, MEB/Goiás, s.d. 6p.

____. *Tema 2 - Cultura e educação de base: pontos para debates com monitores*. Goiânia, MEB/Goiás, s.d. 4p.

____. *A comunidade se reúne* [programa radiofônico] s.l., 25 jan.1964. 6p.man.

____. *A comunidade se reúne* [programa radiofônico] s.l., 04 abr.1964. 3p.man.

____. *Planejamento para 1965: relatório pormenorizado*. s.l., 1964? 3p.

____. *A comunidade se reúne [aula radiofônica]* s.l., 15 maio 1965. 3p.man.

____. *A comunidade se reúne [programa radiofônico]* s.l., 29 maio 1965.
7p.man.

ENCONTRO DE ANIMAÇÃO POPULAR DO MEB GOIÁS (29: ago.1965) *Relatório Documento de Estudo*. Rio de Janeiro, MEB, 1965. 10p.

MEB/Goiás. *Relatório dos 1º e 2º treinamento de líderes para animação de comunidade*. s.l., s.d. 6p.

____. *Relatório do encontro com a equipe de Serrinha*. s.l., 1966, 5p.

____ [Relatório da] *viagem à comunidade de "Serrinha"*. s.l., 1966. 2p.

TREINAMENTO DE ANIMADORES MONITORES (10-13 fev.1966: Campinas,SP) *Relatório*. s.l., MEB, 1966. 8p.

MEB [*Roteiro de linguagem para o monitor*] s.l., s.d. 13p.

Em anexo: roteiro de aritmética para o monitor.

MEB/Goiás. *Programa "nosso mutirão"*. Goiânia, s.d. 6p.

JORNAL MEB/GOIÁS. Goiânia, n.1 e 3, fev./abr.1966.

MEB/Goiás. [*Cartilha*] *Benedita e Jovelina*. Goiânia, s.d. 30p.

____. *Roteiro para o monitor*. Goiânia, s.d. 10p.

Anexo II

Conjunto Didático

1



Benedito

ba	be	bi	bo	bu
na	ne	ni	no	nu
da	de	di	do	du
ta	te	ti	to	tu

1

tina

banana

dedo

botina

2

teto bota

bebida nota

dono





2

Jovelina

ja	je	ji	jo	ju
va	ve	vi	vo	vu
la	le	li	lo	lu
na	ne	ni	no	nu

1

voto

nó

lida

2

lava janela

novêlo vela

nova javali

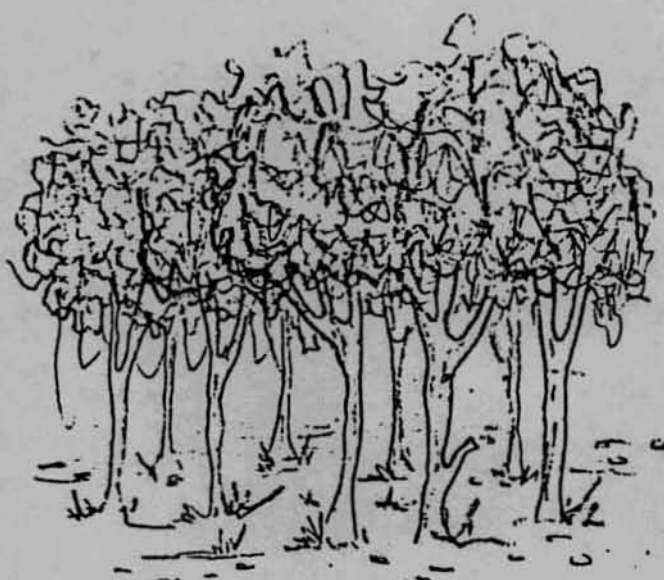
3

Benedito vive.

Jovelina vive.

Benedito lida o dia todo.

Jovelina ajuda Benedito na labuta



4

mata

ma	me	mi	mo	mu
ta	te	ti	to	tu

1

ma

ma

ma

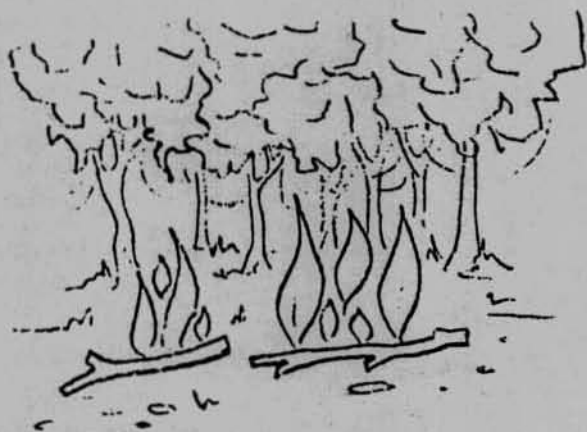
2

maleta bode

luta tomate

adubo

5



fogo

fa	fe	fi	fo	fu
ga	—	—	go	gu

1

2

ga-----

gado

fubá

ga-----

ga-----

vigota

fome

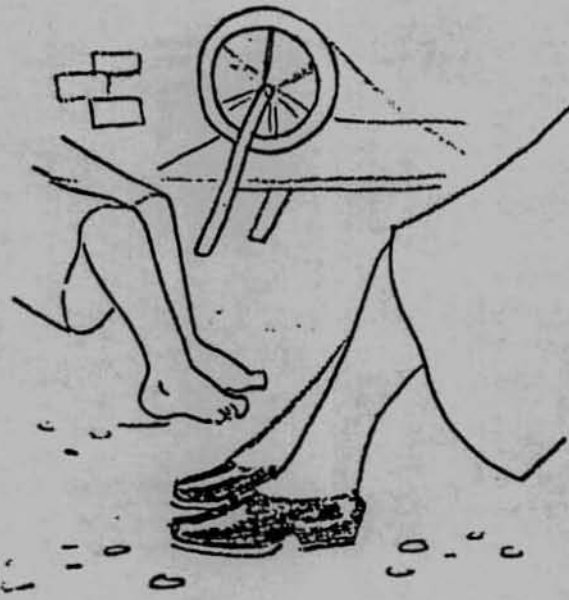
ga-----

6

Divino é o dono da mata.

Benedito domina a mata.

O fogo na mata dá medo.



7

sapato

sa	se	si	so	su
pa	pe	pi	po	pu
ta	te	ti	to	tu

1

2

pote	sapé
------	------

sola	botija
------	--------



8

casa

ca

—

—

co

cu

sa

se

si

so

su

1

casaco desejo

aviso uso

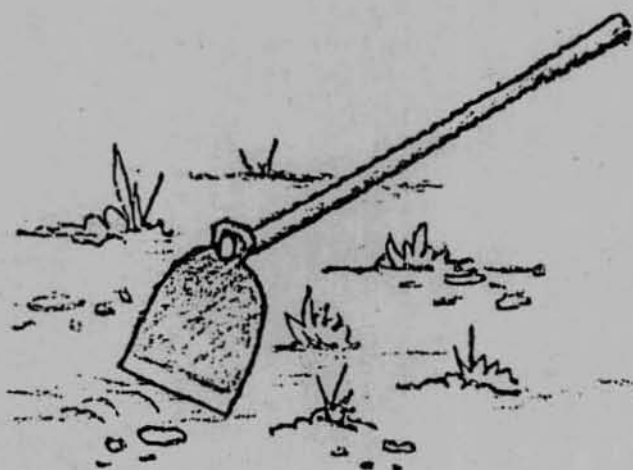
duvida

2

casa dia

capina mata

9



enxada

an	en	in	on	un
xa	xe	xi	xo	xu
da	de	di	do	du

1		2	
xodó	peixe	feixe	encuga
mexida	xale	-----	-----
enxuto	enxó	maxixe	fascina
		-----	-----

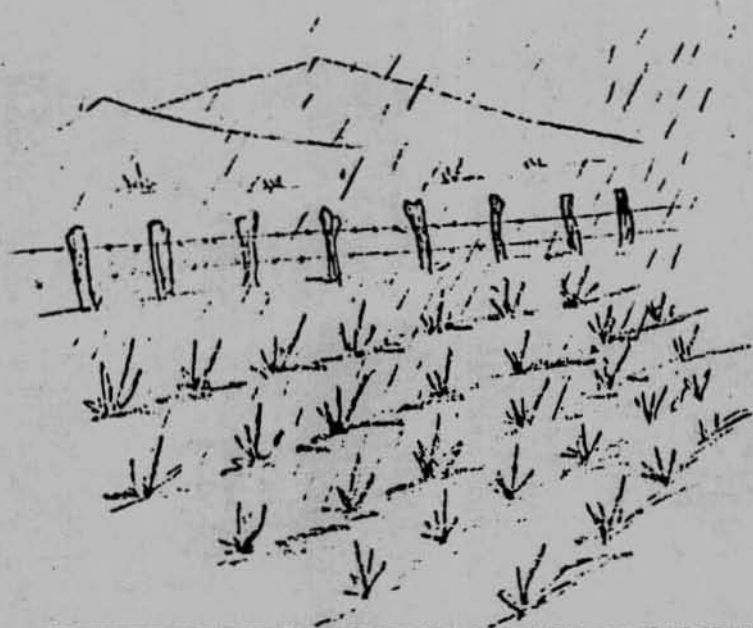
10

O sapato de Jovelina acabou.

Ela lida na casa de sapé.

Benedito capina.

Êle usa a enxada na capina.



11

chuva

cha che chi cho chu
va ve vi vo vu

1

2

machado

adubo

12



roçado

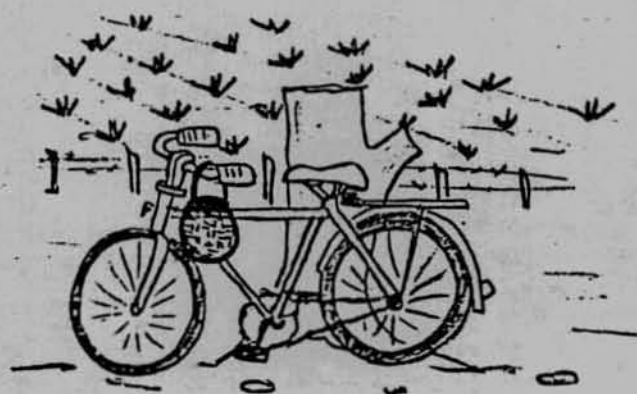
ra	re	ri	ro	ru
ça	—	—	ço	çu
da	de	di	do	du

1

2



13



bicicleta

ba	be	bi	bo	bu
—	ce	ci	—	—
cla	cle	cli	clo	clu
ta	te	ti	to	tu

1		2	
acude	doce	ci----	ba....a
vacina	adoca	te...dobe
poco	cidade	ca...da	te---

14

A chuva caiu.

Benedito cova o roçado com
a enxada.

Êle vai para a roça de bicicleta

15



trabalho

tra tre tri tro tru

ba be bi bo bu

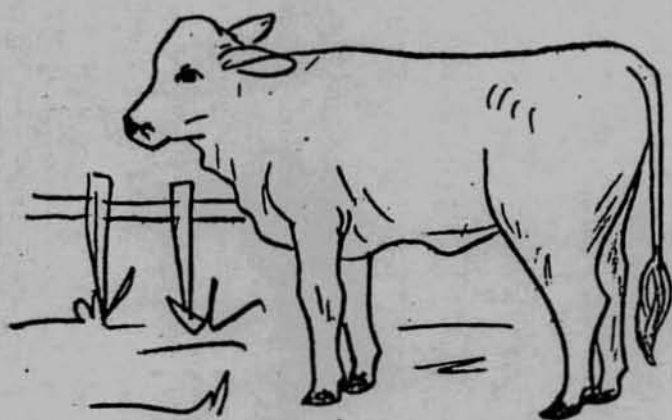
lha lhe lhi lho lhu

lha ga ¹te tri do ²trabalho

tropa

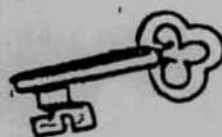
colheita

16



bezerro

1



2

bu co da

ca ami de

ta do co do

fa da

3

zeloso

zurra

terra

17

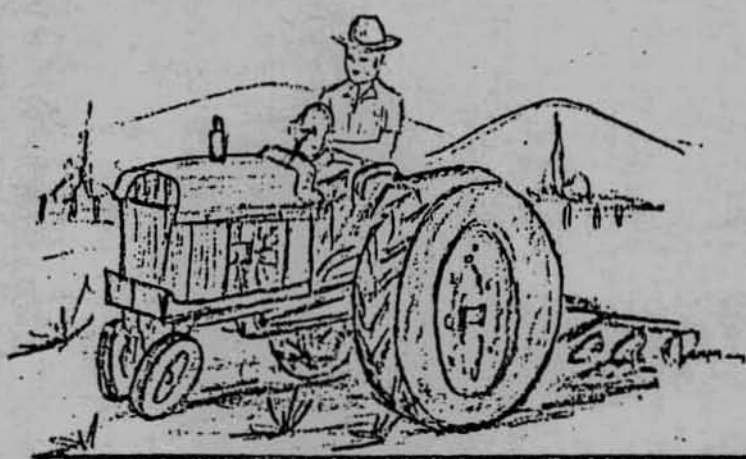
Tem muito trabalho na roça.

A limpa do terreno é custosa.

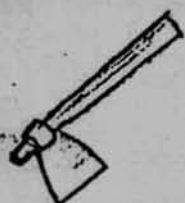
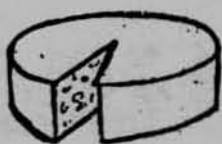
Tem muito trabalho no curral.

A lida com os bezerrros é dura

18



máquina



15



Ela colheu ^{2.} quiabo no quinta

O fogo queimou a mata

19



saíra

1

frio

cofre

fruta

frincha

sofrimento

frango

2

fraqueza

freio

frete

frita

fovelina ----- ovos

O ----- da carroça caiu

20

A colheita feita com a máquina
é melhor.

Com máquina a safra é melhor.

Benedito tem máquina?



21

armazém

1

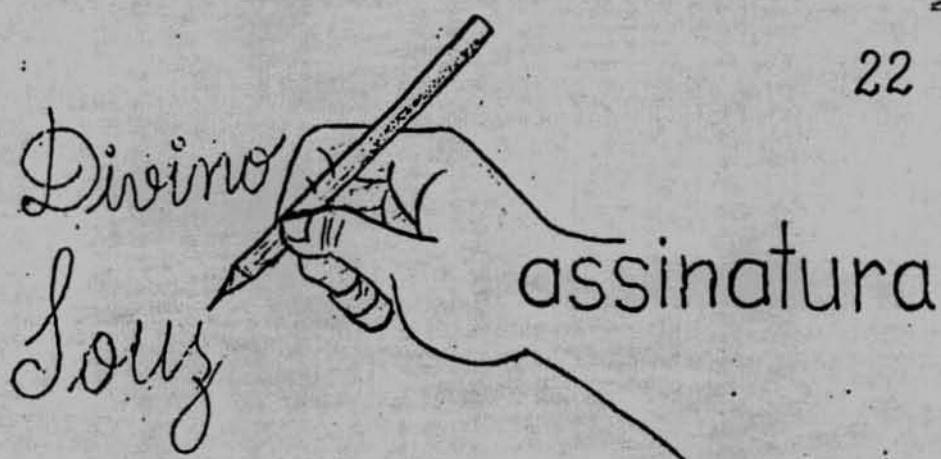
2

3

A horta

O gado com o

22



passagem arado Jussara
frieira assunto vassoura

Benedito não tem

Assinatura:

A colheita deve ser estocada.

Divino estoca a colheita no armazém.

Ele paga ao dono do armazém.

Ele deixa sua assinatura no pap



24

produção

1
professor arrozal _____
precisão preguiça _____

2

3

25



farinha

1

2

engenhoca ()

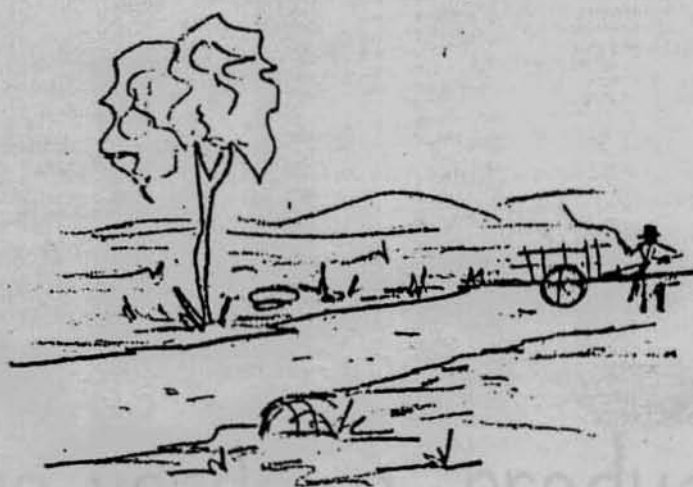
ganho ()

caminhão ()

3

De que é feita a farinha? _____

Onde você vende a sua colheita? _____



26

estrada

1

Qual é o seu ² trabalho nessa
época do ano? -----

O TRABALHO

Benedito vende sua produção na feira.

A produção é o resultado de um ano de trabalho.

Trabalho do Benedito e de toda sua família.

Nesse trabalho, Benedito deixou seu suor, seu esforço.

Esse trabalho é quase um pedaço d'ele mesmo.

A FEIRA

A feira está alegre e animada.
Muita gente da cidade
compra mantimentos na feira.
O trabalho do lavrador favorece
o homem da cidade.
Com o ganho apurado, Benedito
vai comprar roupa, calçado e
remédio de que carece a
família.
O trabalho do homem da
cidade favorece o lavrador.

A MÁQUINA

Trabalhar a terra só com o braço e a enxada é custoso. O trabalho rende pouco e flagela o homem.

Com máquina a produção é maior.

O rendimento no trabalho beneficia a todos: homem do campo e da cidade.

A máquina é instrumento de trabalho.

Ela ajuda, alivia a labuta do homem.

O lavrador tem precisão de máquina.

DIREITOS DO HOMEM

A preocupação do Benedito não é só com o trabalho na terra. Ele ainda tem que ajeitar muita coisa.

A alimentação precisa ser mais sadia.

Roupa, remédio e calçado ele vai ter que comprar.

Está faltando melhorar a casa e arranjar escola para os meninos, pois eles precisam estudar. Casa, alimentos, roupa, calçado e escola é necessidade do Benedito e de todos nós.

É direito que todo homem tem.

Anexo III

Roteiro para o Monitor

Roteiro
Para o
Monitor

Meig

LINGUAGEM

Amigo monitor!

Esse roteiro tem por finalidade favorecer seu trabalho, ajudar a sua tarefa de educar.

Aqui colocamos, de forma bem simples, a ordem e o manejo do material que vamos usar em nossas aulas.

O material consta de:

- cartaz da gravura
- ficha de reconhecimento
- cartaz das famílias
- cartaz da descoberta
- ficha resumo

MANEJO DO MATERIAL:1 - Cartaz da gravura:

- discussão da gravura
- apresentação da palavra como o resumo escrito da gravura
- guardar, de cabeça, o desenho da palavra
- mostrar e ler a palavra, de uma vez, sem divisão de sílabas.

EXERCÍCIOS:

- leitura de todos
- leitura de um em um
- leitura em grupos
- leitura só com a idéia

2 - Ficha de reconhecimento:

- combinar as fichas com a palavra, até conferir.
- ler várias vezes no cartaz e na ficha.

EXERCÍCIOS:

- leitura das fichas: em côro, em grupos, só com a idéia, etc.
- distribuição e chamada das fichas.
- jogo em que cada aluno deve ler a ficha que recebeu.

3 - Cartaz das famílias:

- apontar e ler a palavra em pedaços (sílabas)

EXERCÍCIOS:

- leitura em côro
- leitura individual
- leitura em grupos
- leitura só com a idéia (silenciosa - sempre apontando os pedaços)

- leitura do 1º pedaço
- descoberta da família do 1º pedaço no quadro negro. (Re-
ocorrer a outras palavras. Ex:

tiramos o 1º pedaço da palavra mata -ma

" o 1º " " " melado -me

" o 1º " " " milho -mi

" o 1º " " " moda -mo

" o 1º " " " mula -mu

Aí teremos a família - ma - me - mi - mo - mu

EXERCÍCIOS:

- O mesmo procedimento para descoberta das outras famílias.
- leitura das famílias:
- em coluna
- salteada

OBS: os exercícios desse cartaz não devem levar à formação de palavras.

4 - Cartaz da descoberta:

- leitura das famílias
- leitura salteada
- combinar palavras (tirar o 1º a palavra que gerou os pedaços)
- pedir aos alunos que combinem todas as palavras possíveis
- escrever no quadro todas as palavras descobertas
- exercícios com as palavras do quadro negro:
 - leitura em ôro
 - leitura de um em um
 - riscar palavras

5 - Ficha - resumo:

É o material usado pelos alunos.

A ficha-resumo contém cada palavra acompanhada de sua grafia, suas famílias desdobradas e, ainda, exercícios que vão reforçar a aprendizagem.

A distribuição das fichas é indicado pelo rádio.

6 - Esse material todo contém palavras tiradas das fases de trabalho no campo. Assim estão distribuídas:

1ª UNIDADE:

Apresentação dos personagens:

Benedito

Jovelina

IIª UNIDADE:

Desmatamento: mata
fogo

IIIª UNIDADE :

Bateção de palha: sapato
casa
enxada

IVª UNIDADE:

Plântio: chuva.
roçado ..
bicicleta

Vª UNIDADE;

Limpa: trabalho
bezerro

VIª UNIDADE :

Colheita: máquina
safra

VIIª UNIDADE :

Estocagem: armazém
assinatura

VIIIª UNIDADE:

Venda: produção
farinha
estrada

7 - INDICAÇÕES PARA OS EXERCÍCIOS DA FICHA-RESUMOPág. 1 - BENEDITO

1. Ligar a figura ao nome
tina
banana
dedo..
botina

2. Passar um risco debaixo da palavra bebida

tete	dono	bota
bebida		nota

Pág. 2 - JOVELINA

1. Copiar as palavras

Pág. 8 - CASA

1. Riscar as vogais
 casaco desejo
 aviso uso
 dúvida
2. Copiar
 opaa dia

 copina mata

Pág. 9 - ENXADA

1. Riscar a sílaba que tem a letra X
 xodó peixe mexida
 xalé enxuto farina

Pág. 10 - TEXTO

§§§§§§§§§§§§§§§§§§

Pág. 11 - CHUVA

1. Formar 4 palavras com oh

2. Separar as sílabas
 machado adubo

Pág. 12 - ROÇADO

1. Combinar as sílabas tirando palavras
2. Escrever o nome das figuras:
 lago
 roda
 saco
 ralo

Pág. 13 - BICICLETA

1. Colocar cedilha onde for necessário:
 acude doce
 vacina adoca
 poço cidade
2. Completar a sílaba que falta:
 ba... ba...
 teclado clube
 caçada tece

Pág. 14 - TEXTO

§§§§§§§§§§§§§§§§

Pág. 15 - TRABALHO

1. Tirar duas palavras dessas sílabas:

- lha - go - te - tri - do

2. Copiar as seguintes palavras:

trabalho colheita tropa

Pág. 16 - BEZERRO

1. Escrever o nome das figuras:

canivete

carroça

foice

chave

2. Completar a palavra com a família do Z ou do RR

zebu, corrida

carro, amizade

torrado, cozido

fazenda

3. Copiar:

zeloso

zurra

terra

Pág. 17 - TEXTO

§§§§§§§§§§§§§§§§

Pág. 18 - MÁQUINA

1. Escrever o nome das figuras:

queijo machado

quinze, quiabo

2. Copiar:

Ela colheu quiabo no quintal.

O fogo queimou a mata.

Pág. 19 - SAFRA

1. Frio. cofre . fruta.

frincha sofrimento frango

Risque:

a) o nome da ave

b) o buraco onde fica o barbeiro

c) do objeto que serve para guardar dinheiro

2. Escolha a palavra certa para completar a frase:

fraqueza freio frete frita

Jovelino..... ovos.
O..... da carroça caiu.

Pág. 20 - TEXTO

5555555555555555

Pág. 21 - ARMAZÉM

1. Tirar outras palavras do nome armazém.
ar zó
arma mã
2. Formar palavras com:
ar
e
m (final) ..
3. Completar a frase:.....
A horta
O gado (engorda) com o (capim) - ditado

Pág. 22 - ASSINATURA

- Jussara, frigideira, arado, vassoura, passagem, assunto
1. Riscar:
a) o nome de cidade
b) o nome de uma doença que ataca o gado
c) o nome de um objeto usado na limpeza da casa
d) o nome do instrumento de trabalho.
 2. Completar:
Benedito não tem leitura
Ditado:
Toda pessoa tem direitos
 3. Assinatura

Pág. 23 - TEXTO

5555555555555555

Pág. 24 - PRODUÇÃO

1. Escolher duas palavras da lista e copiar na linha pontilhada.
professor arrozal
precisão preguiça
2. Escrever uma frase com a palavra mutirão
3. Formar uma frase sobre a gravura acima.

Pág. 25 - PARINHA

1. Formar duas palavras que tenham nh

2. Escrever nos parênteses o número de sílabas.

engenhoca ()

ganho ()

caminhão ()

3. Responder:

a) de que é feita a farinha?

b) onde você vende sua colheita?

Pág. 26 - ESTRADA

1. Ditado:

A chuva estragou a estrada.

2. Responder:

Qual é o seu trabalho nessa época do ano?

Pág. 27 - TEXTO

Pág. 28 - O trabalho

Pág. 29 - A feira

Pág. 30 - A máquina

Pág. 31 - Direitos do homem

Pág. 32 - O homem e Deus.

Os exercícios que se seguem devem ser aplicados diariamente na primeira semana de aula, de acordo com a indicação do rádio.

São exercícios de coordenação motora, com a finalidade de fortalecer os músculos da mão, firmar o punho e, assim, favorecer a escrita.

Nota : os exercícios estão na folha seguinte.

OBSERVAÇÃO:

A partir da palavra bezerro, o material fica resumido, no cartaz da gravura, ficha de reconhecimento e as fichas de aluno.

Nas fichas - resume há uma porção de exercícios que ajudam a firmar cada palavra que é apresentada.

Logo abaixo colocamos cada uma dessas palavras (de bezerro até estrada), acompanhada de uma lista de outras que possuem as mesmas dificuldades. Com essas palavras podemos combinar várias atividades.

bezerro

zebu	terra
zeloso	garra
zurra	garrote
anzol	derrubada
zoada	amarrotada
reza	arruaça
azar	arreo
Zacarias	arroz
Isabel	arrôba
zombaria	varruga
carroça	

nafrá

fraco
frio
frete
fronteira
Francisca
Alfredo
fritura
frota

máquina

queimada
quilo
quem
aquêlo
quente
quebrado
aqui

armazém

arma
urna
jardim
cupim
também
armário
armador
orvalho
martelo
hora
história
homem

assinatura

assin
tasso

osso
misso

assinado
possível

assobio
passcio

posso

produção

compra	aprovação
provocar	proveito
profissão	violão
preço	precisão
prateleira	questão

farinha

farofa	carinho
boronha	piranha
farelo	araruta
amarelo	pássaro
Maria	namorada
untirão	

estrada

estrage	estiada
resma	rosto
ama	gostar
gasto	pasto
paste	respiração
mistério	

Dissertação apresentada aos senhores

Nome dos componentes
da Banca Examinadora

Américo Favre
João de Almeida
João de Almeida

Visto e permitido a impressão

Rio de Janeiro, / /

Newton Carneiro
Coordenador Geral de Ensino

Maria Inês Costa Calvo
Coordenador Geral de Pesquisa